

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1968 N.º 16 462 ANO 48.º UM ESCUDO



VEJA AS NOVIDADES DA SÉRIE

**TRIUNFO
DA
TÉCNICA**

NOS AGENTES

PHILIPS

VIETNAM: IMINENTE O FIM DOS BOMBARDEAMENTOS

— CONFIRMA O PRIMEIRO-MINISTRO DA AUSTRÁLIA

CANBERRA, 17 — (A. N. I.) — Resta apenas chegar a acordo sobre um ponto, para que os Estados Unidos possam anunciar a suspensão total dos bombardeamentos ao Vietnam do Norte — declarou esta manhã o primeiro-ministro da Austrália, John Gorton.

As negociações entre os Estados Unidos e o Vietnam do Norte «arrastam-se há já alguns dias, e com um pouco de sorte o presidente Johnson poderá em breve fazer a esperada declaração» — afirmou o primeiro-ministro australiano. «Tudo o que posso dizer é

que nos temos mantido em contacto permanente com os Estados Unidos, sobre as conversações que têm decorrido em Saigão, Paris e Washington» — prosseguiu Gorton.

«Não discuti pessoalmente a questão com o presidente Johnson, mas tenho sido informado de tudo o que se passa por intermédio do nosso ministro dos Negócios Estrangeiros, Paul Hasluck, e do secretário de Estado norte-americano Dean Rusk» — afirmou o primeiro-ministro aos jornalistas.

A Austrália informou já os Estados Unidos da sua posição relativamente a uma eventual suspensão dos bombardeamentos ao Vietnam. Tal informação foi dada a título particular, e não é minha intenção discuti-la agora — sublinhou.

«O problema é tão delicado que não quero pronunciar-me antes de Washington divulgar um comunicado oficial sobre o assunto» — concluiu o primeiro-ministro australiano.

OS PROFESSORES PRIMÁRIOS VÃO SER AUMENTADOS?

Embora sem qualquer confirmação oficial, chegou-nos a notícia de que está a ser objecto de estudo um aumento no vencimento dos professores primários.

Sabemos ainda que alguns professores efectivos e colocados em escolas da sua conveniência desistiram da ideia do ingresso no Ciclo Preparatório, aguardando a conclusão daquele estudo.

Salienta-se, por outro lado, que o ministro da Educação Nacional, sr. dr. José Hermano Saraiva, durante uma visita que fez a escolas primárias de Lisboa, no dia da abertura das aulas, aludiu à situação material do professorado, afirmando que ela o preocupa e que está a estudá-la na esperança de resolver os problemas mais prementes.



Alexei Kossyguine (à esquerda), chefe da delegação soviética que, ontem, chegou a Praga para a assinatura do tratado russo-checo, foi cumprimentado no aeroporto da capital da Checoslováquia, pelo primeiro-ministro deste país, Oldrich Cernik. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»).

«Jornal do Comércio»

Iniciou hoje o 116.º ano de publicação o nosso prezado colega «Jornal do Comércio», decano dos diários de Lisboa.

Ao seu director, sr. dr. Fausto Lopo de Carvalho, e a todos os seus colaboradores apresenta o «Diário de Lisboa» as suas saudações.

FACULDADES DE LETRAS — UMA REFORMA EM QUESTÃO

O «Diário de Lisboa», sempre atento aos problemas do ensino e da educação, entendeu ser oportuno, neste momento em que também neste campo parecem estar a ser encarados a sério e em profundidade, numa visão mais arejada e moderna, algumas das suas questões candentes, promover alguns inquéritos sobre aqueles mesmos problemas, nomeadamente sobre os da Universidade, que são dos que se encontram na primeira linha e o Governo parece firmemente disposto a resolver em primeiro lugar.

A confirmar este asserto está o facto de na segunda reunião do novo Conselho de Ministros, como

ontem noticiámos, se haver deliberado promover um amplo inquérito, dentro e fora da Universidade,

e com vista à Reforma da mesma, há tanto tempo reclamada dos mais diversos sectores. Ora, julgamos

que este amplo inquérito que oficialmente se vai promover não prejudica de modo nenhum o interesse e a oportunidade daqueles que entretanto já tinhamos programado — antes pelo contrário, pensamos que estes podem dar alguns válidos e positivos

(Continua na pág. seguinte)



JACQUELINE



ONASSIS

JACQUELINE VAI CASAR-SE COM ONASSIS

— SEGUNDO UM JORNAL DE BOSTON

BOSTON, 17 — (R.) — Um jornal desta cidade diz hoje que Jacqueline Kennedy, viúva do presidente Kennedy, vai casar com o magnate grego Aristotle Onassis. A sr.ª Kennedy tem 39 anos e Onassis 62.

O «The Boston Herald-Traveler» diz que o casamento poderá efectuar-se ainda este mês «e, em todo o caso, antes do Natal».

Onassis é um velho amigo da família Kennedy e passou o último fim-de-semana na casa de Hyannis Port.

«O local do casamento é um segredo bem guardado mas soube-se que Nova York, Maryland e uma cidade europeia são os sítios mais prováveis», acrescenta o jornal.

A sr.ª Kennedy e outros membros da sua família têm feito frequentes cruzeiros a bordo do luxuoso iate de Onassis, «Cristina».

**Agitação
estudantil
em
Espanha**

(Ler na pág. 11)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

FACULDADES DE LETRAS: O ENSINO EM QUESTÃO

MÉRITOS E INCONVENIENTES DA CHAMADA REFORMA

APRECIADOS PELO PROF. JACINTO DO PRADO COELHO



PROF. PRADO COELHO

(Continuação da pág. anterior)

contributos para ele, dentro de um espírito de diálogo que se quer seja o desta hora.

Assim, principiamos hoje a publicar as respostas ao primeiro desses inquéritos, que lançamos imediatamente depois de ser conhecido o teor da (impropriamente) chamada Reforma das Faculdades de Letras. E dizemos imprópriamente chamada Reforma, porque, de facto, não se trata de uma verdadeira reforma, com tudo que isso implica de repensar as questões essenciais do respectivo ensino, mas de um arranjo ou de uma medida mais ou menos de emergência tendente a resolver alguns problemas imediatos e a criar aquele «segundo nível» de ensino universitário que o prof. dr. Orlando Ribeiro inteligentemente defendeu numa série de importantes artigos publicados nas colunas do nosso jornal e depois reunidos em volume — ou seja, o nível «da preparação simplificada e rá-

pida dos quadros técnicos do ensino». Por isso, do mesmo passo que se recolhem depoimentos sobre o actual arranjo, pensa-se estar já a dar um contributo para a futura, a verdadeira, Reforma, que o espírito lúcido, aberto e atento do actual ministro da Educação Nacional, sr. dr. José Hermano Saraiva, encarará também como necessária.

Por outro lado, depondo sobre as medidas concretas, e ainda restritas, agora tomadas, os nossos entrevistados não deixarão, também, certamente de equacionar os problemas mais amplos que lhe estão subjacentes, a começar pelo da Reforma da Universidade, que com todos os relaciona e entrelaça. Assim, é já, e também, da própria Reforma da Universidade que se fala, ou para que se aponha, num depoimento notável como é este primeiro que hoje publicamos da autoria do sr. dr. Jacinto do Prado Coelho, professor catedrático do curso de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

se o melhor aproveitamento do tempo para a formação de bons professores das liceus e escolas técnicas... A «reforma» (mais propriamente um «arranjo»), uma nova arrumação de cadeiras já existentes em função do bacharelato, agora criado, e da licenciatura não deve, pois, ser julgada por aquilo que não pretendeu ser; continuamos a espera duma verdadeira reforma das Faculdades que, felizmente, se conta entre as primeiras preocupações do actual Governo, e que se integrará na ambiciosa reforma total da Universidade portuguesa. Entretanto, e pondo de lado pormenores discutíveis da referida arrumação (facilmente sanáveis se se considerar que os meses que vão seguir-se constituem uma fase experimental, após a qual se farão os necessários reajustamentos), a chamada «reforma» tem desde já para nós, professores universitários, o mérito de nos obrigar a um exame de consciência e de nos convidar a pensar muito seriamente no que é e no que deve ser a Universidade no nosso tempo e no nosso País.

2. Apenas uma observação, em parentesis, atendendo à finalidade do «arranjo» a que se procedeu. Parece-me que ele foi prejudicado por se submeter ao esquema tradicional das licenciaturas em Letras, em que, de momento, se julgou conveniente não tocar. Por exemplo: se não erro muito, os bacharéis em Filologia Germanica, quando professores do ensino secundário, serão mais vezes chamados a ensinar a língua portuguesa (para o que não recebem, na Universidade,

qualquer espécie de preparação) do que a ensinar a língua alemã. Não seria mais adequado, às próprias necessidades do ensino secundário oferecer aos alunos três possibilidades: o bacharelato em Inglês e Português, o bacharelato em Inglês e Francês e o bacharelato em Alemão e Português — além do actual bacharelato em Inglês e Alemão?

● Apreensões causadas pela criação do bacharelato

3. A criação do bacharelato e duma licenciatura em novos moldes não pode deixar de causar certas apreensões. Nós, professores universitários (às vezes um tanto distraídos dos problemas pedagógicos), vamos navegar entre Cila e Caribdis, temos de evitar com igual cuidado dois perigos reais. Voltamos a sentir agudamente a ambiguidade da função das Faculdades de Letras, que, segundo o texto da reforma de 1957, têm como primeira finalidade «a formação de um escol no domínio das letras e da cultura humanística, em sentido lato», mas que, cada vez mais, tendem a transformar-se em Escolas do Magistério Secundário. Há países em que estas Escolas são distintas das Faculdades. Em Portugal, porém, a duplicação será possível ou até desejável? De qualquer modo, se o que se pretende é preparar, o melhor e mais rapidamente possível, professores do ensino secundário, então, devemos renunciar, no bacharelato, a cursos excessivamente monográficos e de minuciosa especialização «desinteressada».

da». Incumbe-nos coordenar a elaboração de programas e a adopção de métodos de acordo com uma visão de conjunto que se preze de realista. Mas outro perigo é manifesto: o de se baixar o nível do ensino universitário de Letras, por se considerar, de modo mais ou menos consciente, a tarefa de fabricar bacharéis menos universitários que a de formar licenciados. Uma coisa é preciso não esquecer: que os professores do ensino secundário que ambicionamos não são apenas «técnicos», mas homens cultos aptos a cultivar, nas suas múltiplas facetas, a personalidade dos alunos. Pois como poderia olvidar-se, numa Escola de Humanidade, que o objectivo ultimo, em todos os níveis do ensino, é a formação integral de homens?

● Favorecer o que é vivo e renovador

4. A prometida reforma da Universidade portuguesa terá de basear-se numa revisão longamente meditada da concepção do papel da Universidade numa sociedade moderna e da concepção da pedagogia universitária. Propõe-se o Governo promover um largo inquérito preparatório dentro e fora da Universidade, e só podemos felicitar-nos por esse facto: a Universidade é de todos nós — ou devia ser sentida como tal. Vão defrontar-se opiniões diferentes: cultura desinteressada ou cultura «empenhada»? centralização ou autonomia? politização ou despolitização? ensino e investigação unidos ou separados? Por mim, creio que se ganharia em sacrificar algum tanto o espírito geométrico, a que presta culto a burocracia, em benefício da variedade, da ductilidade; por outras palavras: em favorecer o que é vivo e renovador em detrimento da uniformidade e do formalismo estagnantes. Nós não temos um verdadeiro Ministério da Educação Nacional — costumava lamentar Delfim Santos, que era o unico catedrático português de Pedagogia; temos, sim, um Ministério de Administração Escolar. Multiplicar especializações, instituir, por exemplo, uma licenciatura em Pedagogia, outra em Psicologia? Sem duvida. E também tornar mais maleáveis os planos de estudos, facultar melhores condições de trabalho, promover menos aulas magistrais e mais pesquisas, mais trabalhos de seminário, mais diálogo, mais

estímulos para a iniciativa pessoal e o espírito crítico, ao mesmo tempo que fomentar o espírito de equipa. A minha experiência docente levava-me a ter uma grande confiança na qualidade humana do aluno universitário português.

● Relações entre o ensino e a investigação

5. Não quero terminar sem desenvolver um pouco um dos temas enunciados, que, no fim de contas, se relaciona com as apreensões quanto à pedagogia ao nível do bacharelato. Refiro-me às relações entre ensino universitário e investigação. Decerto, a investigação deve alimentar continuamente o ensino universitário, e o bom professor universitário será, também, forçosamente, um investigador — ou um criador —, não um simples expositor. Já no século XVIII ponderava Matias Aires, no *Problema de Arquitectura Civil*: «Os mestres que ensinam por obrigação julgam (não sei se bem) que cumprem a sua obrigação ensinando só aquilo de que foram ensinados, e não o que alcançaram por si mesmos». Eu associo a actividade docente à alegria da descoberta e da criação em comum. Sucede, no entanto, que muitos investigadores chamados ao ensino apenas por o serem, se revelam medíocres professores; quando muito úteis no ensino para, episodicamente, comunicarem em seminários ou colóquios os resultados ou o estado actual das suas pesquisas, com os inerentes problemas do método. É assim desejável distinguir as carreiras de professor e de investigador, embora considerando complementares as suas actividades. E criar em Portugal estruturas, que actualmente quase não existem, para a investigação no domínio das ciências humanas (até hoje, aparentemente, julgadas menos necessárias, por menos rendosas, que as outras). Os problemas do ensino universitário estão, a meu ver, estreitamente ligados à falta de organismos anexos à Universidade onde, com continuidade e segurança, não ao sabor da generosidade ocasional dos Planos de Fomento, se realice investigação, com olhos postos, predominantemente (mas não exclusivamente), nas realidades nacionais.»

«Continuam à espera da verdadeira reforma»

«1. Por enquanto, não são precisamente as Faculdades de Letras que estão de parabéns. E' que a chamada «reforma» que instituiu o bacharelato tinha em vista tão-só (esse pouco!) acudir a um dos mais graves problemas nacionais: o recrutamento de professores para o

ensino secundário. Problema de tão urgente solução que, envolvendo o numero e a qualidade dos docentes, obriga a fazer concessões quanto à qualidade para assegurar o numero indispensável. E daí, cumpre reconhecer: talvez nem tudo, no ensino que se fazia nas Faculdades, fos-

DE ONTEM PARA HOJE

A RETAGUARDA E A PRIMEIRA LINHA

A cerimónia de cumprimentos ao novo secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, que ao fim da tarde decorreu no Palácio Foz, contou com a presença de inúmeras pessoas, entre as quais os presidentes de diversas corporações, altas patentes das Forças Armadas, individualidades ligadas à indústria do Turismo, presidentes do Grémio da Imprensa Diária e do Sindicato dos Jornalistas, adidos de Imprensa e culturais das embaixadas acreditadas em Lisboa e representantes dos órgãos de informação.

Acompanhado pelos ministros de Estado, Obras Publicas, Educação e Corporações, secretário do Comércio e subsecretários do Orçamento, das Obras Publicas e Administração Ultramarina, o dr. Moreira Baptista entrou na sala da Imprensa, onde o dr. Paiva Brandão, secretário-geral da Presidência do Conselho, o saudou durante um discurso em que se referiu à necessidade de se proceder «à renovação de métodos e processos que a presente conjuntura venha a aconselhar».

O novo secretário, depois de prestar homenagem a Salazar, disse: «Batalha de informação é a que na retaguarda vai contribuir para que possam ser vencidos tão grandes combates da primeira linha». E acerca dos jornalistas portugueses afirmou: «Têm sido o símbolo das virtudes duma profissão que merece o maior respeito pela função que especialmente lhe incumbe».

Sobre o incremento turístico disse ser seu propósito aumentar, se possível, o esforço do dr. Paulo Rodrigues.

A AMBULANCIA EM CHAMAS

Uma ambulancia do Batalhão de Sapadores Bombeiros, que transportava um elemento da corporação, doente, para uma clinica, voltou-se na Alameda das Linhas de Torres, incendiando-se. Pessoas decididas que se encontravam no local valeram aos quatro ocupantes da ambulancia (o motorista, o doente e sua mulher e o macaqueiro), evitando que perecessem de forma trágica. Transportados ao Hospital de Santa Maria, verificou-se que nada sofrera o motorista, sr. Ma-

nuel Fonseca Clemente, de 32 anos, tendo ficado internado o casal (Bernardino Catana, de 48 anos, morador em Odivelas, e a mulher, D. Maria da Direita Catana, doméstica), por terem ambos sofrido queimaduras e ferimentos. O macaqueiro, sr. António da Costa Pinto, de 47 anos, recebeu tratamento, após o que recolheu a casa.

O acidente provocou um engarrafamento monstro na Alameda, onde habitualmente o trânsito já se faz com grande dificuldade.

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu ontem em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. almirante Laurindo dos Santos, vice-chefe do Estado-Maior da Armada; eng.º Jorge Jardim e eng.º Luis de Azevedo Coutinho.

Estiveram igualmente em Belém, onde foram recebidos pelo almirante Américo Thomaz, os srs. profs. Herculano de Carvalho e António Maria Godinho, respectivamente reitor

e vice-reitor da Universidade Técnica de Lisboa, que o convidaram a presidir no dia 12 de Novembro às 15 horas, na Escola Superior de Medicina Veterinária, à sessão solene de abertura do ano lectivo daquela Universidade.

O sr. Presidente da Republica recebeu também os membros da comissão da Feira de S. Martinho, da Golegã, srs. Joaquim Falcão de Vasconcelos, eng.º Fernando Sommer de Andrade, Manuel Tavares Veiga, dr. Carlos Tavares Veiga e

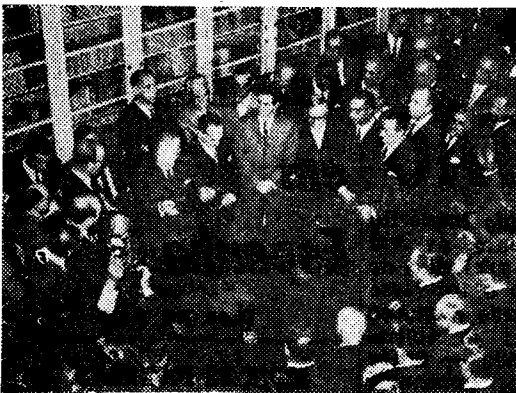
Fernando Saldanha Mendes. Aquelas individualidades, que se faziam acompanhadas do sr. dr. Bernardo Mesquita, governador civil do distrito de Santarém, apresentaram saudações ao sr. almirante Américo Thomaz, a quem fizeram entrega de um album com fotografias da sua visita ao certame do ano passado. Também dirigiram convite ao supremo magistrado da Nação para estar presente no acto inaugural da próxima Feira, no dia 11 de Novembro.

O NOVO DIRECTOR DE ECONÓMICAS E FINANCEIRAS É HOJE EMPOSSADO

Na reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, que funciona no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, decorre hoje, ao fim da tarde, o acto de posse do sr. prof. Jacinto Nunes, que é o novo director do I. S. C. E. F.

A posse é conferida pelo sr. prof. Herculano de Carvalho, reitor da Universidade Técnica, que saudará o novo director. Responderá o sr. prof. Jacinto Nunes, para agradecer a honra que agora lhe é conferida. Devem assistir à cerimónia todos os professores de Ciências Económicas entre os quais dois actuais membros do Governo, os srs. prof. Gonçalves da Proença, ministro das Corporações, e Costa André, subsecretário de Estado do Tesouro, além de outros que já foram chamados a desempenhar idênticas funções.

O sr. prof. Gonçalves Pereira, director cessante, não assiste à cerimónia, a conselho do seu médico, recentemente, um enfarte de miocárdio.



Um aspecto da biblioteca do Palácio Foz, no momento em que o dr. Moreira Baptista proferia o seu discurso

QUE É O HOMEM? — I

Por JOEL SERRÃO

QUE É O HOMEM? Que é o homem, esse animal enigmático que se não limita a ser pois se interroga sobre o seu ser, a quem o simples existir não basta pois problematiza, a todo o momento, o sentido da própria existência? Não alimentemos grandes ilusões: não será possível definir homem, tal como se tratasse de triângulo ou de pinheiro ou de cavalo.

A razão da dificuldade lógica reside em que só as ideias são passíveis de definição — e o homem não é apenas uma ideia. Quanto a esta, a ideia de homem, é-nos impossível o distanciamento lógico, implicado em todo acto de conhecer, entre o sujeito cognoscente e o objecto conhecido. Ao definir **homem**, o homem compromete-se e limita-se, torna-se estranho a si mesmo, desproblematiza-se, ou seja, desumaniza-se. A ideia de homem fica, pois, aquém daquilo que **somos**. Mas que somos nós?

Animal racional (ou criador de símbolos, como pretende Cassirer)? Animal social ou político, como queria Aristóteles? Por excelência, animal metafísico e esfíngico? Ou, antes, **homo faber**, para o qual o fazer é a sua marca distintiva? Como isolar, porém, o fazer do pensar e do falar?

A verdade, nebulosamente entrevista, é que ele é **tudo** isso — e **mais** alguma coisa ainda que, implacavelmente, extravasa de qualquer definição.

A sociabilidade ou a operatividade técnica são, evidentemente, comuns a outras espécies animais, conquanto em níveis diferentes: será necessário lembrar as insignificantes formigas e abelhas ou os castores? A racionalidade, como tal, é sem dúvida uma marca distintiva do comportamento humano, apesar das formas de inteligência detectadas por Koehler em macacos; simplesmente ocorre que a racionalidade não esgota as virtualidades humanas, o mesmo acontecendo com o símbolo, o qual postula isso que ele revelaria. Mas que é isso que o símbolo tornaria patente? Poderá, acaso, reduzir-se à razão aquilo que o símbolo, pelos invios caminhos que são os seus, explicita? A religião e a arte serão, porventura, predominio da razão? A simples pergunta insinua, como é óbvio, uma resposta claramente negativa.

Seríamos, pois, tentados a reter, nem que seja provisoriamente, a apetência metafísica do enigmático ser que é o homem, desse animal apto a perguntar e em tornar problemática a resposta alcançada, como a sua característica exclusiva. Todavia, algumas dificuldades se erguem, e de monta. Que sabemos nós, em última instância, confinados ao nosso universo

humano, das vivências dos «irracionais», que os impelem aos arroubos do canto e do amor, aos sacrifícios da maternidade, aos impetus da feroz luta mortal? O conceito de instinto, aliás em revisão, tem-nos servido aí, com excessiva comodidade, para estabelecer limites infranqueáveis... E naquilo que, especificamente, nos toca, será pertinente afirmar-se que todos os homens, como tais, são dotados dessa misteriosa apetência metafísica, que seria o sinal mais característico da espécie? Se assim fosse, como explicar esse estranho e permanente divórcio entre os homens-filósofos e os homens comuns? Assim, parece

aqueilo que a todos nós dis-

também a ritmos diversos, dessoutros que impelem a evolução das espécies. A história humana não é, pois, tão só um capítulo da história natural: é uma história qualitativamente diversa, isolável, como tal, do contexto da história da vida. Só nós sabemos que evoluímos no tempo, e sabendo-o, e ao sabê-lo, e enquanto o sabemos, instalámo-nos numa comunidade diversa da animal, — a pátria humana. Pátria essa, todavia, que o facto de concluí-la não basta para nos tranquilizar acerca do que era, inequivocamente, signifique. O enigma mantém-se.

Olhemos para esse rastro humano na poalha evanescente do tempo definitivamente transcorrido. Que se divisa aí? Sem dúvida, uma penosíssima ascensão à pátria humana (não durou o paleolítico centenas de milhar de anos?), mediante o diálogo entre a mão e a palavra, entre o fazer e o pensar, entre o acto e a ideia. Um animal a desanimalizar-se, entrado em mutação, em conflito consigo mesmo e com o meio. E o suor do trabalho e do esforço; as alegrias do amor, da dança e do canto; a tristeza e a dor da doença, da velhice e da morte; e o furioso e cego desencadear das emoções com o seu cortejo trágico de ódio, de violência, de morte e de guerra. E que fica dele, a atestar a sua especificidade? Os alicerces das cidades sumérias? As pirâmides egípcias? Logo nos acode, aí de nós!, o exemplo das enormes construções das térmitas ou as vochas constituídas por minúsculas conchas de for-

miníferos... Tudo detritos, mais ou menos visíveis ainda, mas sujeitos a implacável destruição, de algo que para sempre se evanou... Só vagamente se apreende, por essa via, algo da substância humana: detritos que balizam uma evolução, que assinalam as pegadas do movimento humano, nas areias do tempo, enquanto, por outro lado, as termiteiras ou as colmeias de hoje, incessantemente construídas e destruídas, são, pelo menos, da mesma traça das que havia no tempo de Sócrates e de Platão.

Todavia, nem só vestígios dessa natureza atestam o movimento do homem no transcurso histórico. A «Ilíada» e a «Odisséia», a «Divina Comédia», o «Fausto»; o escriba acorçado, a Vitória de Samotrácia, as pinturas de Botticelli; o «Avesta», a «Bíblia», o «Corão», para além do pouco de matéria que são (pergamínio, papel, papel, pedra, cores, etc.), abrem-nos os portais de algo que não cabe na materialidade do vestígio: a comunidade humana, presente na palavra e naquilo que ela encobre ou entremostra, no símbolo, no valor.

É que, além de tudo o mais, o homem é um animal que fala e se exprime pela linguagem lógica ou estética. Que fala porque pensa e pensa porque fala. E esta sua condição distingue-o, radicalmente, das outras espécies animais: como ensina Cassirer, «a diferença entre a linguagem proposicional e a linguagem emotiva representa a verdadeira fronteira entre o mundo humano e o animal».

Nota do dia

SOMOS TODOS INTERESSADOS

A **RELATIVA PORMENORIZAÇÃO** do comunicado sobre a reunião de anteontem do Conselho de Ministros havemos de a entender também como sinal de um estilo em que é possível vislumbrar simultaneamente o método e as intenções; não só se especifica, onde é possível, o sumário do que se tratou, como se dá conta de um esforço no sentido de revelar, até onde o permite a própria natureza dos assuntos focados, a orientação escolhida.

Julgamos de sublinhar estas circunstâncias na medida em que nos parece conter-se nelas o desejo, por parte do Governo, de manter o País informado do trabalho e das intenções da Administração. Parece-nos possível, com efeito, entender nisto dois pontos principais. Por um lado, verifica-se o reconhecimento do que é a singular posição de um governo, qualquer que ele seja, pois que o Governo — passe o verbo que é susceptível de discussão mas simplifica a linha do que se pretende dizer —, pois que o Governo manda em nome de quem é mandado. Por outro lado, não é apenas o que possa entender-se como desejo ou propósito de ir dando contas, mas parece-nos que, mais profundamente que isso, está aí implícito o que pode valer como contribuição útil para que se ganhe correntemente consciência do que é a coisa pública.

Este segundo ponto deve entender-se, parece-nos, como particularmente importante. O Governo (qualquer governo) não pode trabalhar, não conseguirá trabalhar com a consciência de o fazer útilmente permanecendo em circuito fechado. Dispõe certamente dos poderes para a iniciativa da decisão, mas se o fizesse em abstracto, sem ter em conta que as normas a decidir se destinam a regular as relações entre os cidadãos, as obrigações e os direitos dos cidadãos, ignorando a própria condição da cidadania, como haveria de esperar-se delas o acatamento sistemático e consciente?

O Governo **eleva-se, valoriza-se** e ganha autoridade na medida em que elevar e valorizar a condição dos cidadãos. Com cidadãos abúlicos, desinteressados, desatentos — passivos, afinal — o Governo (qualquer governo) isola-se e abstrai-se. Pelo contrário, a comunicação útil e oportuna, a chamada de atenção dos interessados, que somos todos nós, para o que é o seu próprio interesse, desperta o gosto salutar da cidadania e contribui para eliminar o fosso entre governantes e governados.

Aviso do «Osservatore Romano» aos católicos de esquerda

ROMA — Outubro — (De um correspondente particular) — Durante um congresso em Reggio-Emilia, os grupos espontâneos, onde se manifestam os círculos e as revistas

dos católicos dissidentes, lançaram as bases das assembleias de trabalho político que devem, através de todo o país, definir os acordos de uma nova esquerda.

Perante o desenvolvimento da discussão entre os católicos italianos, o «Osservatore Romano» fez uma prevenção, numa breve nota não assinada, publicada no local mais re-

presentativo do jornal. Respondendo à acusação de «tendência moderadora» feita pelos grupos da oposição interna nas comunidades eclesiais, sociais e políticas, o jornal da Santa Sé recorda que os responsáveis não podem deixar de seguir uma linha equilibrada entre os diversos interesses opostos e concretos, nem entregar-se a uma acção utópica a uma palavra desatentada ou exasperante. «Não se deve confundir — diz o «Osservatore Romano» — o aspecto concreto, positivo e, por conseguinte, delimitado duma maneira de agir responsável com a moderação derrotista e imobilista. São em geral os acusadores desta pretensa «moderação» quem, quer queiram quer não, concordam com os métodos e as forças que condiciona enormemente as suas veleidades de audácia, obrigando-os a marcar passo, até à renúncia

(Continua na pág. seguinte)

RECTÂNGULOS DA VIDA

A ESTRELA DA MANHÃ

E eis-nos neste dia de hoje que nunca mais volta a repetir-se. É um dia baço, aparentemente vulgar, igual a todos os dias em que nada por nada ser acontece. Acordámos, comemos, trabalhamos, logo deitar-nos-emos para dormir, depois de ver um pouco de televisão ou de ter ido ao cinema. Coisas vulgares que todos os dias se repetem. Qual! Que nunca se repetem porque cada momento é diferente e tem, por assim dizer, a sua impressão digital. Então o dia de hoje, este dia que vamos esquecer, que já começámos a esquecer, foi único.

As coisas que aconteceram neste 13 de Outubro! Três africanos, por exemplo, (um abexim, um tunisino e

um queniano) ganharam medalhas nos Jogos Olímpicos; e o Duque chegou ao México pilotando um avião real; e uma mulher, em Lisboa, abandonou um filho; e Smith, na Rodésia, disse que na sua geração, nunca!; e um sis-

por
**MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO**



mo destruiu uma povoação não sei onde mas era longe como tudo; e o filho de Kennedy ia nascer; e... e... Meu Deus, tanta coisa num só dia aparentemente igual a todos os outros dias!

E eis ainda que, agora me recorde, três americanos constipados andaram pelo cosmos a assoar-se e a contar as estrelas. E cá em baixo, na Terra, do outro lado do mar, morreu um grande poeta que em tempos desejara ardentemente possuir a estrela da manhã, e que pedira a amigos e inimigos que lhe fossem buscar. «Digam que sou um homem sem orgulho/ Um homem que aceita tudo/ Que me importa?/ Eu quero a estrela da manhã.»

Quantas estrelas terão contado Schirra e os seus companheiros, lá em cima, constipados? E a estrela da manhã estaria onde sempre morou, ou teria descido ao Rio de Janeiro a fim de velar o velho poeta morto?

DE
«LE MONDE»
em exclusivo para o
«DIÁRIO DE LISBOA»

O BEM-ESTAR SOCIAL FAZ PARTE DA SAÚDE

— diz uma informação da O. M. S.

«O médico de hoje sabe que a Medicina não é apenas uma ciência biológica, mas também uma ciência social, e que os remédios sociais podem ser menos onerosos e mais eficazes que os remédios biológicos», afirmou o director-geral da Organização Mundial de Saúde, dr. Candau, na sua alocução à Comissão Regional da Europa, realizada nos últimos dias de Setembro em Varna, Bulgária.

«No decorrer dos últimos vinte anos», disse também o dr. Candau, «as ciências e a tecnologia progrediram rapidamente e criaram a necessidade de adquirir, em

ritmo constante, novos conhecimentos, de penetrar pela investigação nos segredos da natureza e de aplicar os conhecimentos adquiridos para o bem comum». Quanto à Europa, foi aquele especialista de opinião que «deve desempenhar um papel importante no progresso das outras regiões».

A Comissão Regional da Europa esteve reunida sob a presidência do ministro búlgaro da Saúde e Previdência Social, dr. V. Kalajdziev. Foram eleitos quatro novos dirigentes: os vice-presidentes dr. Esther Amundsen (Dinamarca) e dr. L. Faradi (Hungria),

e os relatores dr. O. Chepine (Rússia) e dr. J. de Coninck (Bélgica).

O que é a saúde

Durante os trabalhos da Comissão Regional estiveram em discussão outros problemas, como o da profilaxia das doenças cardio-vasculares (que ainda não suscitou a atenção que merece) e o dos programas da saúde mental da infância (a reavaliar nos próximos anos).

Mas o tema dominante foi, de facto, o papel do médico. «Estamos no limiar de uma nova era em que a acção médico-

social completa deverá ser produto de um trabalho de equipa», disse «Sir» Max Rosenheim, que precisou também: «O médico de amanhã há-de ser levado, por formação, a reconhecer a individualidade do doente e identificar simultaneamente as suas perturbações psicológicas e físicas. Continuando apto a recorrer, se necessário, aos milagres da ciência moderna, o médico deverá servir-se sempre da sua personalidade própria e da sua compreensão para ajudar os doentes a atingir esse estado de completo bem-estar físico, mental e social que se chama saúde».

DA DILIGÊNCIA AO JACTO

Viagem TAP oferecida ao cliente pioneiro da aviação comercial

A propósito da evocativa dos primórdios da aviação comercial no nosso País (ontem feita no nosso jornal pelo sr. Alberto de Azevedo) e do que sugeríamos, a TAP decidiu oferecer aquele nosso leitor uma viagem Porto-Lisboa-Porto, num dos seus modernos jactos.

Assim, o milésimo passageiro da Aero Portuguesa, cliente pioneiro das carreiras aéreas no final dos anos 30, que nunca tinha voado num avião a jacto, vai ter oportunidade de o fazer.

O sr. Alberto de Azevedo, que conta actualmente 72 anos, utilizou todos os meios de transporte, desde as diligências aos aviões de motor convencional. Terá agora en-

sejo de apreciar as vantagens do enorme progresso operado nos transportes aéreos portugueses. Estamos certos de que então, terá um suspiro de saudade por aqueles bons velhos tempos em que saltitava entre Lisboa e Casablanca (e vice-versa) no célebre aparelho da Aero Portuguesa, então classificada por uma famosa jornalista como «a cafeteira que voa como um aeroplano».

Aquele nosso prezado leitor, se quiser utilizar a oferta graciosa da T.A.P., poderá contactar com a delegação da companhia no Porto, que já recebeu instruções no sentido de lhe proporcionar a viagem indicada.

MÁ RECEPÇÃO DA TV EM SANTIAGO DO CACÉM

SANTIAGO DO CACÉM, 17. — Reina geral descontentamento nesta localidade pela má recepção da TV, através do retransmissor aqui montado.

Diz-se que os próprios técnicos da R. T. P. estão embaraçados com o material de que dispõem. O retransmissor é velho? Não reúne as condições necessárias para satisfazer?

Sabe-se apenas que a população desta localidade, privada do Canal 7 que lhe dava uma imagem em condições satisfatórias, nem sequer os Jogos Olímpicos pode ver, em virtude do agra-

vamento das deficiências surgidas com o canal 9.

Além do mais, deve acentuar-se que os alunos da Telecoisa não podem ser prejudicados nos seus estudos.

Mas até o negócio de televisores tem sido afectado, porque o público se desinteressou já quase completamente da Televisão.

Convenção relativa ao comércio de trigo

Através do Ministério dos Negócios Estrangeiros foi aprovada, para ratificação, a Convenção Relativa ao Comércio de Trigo, aberta à assinatura em Washington de 15 do corrente a 30 de Novembro do presente ano.

Esta Convenção tem por objectivo assegurar fornecimentos de trigo e farinha de trigo aos países importadores, bem assim mercados para o trigo e farinha de trigo dos países exportadores, a preços equitativos e estáveis; fomentar o desenvolvimento do comércio internacional do trigo e farinha de trigo; e favorecer, de uma maneira genérica, a cooperação internacional no que se refere aos problemas mundiais do trigo, tendo em conta as relações que existem entre o comércio do trigo e a estabilidade económica dos mercados de outros produtos agrícolas.

NÚCLEO DE ANTIGOS ALUNOS DO ATENEU

A direcção do Nucleo dos Antigos Alunos da Escola do Ateneu convida todos os antigos colegas a assistirem à sessão solene comemorativa do 15.º aniversário, que se realiza na sala Loureiro Botas, daquele estabelecimento amanhã às 19 horas.

Haverá, distribuição de prémios aos alunos mais classificados no ano transacto.

J. N.

VOCABULÁRIO DO FRANCÊS FUNDAMENTAL

e de iniciação na crítica e na explicação literária

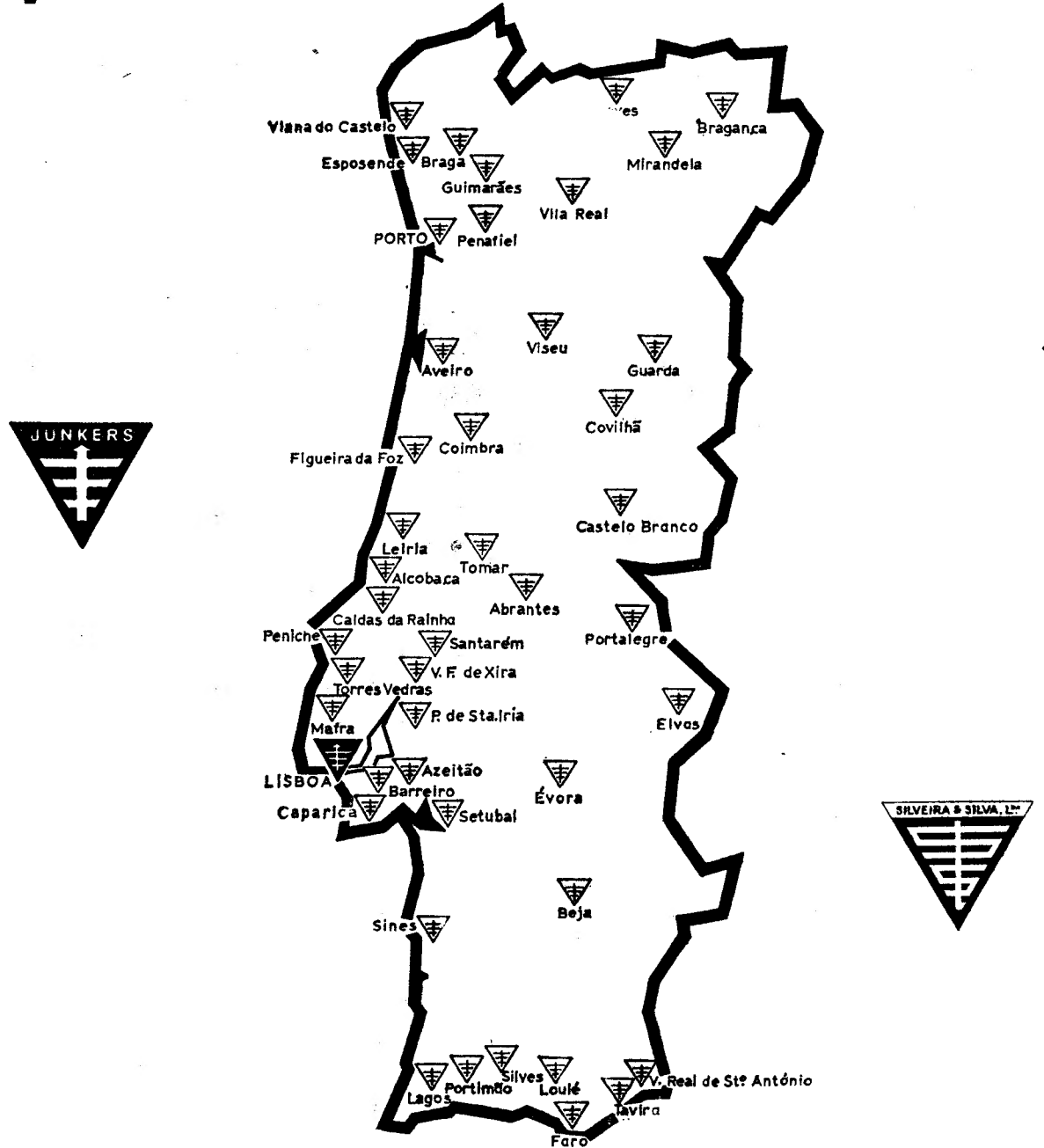
AS 3.300 PALAVRAS ESSENCIAIS DA LINGUA FRANCESA

pelo Prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca

Volume de 136 páginas: 25\$00

LIVRARIA BERTRAND

Portugal de lés-a-lés conhece o fabuloso JUNKERS-68 que...



...PARA FUNCIONAR NÃO NECESSITA DE FÓSFOROS
CARREGA-SE NO BOTÃO E...
COM A MAIOR SEGURANÇA E MÍNIMO CONSUMO FICA-SE COM
A MÁXIMA TEMPERATURA

UM FILME PARA TODA A FAMÍLIA

ESTREIA SENSACIONAL EM



E NA GRANDEZA INIGUALÁVEL DO SEU SOM ESTEREOFÓNICO TOTAL!



Maiores de 12 anos

Produtora Realização de
STANLEY DONENCom **JANE POWELL · HOWARD KEEL · JEFF RICHARDS · RUSS TAMBLYN · TOMMY RALL**Argumento de **ALBERT HACKETT & FRANCES GOODRICH** • **DOROTHY KINGSLEY** Baseado na novela de **STEPHEN VINCENT BENET** Versões de **JOHNNY MERCER** • **GENE DE PAUL** Música de**AMANHÃ** no**DELICIOSO, ADORÁVEL,
INESQUECÍVEL!**NUNCA 3 HOMENS LUTARAM, BATERAM E MATARAM
COM TANTA FORÇA, AUDÁCIA E AGILIDADE!O MAIS AUDACIOSO E ESPECTACULAR
FILME DE AVENTURAS!**2.ª SEMANA****AVIS**ADULTOS
DOPERFILME**OS 3
SUPER-HOMENS**com **TONY KENDALL — BRAD HARRIS — NIC JORDAN**
GLÓRIA PAUL
EASTMANCOLOR

«OH, QUE DELÍCIA DE COISA»

HOJE, 2 SESSÕES: ÀS 21 E ÀS 23 HORAS — ADULTOS
ÚLTIMOS DIASPOR COMPROMISSOS ASSUMIDOS ESTE GRANDE ESPECTÁCULO, APÓS 5 MESES DE ÊXITO, DESPEDE-SE DE LISBOA EM 22, PARA ESTREAR NO PORTO NO DIA 25. COM
RAUL SOLNADOAR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de LisboaSEXTA • SÁBADO • DOMINGO
ÀS 18.30 H.**RICARDO BANDEIRA**

EM

«AUTOBIOGRAFIA PRECOCE»
DE EVTUCHENCO • (12 ANOS)AS ESTREIAS
DE HOJE

No Politeama

Título em português — «O Sargento Rykers»
Produção — Americana
Realização — Buzz Kulik
Intérpretes — Lee Marvin, Bradford Dillman, Vera Miles, Peter Graves e Lloyd Nolan
Gênero — Aventura
Distribuição — Universal
Processo — Colorido
Classificação — 12 anos

Atrás do reposteiro

- Parece provável que a revista de «music-hall» «Click», já está a vir a subir a cena no Monumental e não no Variadades, como inicialmente chegou a estar previsto.
- A ser assim passaria para este teatro a fantasia «Lisboa é sempre mulher», que no início do próximo ano deve ser apresentada no Porto.
- A cantadeira Zélia Lopes foi convidada para desempenhar o papel de atracção nacional da nova revista do teatro ABC.
- O novo teatro Laura Alves deve ser inaugurado com a comédia «O homem mentiroso».
- Amália Rodrigues declinou um convite para reaparecer num próximo espectáculo teatral.

**MONTIJO**

Maiores 6 anos

Domingo, 20, às 17 h.

**SENSACIONAL
FESTIVAL TAURINO**

6 Toiros de Lima Monteiro e dr. José Manuel Andrade para os distintos cavaleiros

MANUEL CONDE
J. MESTRE BAPTISTA
JOSÉ LUPIe o Rejoneador Espanhol
D. GREGÓRIO MORENO PIDAL2 Grupos de Forcados
Amadores de Lisboa e Amadores do Montijo capitaneados, pelos Ex.^{as} Srs. Nuno Salvação Barreto e António Sécio

PREÇOS — Sol desde 20\$00 — Sombra desde 50\$00

Bilhetes à venda — Agência ABEF — Tel. 328823 — Montijo — Tel. 230235

COLISEU HOJE

(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA**INTERNACIONAL
DE CIRCO**Atracções de categoria
PALHAÇOS
SÓ ATÉ DOMINGO**SÁBADO**À TARDE — entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE — maiores de 6 anos**ALMOCE E JANTE**

NO

CIRCUITO

Av. Casal Ribeiro, 17-A

MAIS DE **43.000**
ESPECTADORES NAS DUAS
PRIMEIRAS SEMANAS ATES-
TAM O INVULGAR MÉRITO DA
ESPANTOSA REALIZAÇÃO DE
NORMAN JEWISSON**NO
CALOR DA NOITE**

IN THE HEAT OF THE NIGHT

COM
ROD STEIGER · SIDNEY POITIERE COM INSOFISMÁVEL
SUCESSO ENTRA EM**3.ª SEMANA**ESTA NOTABILÍSSIMA OBRA
DE CINEMACLASSIFICADA PELA ACADE-
MIA DE HOLLYWOOD, COMO O**MELHOR
FILME DO ANO**E DISTINGUIDA AINDA COM OS
«OSCAR» PARA**MELHOR ACTOR / MELHOR ARGUMENTO**
ROD STEIGER / MELHOR SOM
MELHOR MONTAGEM

Adultos



NOTÍCIAS DAS VEJETAS DO DISCO

Diana Ross prepara-se para abandonar o conjunto «Les Supremes», o que é sensação nos tabladros musicais da América do Norte.

«Bill Board», a revista especializada em temas discófilos, efectuou um resumo dos cançonetistas «souls» de maior projecção mundial. A lista ficou assim constituída: Aretha Franklin, James Brown, The Temptations, Otis Redding, Marvin Gaye, Tamy Terrell, The Impressions, Smokey Robinson, Wilson Pickett, The Delfines e em décimo lugar, Ladys Knight.

Sam & Dave, (13.º) Dionne Warwick (7.º) Prey Sledge (25.º), Ray Charles (26.º), The Four Tops (33.º) e Stevie Wonder (em quadragésimo) estão ainda na classificação.

A cançonetista de cor Shirley Bassey casou-se em Las Vegas, com um jovem de Trieste que conheceu no passado mês de Maio.

Alain Delon firmou contrato com a «Barclay» para 3 discos de 45 rotações e um de 33 rpm.

JEANNE MOREAU — NOVA FACETA ARTÍSTICA

Jeanne Moreau também aceita o disco como nova fonte de proventos: ganhou o Prémio da Academia Nacional Francesa do Disco com as composições «Enervas-me» e «Nunca disse que te amaria para sempre».



Georgie Fame vem ao Monumental

Georgie Fame é um caso de invulgar popularidade, ascendendo vertiginosamente a figura de primeiro plano no mundo do «music-hall».

Quando actuou, em 20 de Abril, no Royal Festival Hall de Londres, na presença da família real inglesa, acompanhado pela famosa orquestra norte-americana de Count Basie, obteve as maiores honras que um artista do género pode alcançar. Georgie Fame estará no Monumental, na próxima terça-feira, às 18 e 30. Terá a válida colaboração do Quinteto Académico + 2.

• VALE MAIS TARDE, QUE NUNCA... FINALMENTE LISBOA TEM... UMA ESPLÉNDIDA REVISTA:

GRANDE POETA É O ZÉ!

O sensacional êxito de gargalhada do

• MARIA VITÓRIA •

COM

• SALVADOR • VIANA •

MARIEMA

MAX • ANITA • DÓRA

• VITOR MENDES

e a formosa atracção

BRIGITTE ST. JOHN

• Todas as noites às 20.45 e 23 horas

O ESPECTÁCULO ONDE LISBOA SE DIVERTE!

ADULTOS



Dora Leal na «Cigana Dora»

HERÓI... OU TRAIADOR?

SÓ SUA MULHER O PODERIA SALVAR, MAS ELA AMAVA OUTRO HOMEM!...



O EXTRAORDINÁRIO

LEE MARVIN

COLORIDO
NUM FILME
EXCEPCIONAL

O SARGENTO RYKER

BRADFORD DILLMAN • VERA MILES • PETER GRAVES • LLOYD NOLAN

Argumento de SEELEG LESTER e WILLIAM D. GORDON • Produção de FRANK TELFORD

Realização de BUZZ KULIK

MAIORES DE 12 ANOS

HOJE

SENSACIONALÍSSIMA ESTREIA

UM FILME DA UNIVERSAL — SONORO-FILME

POLITEAMA

VIDA MUSICAL

Concerto no Pavilhão dos Desportos

Sob a regência do maestro Joly Braga Santos, a Orquestra Filarmónica de Lisboa, com a colaboração da pianista Florinda Santos, apresenta-se, hoje, no Pavilhão dos Desportos, em nova audição integrada na temporada cultural de iniciativa do Município.

O concerto, com entradas livres, principia às 21 e 45. Preenchem o programa «Rosamunda», de Schubert;

«Concerto n.º 4», de Beethoven, para piano e orquestra e «Sinfonia n.º 2», de Joly Braga Santos.

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA, & C.
RUA DO CARMO

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSOES T. 555133
20.45 e 23 h. (Adultos)

VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA REVISTA

com CAMILO — FLORBELA

NICOLAU

M.ª ADELINA • OCTAVIO DE

MATOS • YOLA • LINDA

SILVA • MARIA ALVIM

e as atracções

21.ª M.ª TERESA QUINTA

VUM-VUM • UM BAL-
LET INTERNACIONAL

SEMANA

DOMINGO, A TARDE, AS 16 h.



Depois do espectáculo vá ao PORÃO DA NAU (Maiores de 17 anos) e frequente «O CONVÉS»

HOJE, às 21.45 h. (Adultos)



VARIEDADES

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

LAURA ALVES em

A FLOR DO CACTO

com PAULO RENATO • CARLOS

J. TEIXEIRA • ALINA VAZ •

ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE

VIEIRA • ALDA PINTO • NOR-

BERTO DE SOUSA • encenação

de SANTOS CARVALHO

Um espectáculo de

VASCO MORGADO

DUAS HORAS DE RISO TOTAL

E FELIZ

67.ª SEMANA

Varanda do Chanceler Restaurante

HOJE A NOITE SALA RESERVADA

LUMIAR ESTREIA SENSACIONAL

O MAIS CONFORTÁVEL E
ELEGANTE DE LISBOA
AR CONDICIONADO
ESTACIONAMENTO PRIVATIVO

ESTA MAGNÍFICA SALA DE ESPECTÁCULOS ABRE
AS SUAS PORTAS AO PÚBLICO NO DIA 31 DE
OUTUBRO

O FILME DE ESTREIA SERÁ OPORTUNAMENTE
ANUNCIADO

AS BILHETEIRAS ESTÃO ABERTAS A PARTIR DO
DIA 28 DE OUTUBRO, NA CALÇADA DE CARRICHE

MAGNÍFICOS ANDARES

AS PORTAS DE LISBOA — ALCÉS

Junto à Praça de Touros e ao mercado, boa vista de mar,
4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa,
roupeiros, etc. Acabamentos de 1.ª qualidade. Visite um andar
modelo. Temos uma solução para cada cliente.

LOTES 90 — 130 — 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS
E CONSTRUÇÕES, LDA. — Telef. 21 22 88 - 21 31 02

VISITA DO CONJUNTO HONNER

AVEIRO, 17 — Depois do extraordinário êxito alcançado, no ano findo, quando se apresentou nesta cidade, o conjunto electrónico Hon-

ner, da Alemanha, torna a voltar a Aveiro. A receita do espectáculo, cuja data ainda não foi fixada, reverterá a favor de uma colectividade cidadina.

CARLO PONTI • SELMUR PRODUCTION INC. APRESENTAM

RITA TUSHINGHAM REDGRAVE LYNN



DUAS RAPARIGAS EM LONDRES

MICHAEL YORK • ANNA QUAYLE • IRENE HANDL
IAN CARMICHAEL
AMANHÃ HILARIANTE ESTREIA NO **SÃO LUIZ ALVALADE**

ESTREIAS PARA 1968/69

XII

Prosseguindo na apresentação das listas anunciadas pelas distribuidoras portuguesas e relativas à temporada cinematográfica de 1968/69 agora inaugurada, publicamos hoje um novo programa, este divulgado pela Twentieth Century Fox. Entre os títulos previstos, sempre destacar:

- **JE T'AIME, JE T'AIME** (Eu Amo-te, Eu Amo-te), de Alain Resnais, com Claude Rich, Olga Picot e Bernard Fresson.
- **JUSTINE** (Justine), de Joseph Strick, com Anouk Aimee, Michael York e Dirk Bogard.
- **LADY IN CEMENT** (Uma Mulher no Cimento), de Gordon Douglas, com Frank Sinatra, Raquel Welch e Dan Blocker.
- **UN SOIR, UN TRAIN** (Laços Eternos), de Jean Delvaux, com Anouk Aimee, Yves Montand e Adriana Bogdan.
- **THE BOSTON STRANGLER** (O Estrangulador de Boston), de Richard Fleischer, com Tony Curtis, Henry Fonda e George Kennedy.
- **LE GRAND AMOUR** (Um Grande Amor), de Pierre Etaix, com Pierre Etaix, Annie Fratellini e Nicole Calfan.
- **100 RIFLES** (100 Armas ao Sol), de Tom Gries, com Jim Brown e Raquel Welch.
- **STAR** (A Estrela), de Robert Wise, com Julie Andrews, Richard Crenna e Michael Craig.
- **BANDOLERO** (Bandolero), de Andrew V. McLaglen, com James Stewart, Raquel Welch, Dean Martin e George Kennedy (já estreado).

A mesma distribuidora anuncia ainda:

- **A FLEA IN HER EAR** (Com a Pedra no Sapato), de Jacques Charon; — **THE MAGUS** (Jogo Perverso), de Guy Green; — **THE CHAIRMAN** (Missão na China Vermelha), de J. Lee Thompson; — **HARD CONTRACT** (O Preço de uma Vida), de S. Lee Pogostin; — **BUTCH CASSIDY & SUNDANCE KID** (Aliança de Ferro), de George Roy Hill; — **PRETTY POISON** (Doce Veneno), de Noel Black; — **DECLINE AND FALL** (Escorregar e Cair), de John Kersh; — **THE GREAT SILENCE** (O Grande Silêncio), de Sergio Corbucci; — **LEGEND OF CUSTER** (Os Bravos não Morrem), de Norman Foster; — **THE LOST CONTINENT** (O Continente Perdido), de Michael Carreras.

Entre as reposições previstas veremos:

- **A VIDA É UM JOGO** (The Hustler), de Rober Rosen; — **A TERRA DAS MIL AVENTURAS** (North to Alaska), de Henry Hathaway, e **O DIA MAIS LONGO** (The Longest Day), de David F. Zuck.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Deixou de fazer parte do elenco do restaurante típico «Mil e Um» a artista Alice de Aguiar.

* Tem sentido ligeiras melhoras o cantor Moisés Campelos.

* Regressou da Madeira a artista Fernanda Silva.

* O cantor Julio Peres gravou recentemente as seguintes composições: «Encontro com a saudade», «A mais linda mulher», «Oh minha mãe, minha amada» e «Cabelo branco». Foi acompanhado pelos guitarristas Carlos Gonçalves e Julio Gomes.

* Está a actuar no «Timpansa» a cantadeira Emília Reis.

* Regressou ao elenco da «Viela» a artista Maria José Ramos.

«O LEÃO DA ESTRELA» NA ESTUFA FRIA

Da parceria constituída pelos saudosos autores Ernesto Rodrigues, Félix Rodrigues e João Bastos, foi escolhida a comédia em 3 actos «O Leão da Estrela» para fecho da temporada de representações mensais na Estufa Fria pela Companhia de Teatro Popular, dirigida pelo actor Augusto de Figueiredo. A partir de amanhã, e durante dez noites, a engraçadíssima peça, dirigida e ensaiada pelo director do conjunto, voltará a deliciar o público da cidade, pois o assunto, pela graça, pelo arranjo cénico e pela originalidade do entreccho, continua a ter a maior actualidade.

A distribuição gratuita de bilhetes principia amanhã, das 18 às 20 horas, nos Restaurantes.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

S. A. R. L.

Avenida Infante Santo, 2 — Lisboa

OBRIGAÇÕES 6 %, 1968 — SÉRIE II

75 MIL CONTOS

RATEIO

A subscrição excedeu o valor do empréstimo pelo que há necessidade de proceder a rateio. Nestes termos, as obrigações subscritas serão atribuídas aos senhores obrigacionistas na seguinte proporção:

N.º DE OBRIGAÇÕES SUBSCRITAS	PERCENTAGEM ATRIBUÍDA (Arredondamento por defeito)
1 a 30	100 %
31 a 100	90 % com um mínimo de 30
101 a 1.000	67 % com um mínimo de 90
1.001 a 2.000	45 %, com um mínimo de 670
Acima de 2.000	36.8039 %

Os senhores subscritores poderão receber as importâncias correspondentes às obrigações não atribuídas nos locais de subscrição, a partir do dia 22 do corrente.

A troca das declarações de depósito pelos títulos definitivos far-se-á no mais curto espaço de tempo possível.

Lisboa, 17 de Outubro de 1968

O Presidente do Conselho de Administração

Jorge de Mello

Novo CASINO ESTORIL

apresenta um novo «show»

BENTYBER DANCERS

COM CLAUDETTE WALKER E LINDSAY DOLAN

LES TRIPLÉES

VEGETAS DA CANÇÃO FRANCESA

MARIA VALEJO

DRAKON

no grande salão restaurante às 23.30h e 17.00h no pequeno bar à 1.00h e 17.00h

LOS SANTOS

COM **FRANCE CARROLL**

OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO

E SUA ORQUESTRA

No Cinema às 17 e 21.30 h.
NÃO SOU DIGNO DE TI (M/12 anos)

CURSOS TÉCNICOS DE

DECORAÇÃO • PINTURA

ARTES DECORATIVAS

CERÂMICA • ESMALTAGEM

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

ESCOLA PAIXÃO

AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF. 52726

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bomfim e Azeitão, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» do dia 17 de Outubro de 1938 publicava:

«O comerciante Benito Adolfo Rodrigues Gonzalez, residente na Calçada de Santo André, atirou para o rua uma batata quente que atingiu na cara Juvenal, de 13 anos, que passava por ali na ocasião. A mãe do pequeno, Aida Silva Castelar, apresentou queixa á P. I. C. sendo encarregado das investigações o agente Vasconcelos. O pequeno foi observado no Instituto de Medicina Legal, tendo os médicos peritos constatado que as queimaduras o impossibilitavam de trabalhar durante 10 dias».

Abertura das aulas no Colégio Militar

Com a presença do sr. almirante Américo Thomaz, realizou-se no próximo dia 24, ás 15 horas, a sessão solene de abertura do ano lectivo do Colégio Militar, na qual se integram outras cerimónias, como consta do seguinte programa: 15 horas, chegada do sr. Presidente da República; 15 e 10, sessão solene no ginásio, com allocução pelo brigadeiro-director; lição inaugural, pelo professor dr. António Esteves Gomes, que versará o tema «Enlace da Matemática com a Cibernética: implicações globais no ensino e na vida social», por último, distribuição de prémios.

Semana inesquecível a bordo do «Angola» num cruzeiro da C. N. N.

Prosseguindo na sua louvável política de proporcionar a possibilidade de férias no mar aos menos abastados, a Companhia Nacional de Navegação organizou mais um cruzeiro, a bordo do seu paquete «Angola», que largará do Tejo no próximo dia 24, ás 9 horas, regressando a Lisboa na manhã do dia 30. Assim, este cruzeiro — que foi idealizado em conformidade com a legenda «Conheça, Viva, Realize-se» — proporcionará aos passageiros do «Angola» sete dias de vida a bordo, com todos os atractivos inerentes, além da possibilidade de visitar Palma de Maiorca, Ceuta, Tetuan e Tânger. No primeiro ponto de escala, haverá uma excursão a Porto Oristo, com passagem por Manacor (celebre pelas suas pérolas) e visita ás maravilhosas Cuevas del Drach, sobrando ainda tempo para admirar as belezas da principal cidade da cosmopolita ilha do Mediterrâneo. Em Ceuta, os participantes no cruzeiro terão possibilidade, após percorrer a cidade, de partir em autocarro para Tetuan e daqui para Tânger, de onde o «Angola» largará de rumo a Lisboa.

Minuciosa e conscientemente planeado, este cruzeiro proporciona uma semana de agradável repouso, somado ao interesse indiscutível dos pontos de escala, quer sob o ponto de vista turístico, quer no aspecto cul-

tural, acrescido ainda da faceta sentimental que lhe advém da inclusão de Ceuta no roteiro da viagem.

CURSOS DE OFICIAIS E SARGENTOS MILICIANOS

As autoridades militares solicitam-nos informemos todos os indivíduos qualificados para a frequência dos Cursos de Oficiais e Sargentos Milicianos de que no ano de 1969, realizar-se-ão quatro turnos de incorporação, a saber: 1.º, 8 Janeiro; 2.º, 21 Abril; 3.º, 14 Julho; 4.º, 6 Outubro.

Os recrutas que aguardam a incorporação em 1969 podem declarar, desde já, nos Distritos de Recrutamento e Mobilização a que pertencem, o turno a que desejem ser destinados.

As declarações, em papel, comum, terão de ser entregues nos respectivos Distritos de Recrutamento e Mobilização até 31 de Outubro corrente, impreterivelmente, devendo neles constar, além do ano e numero de recenseamento, a freguesia e concelho por onde foram recenseados e a indicação do turno que pretendem.



Aspecto da reunião da «Dymo» no Ritz

AS MÚLTIPLAS APLICAÇÕES DO SISTEMA DE ETIQUETAR «DYMO» AGORA AO ALCANCE DE TODOS

As complexidades da vida moderna aumentaram as necessidades de classificar, identificar e rotular de forma clara e de maneira a evitar erros. Seguindo na linha de resolver os problemas que neste aspecto se apresentam, a «Dymo» criou um novo sistema de etiquetagem de tal maneira prática, rápido e eficiente, que alcançou grande êxito em todo o mundo.

Com efeito, o sistema «Dymo» oferece inúmeras vantagens nos diversos sectores da actividade humana, pela sua forma rápida e económica. As máquinas «Dymo» permitem, na realidade, a qualquer pessoa e em poucos segundos, gravar etiquetas auto-adesivas em relevo em catorze cores diferentes.

O sistema de marcação «Dymo» ajudou já muitos milhares de firmas, em todo o Mundo, a resolverem os seus problemas de etiquetagem, aumentando a eficiência das suas organizações, reduzindo custos de operação. A «Dymo» não é só utilizada nas fábricas, escritórios, armazéns, laboratórios, hospitais, escolas, etc., mas também agora, se torna acessível ao grande publico graças á introdução no mercado do novo modelo «Dymo-Star-1710», máquina que, pelo seu baixo custo — 195\$00 — deverá alcançar grande sucesso no nosso País.

Para contactar directamente com os seus revendedores a «Dymo» e o seu representante exclusivo em Portugal, Manuel José de Azevedo, proporcionaram uma reunião de convívio que decorreu ontem ao fim da tarde no Hotel Ritz, num ambiente de franca cordialidade. No decurso da reunião o Sr. Carlos B. Cipriani, que presidiu em representação da «Dymo Industries Inc.», desejou as boas-vindas aos presentes envolvendo-os numa saudação de amiga simpatia. Sobre os planos presentes e futuros da «Dymo» em Portugal, falou o Sr. Manuel José de Azevedo, que fez um resumo do primeiro ano de trabalho realizado, referindo-se em seguida ao progresso de vendas da «Dymo» em Portugal, salientando os resultados já obtidos e os objectivos a atingir no novo mercado.

Falou seguidamente o Sr. Manuel Soares Dias, que fez a apresentação da máquina «Dymo-Star-1710», sublinhando que a referida máquina tem batido todos os «records» de venda na Europa citando que só em França se venderam em três meses 50 000 unidades deste novo modelo. A «Dymo-Star-1710» é a mais recente e por isso mesmo, aquela que beneficiou dos aperfeiçoamentos resultantes

dos conhecimentos práticos com os modelos antecedentes. Foram oferecidas a todos os presentes uma máquina deste modelo, que tem um peso inferior a 130 g, funcionamento rápido e simples, tamanho perfeitamente equilibrado, cores estudadas e material inquebrável. Com este modelo, a «Dymo» desejou combater a ideia de ser um artigo caro. Atendendo a um perfeito planeamento de fabrico conseguiu um preço realmente acessível a todos — apenas 195\$00.

A terminar o Sr. Silva Gomes, em representação da Agência de Publicidade Manuel Martins da Hora, Lda., fez a apresentação da campanha de publicidade de apoio á «Dymo», que vai ser feita a nível nacional, salientando o valor da exposição de material de propaganda no ponto de venda, além de outros aspectos fundamentais da actividade publicitária a empreender. Foi por fim projectado o filme que vai ser exibido na Televisão.

Estiveram presentes nesta reunião, representantes das seguintes firmas:

A. Godinho de Carvalho,

Lda.; Abílio Flores; António Gonzalez; António de Sousa Tavares; Araújo & Sobrinho Suers.; Casa Mendonça; Diogo & Frazão, Lda.; Eduardo João da Silva; Emilio Braga & C., Lda.; Exvia — Soc. de Representações, Lda.; Francisco Bastos; Gracal — Gráfica Caldense, Lda.; J. Borges Quintela; J. F. Azevedo e Silva & C., Lda.; J. Fonseca, Lda.; J. M. Gonçalves; José Lopes Moreira; José Maria Alves da Silva; Leverca; Maria Emilia Picoto; Neotex — Soc. de Importações e Representações, Lda.; Papelarias António Vieira, SARL; Papelaria Asis; Papelarias Dominguez & Lavandinho; Papelaria Fernandes, SARL; Papelaria Feros; Papelaria Luso-Brasileira; Papelaria S. Nicolau; Representações Alcotia, SARL; Sérgio da Fonseca, Lda.; Soc. Barlaventina de Representações, Lda.; Soc. Comercial Rebelo Beira Douro; Soc. Luso-Americana, SARL; Soc. Papelarias Artex, Lda.; Somil — Soc. Monumental Eléctrica, Lda.; Teletec — Soc. Técnica de Electricidade e Mecânica, Lda.

ora diga-nos...

— De que mais gosta na sua profissão ?

Tantas vezes se tem dito e redito que muita gente não gosta da profissão que exerce! E muitos, se pudessem, procurariam o emprego dos seus sonhos. Enfim, razões várias, problemas, dificuldades comandam e alteram sonhos e anseios. A vida, afinal, é que dispõe de forma diferente, o que o homem põe. Mas há profissões onde só se pode ingressar (parece-nos) com vocação autêntica. Com amor. A de médico, a de jornalista, por exemplo. Vai daí, perguntando, a camaradas da informação (nos momentos que antecederiam mais uma reportagem, assinalando a visita de personalidades estrangeiras a um alto governante nacional) qual o campo que mais os entusiasma no seu labor.



● Responde, primeiramente, António Huret Escudero, realizador e operador de actualidades cinematográficas:

— É claro que gosto muito da minha profissão, da nossa profissão, afinal. E, doutra maneira, não valeria a pena exercê-la, não é!!

Mas não há dúvida que prefiro á reportagem, o trabalho mais cuidado, de cunho mais documental, digamos assim.

— Sim, é claro que também gosto muito da reportagem. E devo dizer que foi ela quem me trouxe os melhores momentos da minha actividade, os aspectos mais fascinantes.

— Todas as reporta-

gens nos entusiasma, mas aquelas de que mais gostei, que mais me satisfizeram foram as da visita de Paulo VI e da nomeação do novo Presidente do Conselho.

● A seguir falou um homem dos jornais, um jornalista. Armando de Almeida, do nosso prezado colega «Diário Popular»:

— Gosto de tudo na nossa profissão, meu caro. Não distingo nem escolho serviços. Que é uma actividade fascinante, mas muito ingrata e, tantas vezes, mal compreendida, ninguém duvida. E, já agora, um desabafo:

A missão do jornalista devia ser mais facilitada e prestigiada, pois trata-se de uma actividade que se reveste, cada vez



mais, de maior importância. Até pela exigência, também crescente, (e ainda bem) que o publico tem para com ela.

Outro aspecto ainda: é uma profissão, uma actividade insubstituível embora haja quem pretenda fazê-lo.

● Sebastião Pinheiro é operador da R.T.P., repórter da imagem, portanto. E disse:

— Bem, do que gosto mais é de trabalhos do tipo de documentário, mas é reportagem, afinal, o que mais faço. É claro que também gosto bastante de reportagem. Fiz muitas, evidentemente, mas aquela que mais me agradou foi a da viagem presidencial á Guiné e a Cabo Verde.

FLUMEN



FRANCISCO RIBEIRO

TODOS OS VINHOS PREMIADOS

Provadores de 17 países,
constituindo o júri
do 12º CONGRESSO INTERNACIONAL
DA VINHA E DO VINHO, em Bucareste,
premiaram com medalhas de OURO e
PRATA, TODOS os vinhos da
Casa Agrícola FRANCISCO RIBEIRO.

BRANCOS: Boal de Alicante • Carignan • Fernão Pires • Tália • Vital • Adamado
TINTOS: Tinto Velho • Tinto de Mesa ROSÉS: Castelão Francês • Adamado

OFFICE INTERNATIONAL DE LA VIGNE ET DU VIN
12^e CONGRÈS INTERNATIONAL DE LA VIGNE ET DU VIN
AL BULGAR CONGRES INTERNATIONAL AL VITI SI VINIS
12^e INTERNATIONAL CONGRESS OF VINE AND WINE
12^e INTERNATIONAL KONGRESS DER WEIN UND WEIN
12^e MESEHAPDOLU KONGRESI VEIN VEIN VEIN VEIN VEIN
ROUMANIE 2-12 SEPTEMBRE 1968
COMITÉ ROUMAIN D'ORGANISATION

BUCAREST
No. 2743
FRANCISCO RIBEIRO
PORTUGAL

Bucarest, le 11 septembre 1968

LES RESULTATS
du concours international des vins Bucarest-Roumanie
12 - 22 Août 1968 pour les échantillons du:
FRANCISCO RIBEIRO

No. d'origine	Número du cat.	Sorte	Année	Catégorie	Esti- ma- tion	Prime
1. Valada-Cartaxo	326	FR-Boal Alicante	1965	II E	17,56	arg.
2. Valada-Cartaxo	361	FR-Carignan	1965	II E	17,85	arg.
3. Valada-Cartaxo	328	FR-Fernao Pires	1965	II E	17,58	arg.
4. Valada-Cartaxo	363	FR-Talia	1965	II E	17,59	arg.
5. Valada-Cartaxo	330	FR-Vital	1965	II E	17,50	arg.
6. Valada-Cartaxo	827	FR-Fernao Pires	1967	II D	18,35	arg.
7. Valada-Cartaxo	365	FR-Castelao Frances	1966	II E	17,70	arg.
8. Valada-Cartaxo	831	FR-Castelao Frances	1967	II D	17,45	arg.
9. Valada-Cartaxo	576	FR-Tinto Velho	1958	II E	18,51	or
10. Valada-Cartaxo	521	FR-Tinto Velho	1960	II E	17,82	arg.
11. Valada-Cartaxo	584	FR-Tinto Mesa	1963	II E	18,37	arg.

CASA AGRÍCOLA

FRANCISCO RIBEIRO

VILA CHÃ DE OURIQUE
CARTAXO

Distribuidores:

MUVIL - SOC. MUNDIAL DE VINHOS, LDA.

Av. 24 de Julho, 124 - 1º D. - LISBOA - 2 - TELEF. 6765 04/5

Actualidade internacional

A questão rodesiana

Continua por solucionar o delicado problema criado pela declaração unilateral da independência da Rodésia, em 11 de Novembro de 1965. O novo encontro entre Harold Wilson e Ian Smith (o anterior realizou-se em Dezembro de 1966), embora não terminasse em malogro, evidenciou a divergência de pontos de vista entre o primeiro-ministro britânico e o chefe rodesiano.

A eventual aceitação das propostas britânicas está, neste momento, dependente das consultas a que Ian Smith procede com o seu Gabinete e com a Frente Rodesiana. O ambiente não é, porém, de optimismo, pois a possibilidade de um acordo com a Inglaterra depara com a firme oposição de partidários de uma política inflexível de separação entre brancos e negros. Nestas condições e continuando o Governo britânico na disposição de não ceder naquilo que considera fundamental, ou seja, a formação de um Governo de maioria africana na Rodésia, estamos perante um problema cuja solução imediata é extremamente difícil de se conseguir.

No entanto, desde Novembro de 1965, as circunstâncias que rodeiam a questão rodesiana modificaram-se substancialmente. Passado o período caracterizado pela euforia da independência, o

Governo rodesiano e a população branca que o apoia verificam que os resultados que poderiam advir de uma solução unilateral não são tão brilhantes como esperavam. Desvanecem-se a convicção de que seria possível manter um regime sem correspondência com a realidade do país.

As sanções económicas que, sob inspiração da Grã-Bretanha, foram decretadas por quase todos os países do Mundo contra o «território rebelde», embora não surtindo o efeito desejado pela antiga potência colonizadora, constituem um impedimento de monta ao desenvolvimento económico da Rodésia. O apoio incondicional dispensado pela África do Sul às teses de uma Rodésia «branca» torna-se de difícil prossecução se se mantiver uma situação de permanente anormalidade constitucional.

Até que ponto estas novas circunstâncias poderão contribuir para que a crise anglo-rodesiana saia do beco sem saída em que se encontra? Tudo depende do grau de influência que exercerão no Governo branco da Rodésia. Este, porém, foi levado a novas negociações com a Inglaterra porque compreendeu a necessidade de pôr fim a uma situação que, num futuro mais ou menos próximo, pode levantar graves problemas. — P. C.

DOIS INDONÉSIOS EXECUTADOS EM SINGAPURA

DJAKARTA, 17 — (R.) — A Indonésia prepara-se para receber como heróis os corpos dos dois soldados executados esta madrugada numa prisão de Singapura.

Um porta-voz da Marinha — os dois homens teriam sido fuzileiros navais — disse que o presidente Suharto declarou-os heróis nacionais. Decidiu também conferir-lhes postumamente a mais alta condecoração da República Indonésia.

Os dois fuzileiros foram executados por terem colocado uma bomba num edifício de Singapura, provocando a morte de duas pessoas, durante o conflito entre a Malásia e a Indonésia.

O Conselho Privado de Londres rejeitou o recurso dos dois condenados e o Governo de Singapura não atendeu o apelo do presidente Suharto para que a pena de morte fosse comutada em prisão perpétua.

Na capital da Indonésia as bandeiras ficarão a meia haste durante dois dias e a Rádio só tocará música soene.

O chefe supremo da Marinha receberá os dois corpos que serão colocados em ca-

mara ardente no Ministério da Defesa.

Amanhã os dois fuzileiros serão sepultados no cemitério de Kalibata, reservado aos heróis caídos em combate.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, declarou aos jornalistas: «A Indonésia lamenta profundamente as execuções e está muito preocupada com o caso. Tentaremos no entanto manter boas relações com Singapura.»



O actor francês Alain Delon, quando deixava a sede da Primeira Brigada de Polícia, em Paris, onde foi interrogado a propósito da morte do seu guarda-costas, Stevan Markovic

Dayan sugere o reforço das posições israelitas nos territórios ocupados

TEL-AVIV, 17 — (F. P.) — «Temos de nos preparar activamente para nova guerra, mas, entretanto, é preciso, sem proclamar formal-

mente qualquer anexação, criar factos consumados nos territórios ocupados e libertados» — declarou ontem à noite o general Moshe Dayan, falando perante três mil estudantes, em Tel-Aviv. O ministro da Defesa frisou que é preciso ser realista e ver que os Estados árabes não querem fazer a paz com Israel e só pretendem utilizar a resolução de 22 de Novembro para obter a evacuação dos territórios ocupados por Israel.

«Sem esperar obter o acordo dos árabes, é preciso reforçar as nossas posições no Sinai, povoar de judeus o planalto do Golan e, no que se refere à Cisjordânia, devemos integrá-la administrativa e economicamente» — afirmou o ministro.

«Os Estados árabes já reconstituíram e aumentaram, até, o seu potencial da guerra em relação a 5 de Junho de 1967» — acrescentou Dayan, que precisou terem os árabes reconstituído o seu parque de tanques em 100

por cento e que a sua aviação representa já 150 por cento do seu nível anterior à «guerra dos seis dias».

Os esforços árabes para organizar uma verdadeira guerrilha malograram-se mas agora que passaram abertamente ao terrorismo contra as concentrações de populações civis, as perdas do lado israelita são inevitáveis. Desde o fim da guerra os israelitas tiveram 233 mortos (contra 750 durante a «guerra dos seis dias»). De 1 de Setembro a 10 de Outubro, os israelitas tiveram 33 mortos e 198 feridos, enquanto que os árabes tiveram 49 mortos e 112 feridos.

«Devemos estar prontos para sacrifícios ainda mais pesados do que até agora, mas, conhecendo o meu povo, sei que poderemos fazê-lo e que nos manteremos nas nossas posições actuais, durante anos se preciso for, enquanto os árabes não se resolverem a fazer a paz com Israel» — concluiu o ministro israelita da Defesa.

A POSSÍVEL CESSAÇÃO DOS BOMBARDEAMENTOS

DERRADEIRA SONDAGEM PRÉ-ELEITORAL ACERCA DO VIETNAM

WASHINGTON, 17 (Por Jean Lagrange, da F. P.) — A administração do presidente Johnson lançou, aparentemente, a derradeira sondagem pré-eleitoral quanto às intenções profundas do Vietnam do Norte, desencadeando uma vaga de rumores sobre a iminência da cessação total dos bombardeamentos aéreos ao norte da «zona desmilitarizada».

Apesar dos desmentidos feitos pela Casa Branca acerca dos rumores de «aberta» as negociações de Paris, e da afirmação de que em nada se modificou a posição dos Estados Unidos para pôr termo aos ataques aéreos, as «especulações» continuam.

A intensa actividade diplomática desenvolvida em Saigon pelo embaixador dos Estados Unidos, Ellsworth Bunker, que se avistou por três vezes com o presidente Thieu, foi acompanhada de informações de imprensa no sentido

de que os E. U. A. teriam informado o Governo sul-vietnamiano da decisão de cessar aqueles bombardeamentos.

A circunstância de o chefe da Casa Branca ter decidido informar os três candidatos à presidência dos Estados Unidos da posição exacta do seu Governo, mediante a leitura do desmentido que mandara divulgar, não convenceu os observadores de que não há moir na costa.

O informador de Richard Nixon em Kansas, indicou, a propósito, que o telefonema simultâneo de Johnson com os seus três interlocutores, durou 15 minutos. Este factor pode levar a supor que o chefe da Casa Branca foi além da comunicação do simples texto que o seu informador havia distribuído à imprensa.

De resto, aquele desmentido não diz respeito à possibilidade de nova tentativa americana de sondar Hanoi, a fim de apurar mais claramente se a diminuição recente da intensidade dos combates constitui o indicio político, que o presidente america-

no se esforça por conseguir, para tomar a decisão de dar um novo passo na negociação de paz.

As perdas americanas na semana que findou em 12 deste mês, e que serão anunciadas brevemente, constituirão as mais baixas desde meados de Agosto, inferiores — ainda — às da semana precedente. Procura-se, evidentemente, saber se a pausa verificada nos combates, aliada à diminuição das infiltrações de homens do norte para o sul, em Setembro, são devidas à época das

chuvas, à necessidade de proceder a um reagrupamento das forças norte-vietnamitas, ou se representam de facto, o gesto político solicitado por Washington.

Entretanto, os círculos oficiais declaram que até agora, o Governo americano não recebeu qualquer indicação de Hanoi, capaz de permitir carácter «político» à calma actual, no plano militar. Nos mesmos círculos, acrescenta-se, que se registaram várias pausas militares no passado, mas foram sempre seguidas de novo surto dos combates.

UM MILIONÁRIO VENDEU DINHEIRO POR METADE DO PREÇO

ROMA, 17 — (R.) — A espantosa atracção de dinheiro a metade do preço fez, ontem, paralisar o trânsito numa das praças desta capital, ao surgirem multidões, com o fim de comprarem notas de mil liras, apenas por 500. O homem que as vendia era um milionário.

«Estou a fazer isto para verificar a mentalidade comercial dos italianos» — explicou o milionário canadense Mel Lastman.

Na sua terra, no Ontário, disse o milionário, um dos maiores problemas do seu negócio — vender aparelhos electrodomésticos — é que os imigrantes italianos suspeitam dos preços baixos dos artigos.

«Vêm aos meus armazéns, verificam os preços muito baixos e pensam que se trata de alguma vigarice, que não percebem» — declarou, ainda, Lastman aos jornalistas. O milionário acrescentou que achava a sua experiência de ontem altamente instrutiva, embora não fornecesse detalhes do que descobrira.

A descolonização de Gibraltar pedida de novo pela Espanha

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 17 — (A. N. I.) — A Espanha voltou a reclamar a descolonização de Gibraltar e citou a concessão recente da independência à antiga Guiné Equatorial Espanhola como exemplo a seguir pela Inglaterra no caso do «rochedo».

No discurso que proferiu na Assembleia Geral da O. N. U., o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, prof. Fernando Maria Castiella, afirmou que o seu país está pronto a respeitar os desejos e direitos da população de Gibraltar e, em especial, as liberdades políticas, religiosas e culturais.

Sobre o problema do Médio Oriente, o ministro espanhol pediu a retirada ime-

diata de Israel dos territórios ocupados aos árabes e manifestou a simpatia do seu país por estes últimos.

Fernando Maria Castiella condenou a pendência das grandes potências para a «imposição de uma solução» ao mundo. «É bom reconhecer que as superpotências têm deveres e responsabilidades, que não têm os pequenos países» — sublinhou.

Referiu-se ainda ao drama de milhões de pessoas, que actualmente estão sob ocupação estrangeira ou foram co-lhidas nas encruzilhadas da guerra.

A Espanha — salientou o ministro — continuará a basear a sua política externa no «européismo» e na coexistência pacífica.

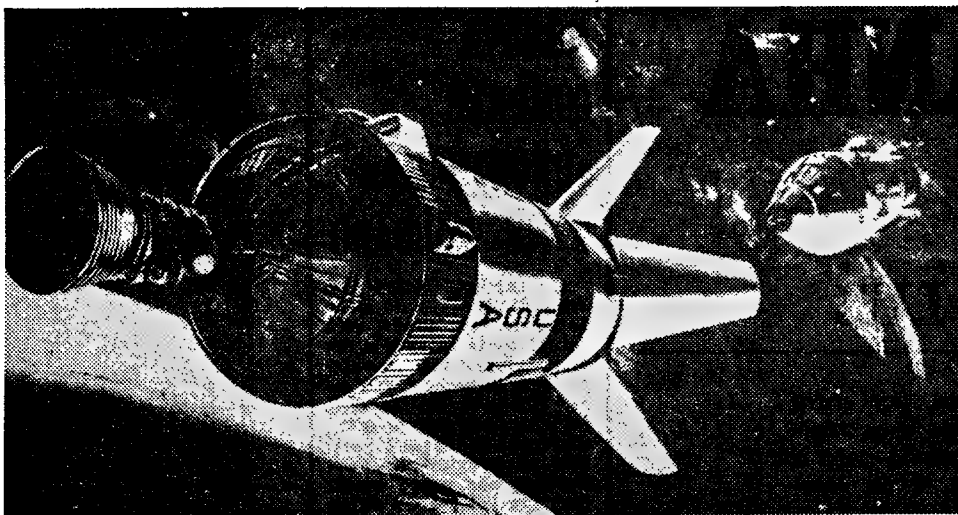
De SALVO PEDE A PROIBIÇÃO DE UM FILME

BOSTON (Massachusetts), 17 — (A. N. I.) — Alberto DeSalvo, o «estrangulador de Boston», que afirmou ter assassinado treze mulheres violentando um milhar, pretende que a justiça proíba a exibição do filme em que é retratado e do qual é protagonista Tony Curtis.

DeSalvo está a cumprir pena por outros delitos de menor importância e recusa que o filme o prejudique, apesar de não estar provado que tenha cometido os crimes de que se gabou.

«Le Figaro» não foi posto à venda

PARIS, 17 — (R.) — «Le Figaro», o mais antigo jornal de França, não apareceu à venda esta manhã, após jornalistas terem decidido realizar uma greve de um dia. Foi a primeira greve naquele jornal da manhã, desde que foi fundado, em 1866. Os jornalistas protestam contra um novo contrato nos termos do qual teriam apenas 34 por cento das ações e quatro dos 12 lugares na companhia administrativa. Tal não é suficiente para garantir liberdade editorial — dizem eles.



Como um desenhador imaginou o voo de formação da nave «Apolo 7» (à esquerda) e de um dos andares do foguetão transportador, voo esse realizado há dias

Agitação nas Universidades espanholas (que reabriram esta semana)

MADRID, 17 — (R.) — As Universidades de Espanha reabriram esta semana no meio da ameaça de novas desordens estudantis, a despeito das aparentes concessões do Governo aos rebeldes e de um programa de desenvolvimento e reforma anunciado durante o Verão.

A perturbação que tem assolado as Universidades nos últimos dois anos tem predominantemente carácter político e tem sido causada por uma geração que nunca conheceu os horrores da guerra civil de 1936-39.

OPosição ao regime

Estudantes opõem-se violentamente ao regime autoritário do generalíssimo Franco.

Uma manifestação em que foram empregadas bombas de mau cheiro durante a cerimónia de abertura das aulas na Universidade de Sevilha, na segunda-feira, acentuou a ameaça.

E, na Universidade de Madrid, que tem sido o centro principal de perturbações nos últimos anos, muitos partidários das questões académicas espanholas julgam que distúrbios ocorrerão nas próximas semanas.

«FASCISTA»

Na segunda-feira, na cerimónia de abertura, na Universidade de Madrid, registaram-se pequenos incêndios. Tem-se verificado outros fogos, acompanhados por ameaças garatujadas nas paredes de «Incendiaremos a Universidade». As mensagens foram atribuídas a um pequeno grupo esquerdista.

DISSOLVIDA EM BERLIM A SECÇÃO DO N. P. D.

BERLIM OCIDENTAL, 17 — (R.) — A secção de Berlim Ocidental do Partido alemão da extrema direita dirigido por Adolf von Thadden vai dissolver-se por iniciativa própria.

Depois dos avisos comunistas à municipalidade de Berlim Ocidental de que não deviam ser toleradas manifestações neo-nazis, esta pediu aos Estados Unidos, Inglaterra e França, como potências ocupantes, que proibissem em Berlim Ocidental as actividades do «Partido Nacional Democrático».

Um comunicado da direcção do Partido diz que a decisão de dissolver a secção de Berlim foi tomada com o desejo de evitar uma proibição decretada pelo comando aliado. «Isso seria um regresso evidente ao regime de ocupação», acrescenta o comunicado.

Por outro lado, cartazes ilegais têm denunciado frequentemente o regime como «facista» e a sociedade espanhola como «capitalista» e exigem a instalação do socialismo, elogiando figuras tais como Ho Chi Minh e o falecido Ernesto «Che» Guevara.

Nos últimos anos, manifestações em Madrid — eficazmente sufocadas pela Polícia — têm-se seguido com preferência a comícios pedindo liberdade de palavras e de imprensa, o direito de reunião e sindicatos livres, no estilo ocidental.

Os problemas educacionais existem também. Contudo, não há vagas nas Faculdades e professores mal pagos procuram noutro lado ganhar a vida, não dando aulas com frequência.

GREVE DE PROFESSORES

É baixa a média de professores em relação aos estudantes e existe frequentemente uma vasta lacuna de compreensão entre o ensino e os organismos académicos.

Na semana passada, metade dos 400 professores da Faculdade de Ciências Políticas de Madrid anunciou que se declararia em greve, pedindo participação na administração e organização da Faculdade. As aulas na Faculdade começaram quatro dias depois.

Contudo, as questões universitárias constituem apenas problemas secundários para os estudantes rebeldes.

As tentativas do Governo para as resolver não impedirão, segundo se espera, novas desordens, embora possam endurecer a opinião pública contra os estudantes.

Durante o Verão, o ministro da Educação, José Luis Villar Palasi, anunciou a criação de três novas Universidades em Madrid, Barcelona e Bilbao, para aliviar as outras, com excesso de frequência de alunos.

Aguarda-se que essas Universidades comecem a funcionar em pequena escala este ano, assim como mais Faculdades e escolas técnicas em outras Universidades.

MEDIDA «LIBERAL»

Villar Palasi anunciou, também, um sistema compartivamente generoso de bolsas de estudo para estudantes pobres e uma campanha para aumentar o número de professores.

No entanto, a inovação mais discutida foi um decreto governamental autorizando pela primeira vez desde que o generalíssimo Franco ocupou o Poder, em 1939, a criação de associações académicas livremente formadas.

Acolhido largamente como uma medida «liberal», o decreto provocou, também, suspeitas de que as associações poderão apenas ser permitidas para fins desportivos ou culturais e que não servirão para canalizar representações

académicas nas questões universitárias.

Anunciou-se que alguns estudantes julgam que o decreto é uma tentativa para minar e isolar a banida União Democrática Académica que conseguiu vasto poder em Madrid e noutras Universidades, o ano passado.

A reacção ao decreto não é

ainda conhecida, mas a organização poderá tentar infiltrar-se nas novas associações e apresentar membros seus nas eleições para delegados de cursos, Faculdades e Universidades. Nos termos do novo decreto, a esses delegados foi prometida participação na administração das Universidades.

TERCEIRA TRANSMISSÃO DIRECTA DE TV DE BORDO DA «APOLLO 7»

CAPE KENNEDY, 17 — (R.) — Os astronautas americanos da «Apolo 7» iniciaram hoje a segunda fase da sua missão de onze dias numa órbita em redor da terra tendo já alcançado três quartos dos seus objectivos.

Os três cosmonautas, que parece terem debelado as constipações manifestadas a bordo, passaram a marca do meio caminho à 1 hora T. M. G. de hoje e começaram o sétimo dia em órbita com o seu terceiro espectáculo de televisão às 12 e 15 T. M. G..

A aparição de dez minutos dos astronautas Wally Schirra, Donn Eisele e Walter Cunningham atrairá, segundo se espera, milhões de telespectadores.

Os cosmonautas, antes contrariados em darem espectáculo público, pareciam agora estar a gostar da sua exibição diária. Têm gracejado, brincado e conduzido os telespectadores em digressões guiadas à volta das suas instalações no espaço repletas de aparelhagem.

Entretanto, a nave espacial «Apolo» protótipo da nave lunar americana tripulada, continuava a operar sem quaisquer grandes problemas.

O director do voo, Glynn Lunney, afirmou que os cosmonautas tinham realizado já 75 por cento das suas tarefas técnicas.

Observadores deste centro julgam que existe uma ópti-

ma possibilidade da próxima nave espacial que deve ser lançada por um foguetão «Saturn 5» em Dezembro, conduzir astronautas num voo em redor da Lua e regressar à Terra.

Afundou-se o submarino «Alvin»

WOODS HOLE (Massachusetts), 17 — (R.) — O submarino americano de pesquisas, «Alvin», perdeu-se ontem no Atlântico, quando cabos que o seguravam ao navio-mãe se partiram e a água penetrou nele através de uma escotilha aberta.

Ninguém se encontrava a bordo e não houve feridos.

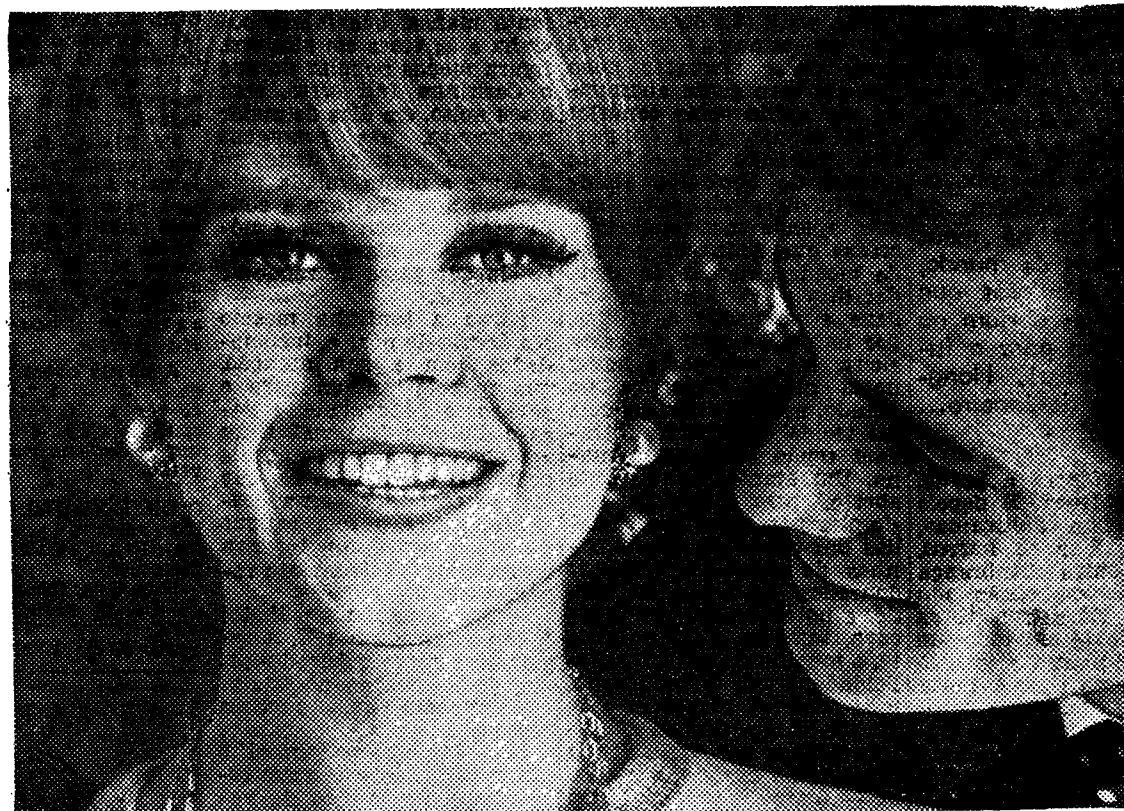
O «Alvin», empregado para localizar uma bomba de hidrogénio desaparecida ao largo da costa mediterrânica espanhola em 1966, afundou-se num local onde a profundidade é de cerca de 1500 metros, a aproximadamente 190 quilómetros ao Sul de Cap Cod, no Massachusetts.

O dr. Paul Fye, director do Instituto Oceanográfico de Woods Hole, que opera o «Alvin» disse que a recuperação do submarino era possível.



Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela...ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!
o adorável sorriso Pepsodent!

A diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diariamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent
com PL3-brancura natural dos dentes

ESTA ESTRANHA LISBOA—3

INVOCACÃO DA VERDE LUZ

Nesta selva escura dos dias sem horas, por entre os silvos do vento que martiriza os pinheiros e os repiques do desespero nos meus nervos, apelo ainda para a palavra, minha expressão e meu alimento, e na lembrança a amasso e a arrecado.

Neste momento em que a angústia mais me arre-

pela e parece querer arrastar-me da solidão absoluta para o vértice da loucura, intento recordar, enumerar, ressurgir alguns dos instantes mais belos da minha existência, sem hierarquia nem cronologia, que no acervo da memória não se encontram.

Lembro uma manhã verde de Outubro pálido no Parque do Estoril e, ao meu lado, uns olhos também verdes e ternos que diziam sempre uma espécie de espanto sereno a todas as pessoas e coisas. Vendo bem, creio que foi, na verdade, triste e acurada essa manhã hoje maravilhosa por entre a luz difusa em que a ressuscito. De toda a maneira, é o tipo de evocação que me perturba, que neste transe não me convém. Mas é precisamente a única que se me oferece.

Era a descoberta do amor e do desamor, a passagem a dois por um difícil pórtico.

Uns vagidos de sol ter-no, ainda adolescente, misturavam-se com a viração no abanar das palmeiras. As nuvens leves e raras voavam como plumas pelo azul débil para longe e com elas a minha esperança, quase certeza, de as seguir até à embocadura dos rios exóticos, de aportar, com os meus olhos sequiosos de mundo, às cidades fabulosas que já em leque se abriam na minha marcha para o futuro: Istambul, Hong-Kong, o Rio de Janeiro... E ela comigo!

Fora na véspera a bordo, enervada e lenta. E depois aquele filme no «Politeama», de estrangular os nervos, mas que outra lembrança não me deixou senão um ranger de vidro e a torva face do ódio (e era todo um *guignol* que noutra altura só me teria feito rir). A noite, o hotel inóspito, quase pobre e sobretudo velho, e o embaraço, o enlevo, todo o mais. Enfim a luz verde daquele parque no nosso primeiro dia comum. E sempre os olhos dela se punham verdes à aproximação do mar. Liquefaziam-se, recobravam uma graça infantil de paraíso sob o longo palpitir dos cílios, que me roçavam a pele como pontas de asa.

Os banhistas do Outono, na maioria estrangeiros, iam a caminho da praia, arrastando sandálias, envoltos nos seus roupões de panó turco, ao cabo de muita exortação

por
URBANO TAVARES RODRIGUES

as canelas cor de tijolo, apouquentedos pelos cauteleiros e pelos pedintes de ofício ou de ocasião. E, embora surpresos, esportulavam notas de vinte escudos, que eram então qualquer coisa para nós — a guerra terminara poucos anos antes. Os meninos-bem da época, que já não era a do *lambeth walk*, mas a do *swing* (e pouco faltava para chegar a *raspa*) usavam ainda cabelo engomado e colarinhos altos, com nós de gravata microscópicos, erguidos por travessão de ouro. Só apareciam mais tarde, por causa da noite no Casino e das festas em casa de uns e de outros (vida que eu também conhecia de raspão). Tornaram-se depois, que o bom nascimento ajuda muito, administradores de companhias e maiores de empresas públicas os menos cábulas e obtusos, e pelo menos vendedores de automóveis os outros, que sempre haviam mamado a cortesia familiar e alguma coisa dos idiomas que as mestras de portas adentro ou as refugiadas lhes haviam infiltrado na oitiva relapsa.

Mas eram tão doces e verdadeiros os minutos magoados desse nosso alvorecer novo que até essa gente aborrecida me sorria como cenário: eram os papagaios do parque, gritando de cor aos criados do *Deck Bar* (onde não havia ainda *juke box*, mas apenas matraquilhos e caixas que deitavam um ror de moedas quando se sabia dar-lhes o jeito) as suas ordens esganicadas de filhos, por natural direito, da casta eleita. Mas não podia haver nessa manhã injusta no mundo, nem os raios daquela luz tecida de ternura filtravam senão simpatia humana. Um atentar suavemente aberto, mas dolorido, nos simples passantes e nas dalias dos canteiros, nos carlinhos de mão dos infantes dourados, de bochecha nestlé, e no arco com que brincava, também resplandecente, o menino do monturo. Felicidade frágil e palpitante, mas também magoada, sim, porque trazia nas suas descobertas, e na sua salgada mistura de exaltação e busca — maravilhados mas sem encontro (onde é que podem encontrar-se as paralelas?) o mesmo incerto, humido, trazo de lágrimas remotas que vibrava naquela luz verde de Outubro.

Veio uma cigana, trigueira como o pão dos poemas de Lorca e com saia de papoila (assim a viamos naquele fugaz instante) e ateimou espantoladamente em ler-nos a sina, tanto e tanto que, e já no limiar das pragas

presentidas, lhe dei, só eu, a mão onde ela despejadamente leu amores sem conto e inimidades na mesma medida, e gostos, e tanta semente como não vim a ter, e obras rendosas. E até vislumbrou, na palma da minha mão, a estrela da glória, que havia de arrastar-se afinal por desempregos.

Despedimo-la com risos e prata, ou não fosse para nós dia grande.

E, com o sol a subir no firmamento azul, pálido, já sem véus de brancura viageira, a luz verde, aquecendo a frança das árvores, fez-se reflexo de cobre e consubstanciou-se na cal e no chão. Unidos e quase sem palavras, sentiamos menos vontade de almoçar do que de continuar ali, eternamente, naquela pausa, naquele banho morno de paz miraculosa e tenra, a ponto de desmaiar com um sopro, ameaçado de todos os lados e que talvez nunca mais se repetisse.

Foi então que surgiu a mulher do *Charleston*. Conhecia-a eu por esse nome porque ela se vestia à moda dos anos 20, de túnica bordada e franjada, embora sempre suja (a cintura descida) e a destapar-lhe os tristes joelhos escanzelados. Ainda por cima, usava uma tiara grotesca, como de rainha ou sacerdotisa, no farto cabelo ruço. Era uma pobre tola mansa, que falava sozinho e às vezes em alta voz, figura menos popular do que o Catitinha (ali certo, com o seu apito, em dias de maior movimento, nas passagens de peões), porém dada ao disfarce e muito valada pelo rapazão que não raro a decorava mesmo com a nódoa roxa de algum pontapé, se ela adregasse de reportar mais forte.

Parou a tontinha mesmo em frente de nós; e, incomodados com a sua atenção, que parecia voltada para o cavaco, e naturalmente para o dialecto, já pensávamos em abandonar de vez aquele poiso tão grato. Mas eis que ela, ao abrir a caverna desdentada que o tom sangue de boi do seu *baton* tornava ainda mais afilivamente repugnante, diz apenas:

— Que parzinho tão lindo! E tão agarradinho! E, a seguir, com um resquício, dir-se-ia, de lucidez na nostalgia: — Também eu... noutros tempos...

Mas ficou-se por aí, o olhar já inflamado nesse estranho lume branco da vesânia, ou do sonho. Deu de ombros, afastou uma pedra, de repelão, com a biqueira muito gasta do sapato fino de crocodilo, voltou a encolher os ombros por mais de uma vez, quem sabe se a furtar-se ainda aos clarões do passado, e, deixando-nos (extinta agora a nossa verde luz) lá foi direita à estação, já perseguida pela garrotada infrene: «Velha maluca! Toma vergonha!».

JULGAVA COMPRAR «PECHINCHA» E FOI ROUBADO

O súbdito belga sr. Jean de Rycabur de Betz, de 22 anos de idade, está actualmente entre nós, em viagem turística. Aconteceu que ao passar na Praça Marquês de Jombal, foi abordado por dois indivíduos de raça cigana, que se propunham vender-lhe, por preço tentador, um relógio de pulso. Explicavam-lhe que tal preço só era possível devido ao facto de o relógio ter entrado no nosso País, como contrabando. Seduzido pela oportunidade da «pechincha», o sr. Betz logo puxou da carteira para concretizar a transacção. Foi então que um dos ciganos, ao vê-la bem recheada, logo deitou mão a uma nota de 500 pesetas e a outra de 20 francos belgas. E logo desapareceram, em rápida correria, deixando-o com o relógio. Ontem, ao passar o sr. Betz pelo mesmo local, viu os dois ciganos que, de novo, dele se abeiraram. Então, aquele solicitou à Polícia a sua detenção. Mas um deles fugiu. O preso identificou-se como Herculano Romão Rosa, de 46 anos, e declarou ser vendedor ambulante:



Leonisia e Luisa (de calças) junto do monumento aos Bandeirantes, em

À VOLTA DO CONCURSO «MISS OBJECTS INSTANTÂNEOS BRASILEIROS»

(Do Brasil, ETELVINA LOPES DE ALMEIDA informa)

DOIS LUTOS EM SÃO PAULO. Morreu o poeta Manuel Bandeira. O poeta da vida e o poeta da morte. Não a considerava ele o «milagre da vida»?

No Rio de Janeiro aconteceu romagens de escritores, jornalistas, artistas e povo — esse povo que ele soube tão bem retratar e a que ele pertencia pelo coração. O seu corpo recebe as últimas homenagens na Academia Brasileira de Letras, e o Brasil sabe bem homenagear os seus heróis.

A poesia chora porque Manuel Bandeira não pode escrever mais versos, mas a saudade que deixou é ainda um verso, sem rima mas um verso.

O OUTRO LUTO é o do capitão americano, cônsul em São Paulo, Charles Rodney Chandler.

Estava a fazer um curso de língua portuguesa, para mais rápida promoção nos quadros do Exército ameri-

cano. Fora pessoa acuada na guerra do Vietnã. Alguém o alvejou à porta da sua residência.

AUGUSTO CABRITA não larga as máquinas de filmar e de fotografar. São Paulo é um convite à objectiva mormente agora, em que o fotógrafo está na ordem do dia.

Ontem, barafustava no salão do Hotel Danúbio, porque a TV não dava o relato dos Jogos Olímpicos. Procurei saber porque. Alguém comprou, por uma importância astronómica, os direitos de transmissão. Mas agora ninguém lho compra. «Quem tudo quer, tudo perde».

ARDERAM AUTOMÓVEIS no largo fronteiro ao Teatro «Treze de Maio». Mas não se tratava de acontecimento terrorista. Ruth, que soube sem-

pre fazer a publicidade das peças que representa, comprou carros velhos, levou-os para o largo do teatro e queimou-os.

Desta maneira, o público é mentalizado já na rua, para ver depois, no palco, a peça de Araby «O Cemitério de Automóveis». Nos outros teatros representam-se as peças: «As criadas», de Jean Genet; no Caelela Becker, em *travesti*, três homens representam papéis de mulher; e no Galpão está um «show» por Maria Betânia; na sala Gil Vicente «A primeira feira paulista de Opinião»; no Teatro Oficina está em representação a peça «O Rei da Vela», de Oswald de Andrade com Renato Borghi, Itala Nandi e Ety Fraser.

CHILCA BUARQUE DE HOLANDA CASOU-SE há seis meses e não disse nada a ninguém. As «fãs» ficaram surpreendidas e de lágrima ao canto do olho. A dúvida, porém, abre caminho à esperança.

Será verdade?

Ele teve recentemente mul-

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO

Prata de lei — Só pelo peso
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253—Telef. 324564

AS JÓIAS, AS PRATAS DA

Ourivesaria da
GUIA
SÃO DIFERENTES!



RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Modificadas as com

Por portaria da Presidência do Conselho, e tendo em conta a nova constituição do Governo, foram modificadas a comissão nacional e a comissão executiva, incumbidas a primeira de orientar superiormente as comemorações do 5.º centenário do nascimento de Pedro Álvares Cabral, e a segunda de elaborar o respectivo programa, bem como promover e coordenar a sua execução.

A primeira comissão passa a ser constituída pelos srs. eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado adjunto do Presidente do Con-

to êxito com «Viva». Tanto fazer uma peça o mesmo título de crítica social. Resultado: ram certa no esquecimento nários. E ass «êxito» de palco

O PROFESSOR é homenagem. Foi-lhe dado tubro, e todos os títulos a ignorado obra de do futuro

Faria de L de São Paulo 1965, uma lufícios escolares deira, sem nem a minihigiene. Abra modernas co da a área da cresce no M instruir, e b uma popula hoje oito mil tes. A par e seis anos, preparatórios ofícios, onde vela nas suas turais a Prof feições neces pos escolares a vai buscar, ca regressa tada.

Em breve r cas subdeset causa na sub

Tornou-me de Outubro

(Continua)

Desperdiça deza. Coloc nomias em valham.

GRANDE DA

RUA DA



...aos Bandeirantes, em Epirapuará

OBJECTIVA»

to êxito com a canção «Roda Viva». Tanto, que resolveu fazer uma peça de teatro com o mesmo título. Peça forte, de crítica social fortíssima. Resultado: «ultras» invadiram certa noite o teatro e escaqueiraram plateia e cenários. E assim terminou o «êxito» de «Roda Viva» no palco.

O PROFESSOR PRIMÁRIO é homenageado no Brasil. Foi-lhe dado o dia 15 de Outubro, e todos os jornais abriram títulos a esse grande e ignorado obreiro da sociedade do futuro.

Faria de Lima, o prefeito de São Paulo, iniciou em 1965, uma luta contra os edifícios escolares feitos de madeira, sem casa de banho nem a mínima condição de higiene. Abram-se escolas de modernas construções por toda a área da cidade que mais cresce no Mundo. É preciso instruir, e bem, o futuro de uma população que conta hoje oito milhões de habitantes. A par da instrução de seis anos, contando já dois preparatórios para artes e ofícios, onde a criança se revela nas suas tendências naturais a Prefeitura dá as refeições necessárias aos tempos escolares. Quando a mãe a vai buscar, à tarde, a criança regressa ao lar alimentada.

Em breve não haverá crianças subdesenvolvidas com causa na subalimentação.

Tornou-me feliz este dia 15 de Outubro dado ao mestre-

(Continua na 18.ª página)

Torre



de Babel

por João Medina

UMA HISTÓRIA QUASE POLICIAL: O VERMELHO E O BRANCO

O que a seguir se conta, minhas senhoras e meus senhores, é a história absolutamente fidedigna e sem ornatos dum evento sucedido na capital alsaciana no dia 23 de Junho do ano corrente, entre o romper do sol e as 7 e 30 da manhã, momento em que interveio o corajoso senhor Julien Gottesser, sapador-bombeiro, e pai de três amorosas crianças chamadas Pierre, Brigitte e Ferdinand Gottesser. Todavia, se não acreditarem no que adiante se conta, podem Vossas Excelências interrogar ao acaso os indígenas de Strasbourg que moram perto da catedral; e se nenhum nativo se mostrar disposto a falar-lhes no caso, rogo-lhes então, minhas senhoras e meus senhores, que se dirijam a casa do Sr. Charles Matagne, morador no «boulevard de la Victoire», 11, rés-do-chão, direito, ao lado do alfaite Schoepfling (para lá chegarem, sugiro-lhes que tomem o autocarro n.º 42, aquele que diz Esplanade). Ele vos dirá se é ou não verdade o que seguidamente passo a narrar.

Ora pois, minhas senhoras e meus senhores, ao romper do sol no dia atrás referido, uma curiosa bandeira flutuava com indolência no alto da catedral de Strasbourg (sobre esta jóia da arte gótica, veja-se qualquer bom guia como o Michelin ou o Nagel; leia-se ainda a descrição que o imortal Victor Hugo faz da catedral no livro O Reno, obra escrita em 1842 (*). Ondulando num céu de rara limpidez nesta planície entre os Vosgos e a Floresta Negra, tinha aquela bandeira duas faixas horizontais da mesma largura e altura. Duas faixas, uma branca e outra rubra. Era, como depois se verificou, um tecido bicolor de 18 m². A faixa vermelha ocupava portanto 9 m² e a branca outros 9 m².

Temos, portanto, minhas senhoras e meus

senhores, que na madrugada do dia 23 de Junho deste ano da graça de MCMLXVIII apareceu no alto da flecha da catedral estrasburguesa («o mais alto cimo que a mão do homem construiu depois da grande pirâmide», dizia o nosso grande poeta quando aqui veio no século passado), flutuando molemente na brisa matinal, um estandarte de prata e goelas, que é como quem diz branco e vermelho, totalizando 18 m² de tecido. Ora como a flecha da catedral («verdadeira tiara de pedras», V. Hugo, op. cit.) não costuma arvorar pavilhões desta superfície nem daquelas cores heráldicas, como explicar então a presença daqueles 18 m² de pano ali, naquela madrugada de Junho de 1968?

Mistério, minhas senhoras e meus senhores. Mistério. Devemos interpretar aquelas cores como formando, por exemplo, a bandeira da Indonésia? Ou da Polónia? Hipóteses absurdas. A flâmula do Mónaco? Mas que diacho vinha fazer lá no alto a bandeira monegasca? Como explicar aquela explosão bicolor no céu azul da Alsácia? Perplexos com o caso, tentaram alguns transeuntes matutinos dar uma solução imediata ao caso, explicando-o ora por motivos políticos, ora por razões desportivas. Vejamos, minhas senhoras e meus senhores, essas hipóteses aventadas para decifrar o enigma da bandeira matinal.

Sugeriram alguns nativos que talvez aquele pavilhão alvo e rubro fosse de facto o do principado de Sua Alteza o Príncipe Rainier III do Mónaco: sucede efectivamente que o Racing de Strasbourg derrotara na semana anterior o clube de futebol do Mónaco; será então de aceitar que um cidadão monegasco tivesse escalado a flecha da catedral para ali plantar o símbolo dum

pequeno país humilhado pela derrota futebolística no estádio da Meinau? Pouco provável, dir-me-dão. Com efeito, a hipótese parece de desdenhar.

Resta a chamada «hipótese política», sugerida por nativos com fortes inclinações partidárias, demasiado atreitos, portanto, a verem em tudo uma alegoria política. Mas examinemos com isenção e imparcialidade a explicação por eles proposta: sucede de facto que o dia 23 de Junho deste ano foi um domingo; domingos há muitos (ou, pelo menos, todas as semanas há um domingo, como diria Carnap); mas nem todos esses domingos são eleitorais, assim como nem

todos eles vêm depois do agitado mês de Maio deste ano; ia então o país confiar às urnas aquilo que uns quantos frenéticos tinham tentado impor nas ruas, atirando pedras e assobiando os nossos bons civis; mas deixemos estes apartes e voltemos ao dia 23 de Junho; estava pois a Alsácia, como aliás toda a França, em dia de eleições depois dum mês de Maio sombrio e muito confuso. Haveria uma relação imediata entre certas bandeiras de Maio e aquele trapo a flutuar no alto da catedral? Se respondermos afirmativamente, como explicar então que a bandeira jungisse precisamente dois extremos políticos opostos, o branco da direita e o rubro da esquerda? Ou deveremos deduzir daquela miscigenação que o planador furtivo do pendão queria insinuar aos seus compatriotas que votassem pela unidade nacional, pelo centro, pela reconciliação? A hipótese parece temerária.

Fosse como fosse, a verdade é que às 7 e 30 da manhã já o intrepido Sr. Julien Gottesser, sapador-bombeiro e pai dos meninos Pierre, Brigitte Ferdinand, morador na Rua do Arc-en-Ciel, 8, 1.º, tinha arriado o pavilhão rubro e alvo. Descido o trapo, foi este levado à Polícia, que o mediu, examinou e arquivou. Mas ficou o enigma por elucidar: porquê (e por quem) fora a bandeira ali colocada na alvorada do dia 23 de Junho deste ano? Porquê, minhas senhoras e meus senhores, não me dizem porquê?

Outubro de 1968



(*) Há tradução portuguesa de Vasco Valdes, Lisboa, Guimarães & Cia. Editores, 1916, 3.º volume pp. 62-68.

A banca portuguesa prejudica-se por não ter mercado internacional de divisas com operações a prazo

Terminou ontem o curso sobre mercado internacional de câmbios que o Forex Clube de Lisboa levou a cabo, sob a orientação do chefe de câmbios do Westminster Bank, de Londres, William Batt.

Como já informámos foi esta a primeira realização do Forex, grupo formado há alguns meses apenas, com o intuito de conseguir, para os especialistas de câmbios portugueses, a actualização dos seus conhecimentos de acordo com as novas técnicas e usos internacionais.

Antes de deixar Portugal, o sr. William Batt concedeu-nos uma breve entrevista sobre o actual momento financeiro internacional.

Asseverou que «as recentes modificações políticas em Portugal não influenciaram

a posição do escudo e a confiança dos capitalistas britânicos nos investimentos em Portugal», apesar das «restrições de colocação de dinheiro inglês no estrangeiro recentemente estipuladas», as quais lamentou embora reconhecendo a sua necessidade.

Quanto ao estenino, declarou que «não é de admitir uma nova desvalorização em breve». E de aguardar, pelo contrário, uma melhoria da situação das balanças de pagamento e comércio britânicos. Por outro lado, as perturbações que nova baixa causaria no sistema internacional de pagamentos «levaria as instâncias mundiais a evitar a todo o transe nova quebra no valor da libra». Referiu também o «desapontamento» com que a eco-

nomia britânica reagiu, em Novembro de 67, à desvalorização, imputando parte da crise à demora do Governo em tomar medidas adequadas.

Interrogado sobre a existência de mercado internacional a prazo nos nossos bancos, o sr. Batt admitiu que essa falta «prejudica as exportações e importações nacionais e que a sua instauração seria boa para o escudo, por não ser de recear a concorrência com outras moedas, em igualdade de circunstâncias». Os bancos estrangeiros que se relacionam com a economia portuguesa, «sentem dificuldades», afirmou, «devidas ao facto de os institutos bancários no nosso País não efectuarem operações a prazo no mercado internacional de divisas».

Quando chegar

o frio lembre-se de



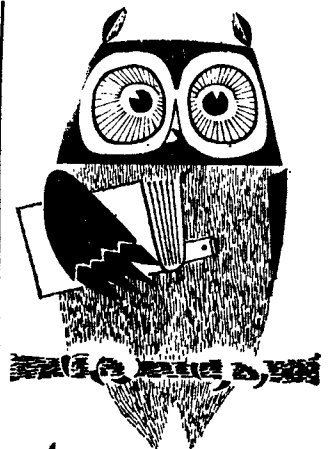
o calorifero francês mais vendido em PORTUGAL

modelos: normais, infra-vermelhos, catalíticos.

Joalheria Mergulhão

Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895 — ARTÍSTICAS 162, Rua de S. Paulo, 162-B Telefone 30013 — LISBOA

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ



Fracasso não é comigo!

O esforço intelectual desgasta o sistema nervoso. Se as células nervosas não forem abastecidas dos nutrientes de que carecem para se reconstituírem, o sistema nervoso desequilibra-se e todo o trabalho se torna cansativo e pouco produtivo. Sanatogen alimenta as células nervosas fornecendo-lhes toda a proteína concentrada, fósforo orgânico e vitaminas que elas necessitam, mantendo o equilíbrio e eficiência.

É por isso que, com Sanatogen não há fracasso!

Sanatogen THE PROTEIN NERVE TONIC

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA. Av. da República, 46 / LISBOA 1

CHOCOLATES TÁCIDES

BARREIRO * LISBOA * QUELUZ

As comissões do V Centenário de Cabral

selho; brigadeiro Beutencourt Rodrigues, ministro do Exército; comodoro Manuel Crespo, ministro da Marinha; dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Es-

trangeiros; prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar; dr. Hermano Saraiva, ministro da Educação Nacional; brigadeiro Fernando de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica; dr. Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; D. António dos Reis Rodrigues, bispo de Madaruma; prof. Petrony de Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura; prof. Moses Amzalak, presidente da Academia das Ciências; prof. Lopes de Almeida, presidente da Academia Portuguesa de História; eng.º Krus Abecásis, presi-

dente da Junta de Investigações do Ultramar; prof. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia; dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação de Calouste Gulbenkian; embaixadores Teotónio Pereira e Nobre de Melo; profs. Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio e Armando Cortesão; dr. Nuno Simões; e comandante Teixeira da Mota. Compõem a segunda os srs. prof. Lopes de Almeida, almirante Henrique Tenreiro, drs. Aureliano Felismino, Caldeira Coelho e Sousa Barriga, e Luís Forjaz Trigueiros.

LIBRAS OURO

Comecem a sair as Libras na PASTA COUTO VULGAR

L.º 1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º

SA ANUNCIADAS

1.º) — DIONÍSIO G. DO VALE — PORTO

2.º) — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras. mas a Pasta Medicinal Couto, dá-lhe a saúde da boca e dos dentes

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

CHECOSLOVACOS JUGOSLAVOS E FINLANDESES visitaram o Totobola

Encontram-se em Lisboa directores das organizações de apostas mútuas desportivas da Checoslováquia, Jugoslávia e Finlândia, que participaram no recente Congresso do Intertoto, em Madrid, o mesmo em que se verificou a eleição do dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca para o Comité directivo daquele organismo.

Aquelas delegações estrangeiras foram recebidas pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, dr. Lino Neto, e visitaram demonstradamente o Totobola, interessando-se por todos os por-



Os bem dispostos e alegres gastrónomos da gravura ilustram de forma incisiva o recomeço das chispalhadas na Adega Mesquita

menores da Organização, que lhe mereceram amplos elogios. Também no Totobola, os visitantes tiveram várias sessões de trabalho.

Foram-lhes proporcionadas, ainda, visitas ao departamento de Lotarias da Santa Casa da Misericórdia e ao Centro de Medicina de Alcoitão, modelar estabelecimento hospitalar construído com verbas do Totobola.

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS —
PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Pa-
dre Manuel
da Nóbrega,
10-B.
Telef.: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE TOTALMENTE AUTOMÁTICO

KB

· nova técnica
· melhor imagem
· melhor som

A GRANDE MARCA INGLESA
UM TELEVISOR DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL

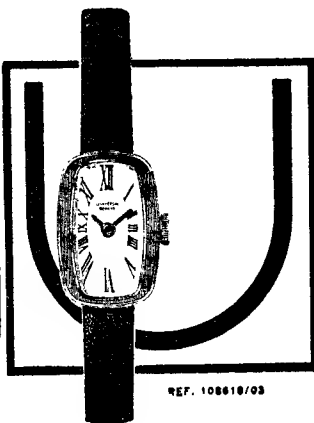
A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA — Rua António Enes, 20, 1.º — Telefone 53 50 57
PORTO — Rua Formosa, 172 — Telefone 26 90 2

Escola de empregadas domésticas

Na Avenida Barbosa du Bocage, 83, 1.º, o Centro de Estudos Domésticos, dirigido pela secção feminina da Opus Dei, promove diversos cursos de decoração, cozinha e administração doméstica.

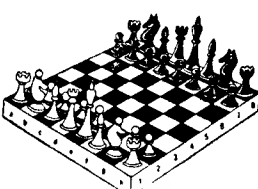
Informações podem ser pedidas pelo telefone 71 81 64



UNIVERSAL — o relógio com o qual outro belo relógio gostaria de se poder parecer. Mas um costureiro de relojoaria não se improvisa, cria-se!

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

JOGO DO XADREZ POPULAR



Completo, com marcas e
marcas e instruções para o
jogar — Cada 10\$00.

Envia-se pelo correio sem
mais despesas, a importân-
cia pode ser enviada em
selos do correio

Pedidos a
M. A. NASCIMENTO
Apartado 265 — PORTO

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS
Em preta-se em
boas condições. Tran-
sações rápidas. Si-
gilo absoluto.

SONIPAL
R. CONDE REDONDO 14-20
TELEF. 52248-556580

Reunião extraordinária da assembleia geral da Ordem dos Advogados

Efectua-se amanhã, às 15 horas, a assembleia geral extraordinária da Ordem dos Advogados convocada, nos termos dos estatutos da instituição, a pedido de mais da quarta parte dos advogados portugueses para tratar do caso do consócio dr. Mário Soares.

Conforme noticiaram os jornais na altura, em nota oficiosa do Governo, foi fixada residência em S. Tomé, por motivo de segurança, em 22 de Março último.

A assembleia geral da Ordem dos Advogados cuja reunião está marcada para as 15 horas e a que presidirá o bastonário dr. Pedro Pita, deve tratar do problema sob o aspecto profissional, estudando as condições criadas naquele consócio.

A decisão do Conselho de Ministros está pendente de recurso no Supremo Tribunal Adminis-

trativo, recurso interposto pelo advogado e nosso distinto colaborador dr. José Magalhães Godinho. Sabe-se também que uma decisão posterior do Conselho de Ministros fixou em um ano o prazo da residência fixa, a contar do dia em que aquele advogado foi detido, isto é em 13 de Dezembro, podendo depois dessa data regressar a Lisboa, conforme, também já noticiaram alguns jornais.

ESCOLAS PRIMÁRIAS

Por portaria conjunta emanada dos Ministérios das Obras Públicas e da Educação Nacional vão ser introduzidos no Plano de Construções Escolares para o Ensino Primário ajustamentos relativos à localização e agrupamento dos edifícios escolares.

GRÊMIO DOS COMERCIANTES DE LÃS E FIBRAS

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Grémio Nacional dos Comerciantes de Lãs e Fibras, que ficaram assim constituídos: Mesa da assembleia e do conselho geral: presidente, Rodrigues & Bicho, Lda.; secretário, Eduard Katzenstein, Lda., e SIMOL — Sociedade Industrial e Mercantil dos Olivais, Lda.; Direcção: António Alves e C.ª, Filhos, Sucessores; Indústria, S. A. R. L.; A Mengas Alves, Lda.; Comundo — Consócio Mundial de Exportação e Importação, S. A. R. L.; e Alves Raposo, Lda.

A presidência do Grémio foi entregue ao sr. António Mengas Alves.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Etec.	Compra	Venda	Ultramarinas	Etec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4 %	—	—	525\$	Diamantes Angola	1.120\$	1.120\$	1.125\$
Consolidado 3 %	—	—	545\$	M. E. Revus	—	600\$	—
Consolidado 3 1/4 %	—	—	650\$	Ilho do Príncipe	—	500\$	—
Centenários 4 %	1.480\$	—	480\$	Moçambique	50\$	49\$	51\$
Obriga. Tesouro 5 %	1.000\$	000\$	001\$	Sonete n.	—	262\$	264\$
Externo Série	—	775\$	800\$	Sonete p.	262\$	262\$	264\$
Externo 3 Série	845\$	845\$	850\$	Zambézia	—	425\$	44\$
Externo 3 Série	910\$	900\$	920\$				
Cautela 3 Série	—	—	—				
OBRIGAÇÕES							
Agua Lisboa 5 %	—	—	485\$	Diversas			
A P I 5 % 56	—	—	940\$	Cidra	—	—	—
A P I 5 % 58	—	—	—	Cim. Leiria	—	1.720\$	1.800\$
C P 4 1/2 % 65	920\$	915\$	—	Cim. Tejo	—	2.450\$	—
C P 5 1/2 % 67	1.019\$	1.016\$	1.018\$	Col. Navegação	—	600\$	610\$
C U F 6 % 68	1.000\$	999\$	1.001\$	C. U. F.	—	990\$	995\$
Gás Elect. 4 % 48	—	850\$	—	Ind. Alentejo	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2 % 51	—	900\$	—	Nac. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5 % 52	—	900\$	905\$	Petroquímica	1.300\$	1.295\$	1.300\$
Gás Elect. 5 % 58	900\$	880\$	—	Port. e Colónias	3.060\$	3.050\$	3.070\$
Gás Elect. 5 % 59	910\$	900\$	—	Port. Celulose	—	—	—
Gás Elect. 5 % 62	—	915\$	—	Port. Pasco	—	445\$	445\$
Gás Elect. 5 % 63	—	915\$	—	Sacor	2.750\$	—	—
Gás Elect. 5 % 65	—	920\$	—	Siderurgia Nac.	1.060\$	1.055\$	1.065\$
Gás Elect. 5 % 67	—	1.015\$	1.020\$	Soc. —	—	2.080\$	2.100\$
H. E. A. Alentejo 5 %	—	825\$	—	Tabacos de Portugal	—	1.150\$	1.250\$
H. E. Cávado 5 %	—	836\$	—	Tabaqueira	—	650\$	700\$
H. E. Cávado 6 %	1.000\$	—	1.000\$	U. F. Azoto	—	—	—
H. E. Douro 5 %	—	—	—				
H. E. Douro 6 %	1.000\$	—	—				
H. E. Norte Port. 5 %	—	—	1.000\$				
H. E. S. Estrela 6 %	—	845\$	—				
H. E. Zêzere 5 % 55	—	840\$	—				
H. E. Zêzere 5 % 57	—	840\$	—				
Lisboa 6 %	1.002\$	1.001\$	—				
Metropolitano 4 %	903\$	900\$	904\$				
Metropolitano 5 3/4 %	—	1.004\$	—				
Moçambique 5 %	—	750\$	—				
Nac. Electr. 5 %	835\$	—	840\$				
Nitratos 5 %	—	—	—				
Nitratos 5 % 60	—	—	—				
Petroquímica 5 %	—	840\$	850\$				
Port. Celul. 5 %	—	—	—				
Sacor 5 % 54	—	850\$	—				
Sacor 5 % 60	—	820\$	—				
Siderurgia 5 % 2.º	—	835\$	845\$				
Siderurgia 5 % 3.º	—	825\$	835\$				
Siderurgia 5 % 4.º	—	825\$	835\$				
Sonete 5 %	—	800\$	850\$				
T. A. P. 4 %	—	910\$	—				
Termoelect. Port. 5 %	—	—	830\$				
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—				
U. E. P. 4 %	—	82\$	85\$				
U. E. P. 4 1/2 %	—	88\$	—				
U. E. P. 5 %	82\$5	82\$	83\$				
U. E. P. 5 % 60	—	—	870\$				
U. E. P. 5 % 63	—	—	870\$				

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, S. A. R. L.

Capital 320 000 000\$00
F. de Reserva 270 000 000\$00
Sede em Lisboa na
Rua do Comércio, n.º 95 a 119

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convocados os senhores accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 6 de Novembro, às 16 horas, na sede do Banco para deliberarem sobre propostas do Conselho de Administração relativas:

- 1.º — ao aumento do capital social por incorporação de reservas;
- 2.º — à consequente alteração dos artigos 4.º e 5.º dos Estatutos;
- 3.º — à alteração dos demais artigos dos Estatutos que a Assembleia entenda conveniente reformar.

Lisboa, 14 de Outubro de 1968.

O VICE-PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL
(Eng.º António Rodrigues
dos Santos Pedrosa)



António Júlio Lopes (LOPES DA VACUM)

FALECEU

CÂNDIDA FERREIRA TALHADAS, e mais família, cuamprem o doloroso dever de participar o seu falecimento, e que o funeral se realizou ontem, da sua residência, Rua da Junqueira, n.º 274-1.º, Esq.º, para o cemitério da Ajuda; não tendo sido feitas participações, por determinação expressa do Finado.

ÂNTIGA
AGÊNCIA LOURENÇO
Rua da Junqueira, 296
Telef. 638026

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65-100)

	9/10/68	15/10/68	16/10/68
GERAL	103,2	103,0	103,0
METROP.	102,7	102,6	102,6
ULTRAM.	107,2	105,8	106,1

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36\$00	38\$50
América:		
Dollars de a 2	28\$25	28\$65
Dollars de 5 a 100	28\$45	28\$80
Canadá — Dollar	26\$30	26\$80
Alemanha — Marco	7\$1	7\$30
Argentina — Peso	—	—
Austria — Schilling	1\$08	1\$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$50	8\$50
Espanha — Peseta	\$40	\$41,5
Holanda — Florim	7\$8	8\$05
Inglaterra — Libra	67\$30	69\$50
Itália — Lira	\$04,52	\$04,7
Marracos — Dirham	4\$65	5\$15
Bélgica — Franco	\$55	\$57
Frância — Franco	5\$50	5\$85
Suécia — Franco	6\$58	6\$78
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$05
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315\$00	330\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	220\$00	240\$00
Ouro Fino — Barra	36\$00	38\$50

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO 72 Tel. 321273



FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PRÓXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO

ROSSIO (R. DO AMPARO, 21) CAMPIÃO & CIA.

Faz milionários desde 840

P. FIGUEIRA (R. AMPARO, 21) CAMPIÃO & CIA.

Apostas de 35 a 239 48455

R. DE JEREMMO, 65

TABAC. DO CAFÉ NACIONAL

Tabacos, Biquitros - Totobola

AV. DA LIBERDADE, 26

TABACARIA DO CAFÉ LISBOA

Jogue nas nossas séries

R. DA PALMA, 43

CASA TRAVASSOS

Sempre dinheiro aos moscos

R. DO ARSENAL, 78

CAMBISTA TESTA

Jogue na Testa e terá festa

R. CONDE REDONDO, 93-B

CAMPIÃO & CIA.

Lotarias e Totobola

R. ACTOR ISIDORO, 1-A

HAVANEZA DA ALAMEDA

Tabacarias-Novidades-Livraria

PRAÇA DO AREEIRO, 5-A

CAMPIÃO & CIA.

Sempre bons preços

LARGO DO CHIADO, 15

TABACARIA NEVES

Adquiras as nossas «décimas»

LARGO DO CARMO

QUIOSQUE DO CARMO

Valores selados-Lotaria

R. D. JOÃO V., 5-C/7-A

«EQUIPA»

Tabacos-Livros-Novidades

R. MORAIS SOARES, 101

CAMPIÃO & CIA.

Faz milionários há um século

AV. DE ROMA, 2-D

TABACARIA DA P. CAPRI

Tabacos-Revistas-Jornais

AV. DE MOSCAVIDE, 113

CAMPIÃO & CIA.

Jogue e a «sua hora» chegará

ROSSIO, 42

CASA TRAVASSOS

Sempre dinheiro às mãos cheias

O PALPITE DE HOJE É DO

QUIOSQUE DO CARMO

1-X-1-1-2-X-2-2-2-X-2-1-1

LARGO DO CARMO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

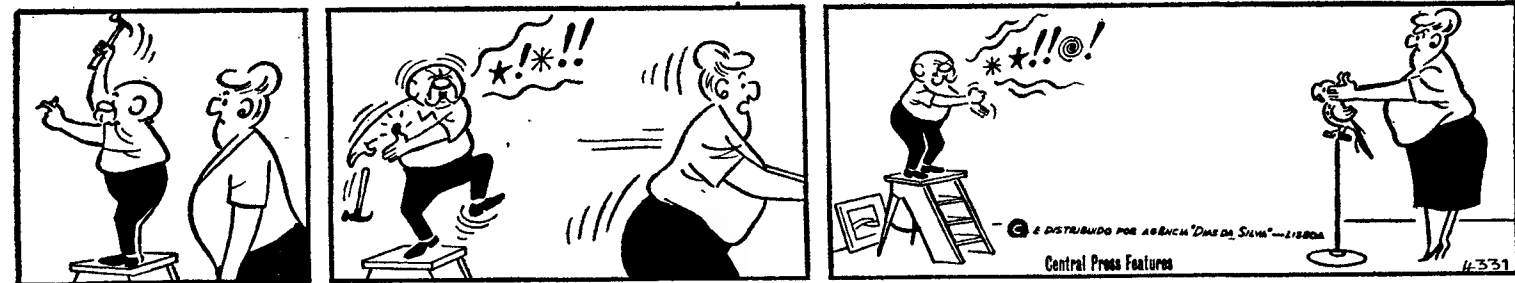
Os Peanuts



Carol Day



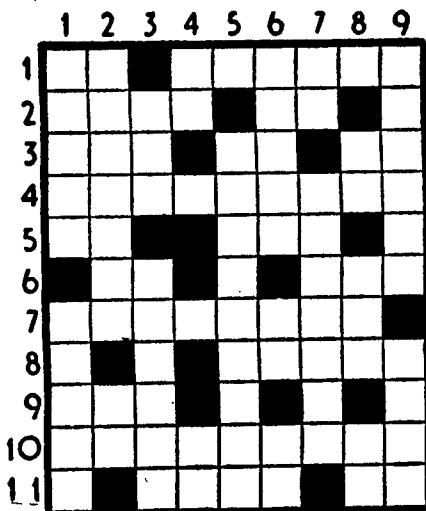
Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4972



HORIZONTAIS: 1—Certo. Esposa. 2—Abastada. Em porções iguais (abrev. quim.). 3—Indisível. Símbolo químico do cromo. Antes de Cristo. 4—Fartale. 5—Qualquer. Calamidade. 6—Dormir (infantil). Rio dos distritos de Braga e Porto. 7—Anreterca. 8—Cavalo pequeno e fraco. 9—Cidade da Turquia asiática, à beira de um lago do mesmo nome. 10—Extraordinário. 11—Símbolo da Aviação. Preposição

VERTICAIS: 1—Ave de rapina, de grande porte, que devora a carne de animais mortos. Manda. 2—Escavamos. Prefixo de privação. 3—Colorido. Ultraje. 4—Imperfeita. Artigo (pl.). 5—Cimeira pequena (inflorescência). 6—Vasta. Preposição e artigo Pertences 7—Existe. Navegador espanhol, do séc. XVI, que descobriu a Califórnia. 8—Prefixo que designa direcção. Seque. A ti. 9—Revista. Enfadad.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4971

HORIZONTAIS: 1—Tosse. Res. 2—Riu. JU-RA. 3—Erram. 4—Op. Réu. M.A. 5—Legas. Dar. 6—Edam. Cair. 7—Aro. Serão. 8—Rá. Toa. Se 9—SOBRE. 10—Arem. VII. 11—Sam. Casal

VERTICAIS: 1—Colearias. 2—Op. PEDRA. Ra. 3—Sie. Gao. Sem. 4—Sunram. Tam. 5—Res. Sob. 6—Jau. Cearia. 7—Rum. Dar. Eis. 8—Er. Moias. Va. 9—Samarrões.

(Provérbio: JURA MÁ, SOBRE PEDRA VA)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8816

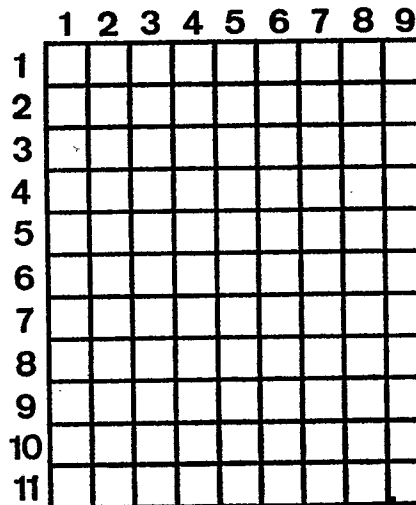
HORIZONTAIS: 1—Causa amuo a Pegas. 2—Admoestado. 3—Olé Um milhão. 4—Nota musical Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Em partes iguais. 5—Guarnecido de arames. 6—Arremessava 7—Cruel. Base aérea portuguesa. 8—Espírito. Rio da Alemanha. 9—Pronome reflexo Tempo do verbo Ir. Cobalto (s. q.). 10—Tenebrosa. Lavram. 11—Rente. Larva das feridas dos animais

VERTICAIS: 1—Além. Emparelhar. 2—Caixa de madeira revestida de couro ou lona. Nome de mulher. 3—Emprega Peixe escômbria do Algarve. Reis. 4—Abreviatura de átomo. Apelido. Apáfama. 5—Soluçara. 6—Prata (s. q.). Gosta muito de. Cólera. 7—Figura que simboliza o povo americano. Antepassados. Estrépio de desmoroamento. 8—Transfere para outro dia. Acomoter. 9—Pôr solos em. Perfume.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8815

HORIZONTAIS: 1—Minho 2—A.C. Rua 56. 3—Cás. Par. 4—Apalçada. 5—Dama. Apor. 6—Arola. 7—Gao. 8—Cora. Doma. 9—Além. Arém. 10—Ota. Ana. 11—Saldariam.

VERTICAIS: 1—Socada. Caos. 2—Capa. Falta. 3—Sama. Real. 4—Ir. Largam. 5—Nuca. O6. Fé. 6—Há. Calada. 7—Papa. Oral. 8—Sado. Amena. 9—Morara. Amam.



CAMINHOS DE FERRO PEGO E ALVEGA

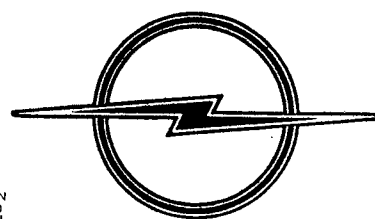
Comunica-nos a C.P. que todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Pego-Central e Alvega-Central e bem assim

para as localidades de Rossio ao Sul do Tejo, Concavada e Casa Branca (Alvega). Por seu turno, nos Despachos Centrais de Pego e Alvega expendem-se igualmente

mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.



AGORA A LICAR



É OPEL

EXITO 102

contacte já o novo concessionário OPEL

LICAR, S.A.R.L. • Av. Casal Ribeiro, 48A-LISBOA

**180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125\$00
MENSAIS — JURO DE 8 %**

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

**UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA
E CONCEITUADA MAS MODERNA**

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnifico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboteira — Amadora. Centro da Amadora frente à estação do C. F. Portas de Benfica. Parede Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

**NAO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇÃO DE BEM SERVIR
COM SIMILARES
INFORMAÇÕES:**

Lisboa — R. Conde Redondo 53 4.º Esq.º — Tel. 47843 e 45843
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Telef. 952021 e 952022
Amadora — Reboteira — Tel. 933670

**MORADIA
EM CASCAIS**

Av. Marechal Carmona,
N.º 30

Vende-se, com 11 assoalhadas, sendo algumas excepcionalmente grandes, 5 roupeiros, 3 casas de banho, lavabo, 3 banis, grande cozinha, despensa, lavanderia, garagem, enormes varandas, jardim, vistas agradáveis, Area 1050 m2

TRATA-SE NO LOCAL

**MORADIAS NO ALTO
DE PAÇO D'ARCOS**

**RUA JOSE FERRÃO CASTELO
BRANCO**

Compondo-se de r/c, 1. andar e garagem, 10 casas assoalhadas, cozinha, lavabos, etc.

PREÇO 1.500 CONTOS

Em construção com acabamentos ao gosto dos interessados.

INFORMAÇÕES: No próprio local ou nesta organização.

AZULEJOS

Nacionais e Estrangeiros
DESDE \$60

Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal dos azulejos Celena

**BANHEIRAS DE FUNDIÇÃO
E CHAPA ESMALTADA**

Grande quantidade de polibans de ferro fundido

**PREÇOS SEM
CONCORRÊNCIA
PLASTICO PVC RIGIDO**

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido, para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios portas extensíveis e planas e chapas de cobertura da Fábrica de Plásticos Valverde

**A BOA QUALIDADE
A BAIXO PREÇO**

A maior gama de materiais de construção especialmente revestimentos, tintas, drogas, ferragens e ferramentas

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30
QUELUZ
PRAÇA PADRE EDUARDO
FERREIRA DO AMARAL, 3-A
AMADORA
(Junta ao Jardim Parque)

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços
de Troca**

consulte a **TABELA AUTOSIL**

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 601583-LISBOA
largo do Mercado, 38
telef. 24214-FARO

AUTOSIL

rua D. João IV, 643 a 656
telef. 235 66-PORTO
rua Nuno Velho Pereira
SANTAREM

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VAROES
CARTÃO HIDRAULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS

VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

TERMO-ACUMULADORES ELÉCTRICOS

VENDEM-SE BARATOS

Trata telefones 32 18 15 — 36 19 01

PR. S. PAULO, 19-2.º-D.º — LISBOA

CAXARIAS-NORTE



JOAQUIM PEREIRA ISABEL

Missa do 7.º dia

Seus filhos, noras, netos e mais família participam que no dia 19 será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Caxarias-Norte, às 17 horas, agradecendo a comparencia de todos os que se dignarem assistir ao piedoso acto.

CAXARIAS-NORTE



JOAQUIM PEREIRA ISABEL

Missa do 7.º dia

O pessoal dos Escritórios e operários da Fábrica da MADEIRA — Madeiras de Caxarias, Lda. participam que no dia 19 será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Caxarias-Norte, às 17 horas, agradecendo a comparencia de todos os que se dignarem assistir ao piedoso acto.



O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng. Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACULTAMOS FOTOCOPIAS

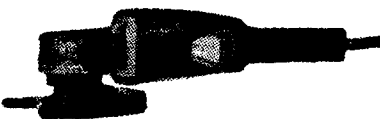
Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
«EVOTRUF» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

R. de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telef. 361805-322118



**FERRAMENTAS
ELECTRICAS POR-
TATEIS RUPES (MI-
LÃO) O QUE HÁ DE
MELHOR E MAIS
ECONÓMICO**

Distribuidores:

H. CABRAL & SARZEDAS, L.ª

LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B

PORTO — RUA DA ALEGRIA, 294

REBARBADORAS MONOFÁSICAS E TRIFÁSICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FÓRMICA, LIXADEIRAS, ELECTRO-SOPRADORAS, ETC., ETC.



HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

**AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE**

ROSSIO, 3-2.

TELEF. 369384

HOJE PODE VER...

AVENTURAS E AGRURAS DE UM REPÓRTER em «Riso e Ritmo»

Nicholson (Francisco) e Cortez (Armando) apresentam, esta noite, mais um espectáculo de «Riso e Ritmo». Haverá humor, música e canções. Durante uma hora, no pequeno «écran», o desfile procurará, sempre, os caminhos do Riso e do Ritmo. Assim o orientaram sem dúvida, a dupla produtora e o realizador Luis Andrade. Para tanto, reuniram um elenco numeroso com nomes de cartaz e de êxito. Será um longo desfile: Mariema (cuja presença não é muito assídua na TV), Mafalda Sofia, Maria da Fé, Maria Armada, Susy Paula, Maria da Nazaré, João Fernando, Conjunto Sem Nome, Canto e Castro, Sandra Valente, Ana Zanatti, Maria José Tavares, Octávio de Matos, Henrique Viana, Júlio Martins, Branca Vitória e Luís Pinhão, além, claro, dos próprios Nicholson e Cortez. A orquestra estará a cargo de Joaquim Luís Gomes.



Cortez e Nicholson. Nicholson e Cortez: uma dupla feliz, vitoriosa. O humor tem sido um caminho trilhado com o êxito. Na TV, o humor Cortez e Nicholson (Nicholson e Cortez) chama-se «Riso e Ritmo»

Dentro da linha imprimeira do programa, este terá um fio condutor, uma história (fantasiosa, é evidente) que ligará todo o espectáculo.

Desta vez, verão as agruras e desventuras de um jornalista, de um repórter em bolandas, sempre correndo em serviço, registando partidas e chegadas de vedetas e celebridades (pobres celebridades, tantas das vezes, ocas e pura de-

a anedota, não faltam canções. Muitas canções. Há uma, por exemplo, intitulada «Canção dos intelectuais» onde, a certa altura, se diz:

Somos intelectuais
Somos muito mais
Que outro qualquer
Temos
Ideias gerais
Que nem os jornais
se atrevem a ter

Ah!... Há também, a menina bem. Cantada assim:

Menina bem que à noite
saia de mini-saia
Vai, é sabido,
Com um ar enfatuado
Cantar um fado
Lento ou corrido
Fala em toureiros, estre-
mece
que até parece
aficionada
Mas, no final, em resumo
faz um consumo
Não faz mais nada

Será assim, mais ou menos, «Riso e Ritmo» desta noite, na R. T. P. Com um elenco numeroso e de cartaz. Incluindo o «Mau» (atenção ao «Mau», leitor amigo, cuidado com o «Mau»).

A seguir virá a «coqueluche» do mês: Os Jogos Olímpicos. «Records» que se desfazem, nascem e morrem num só dia, na altitude mexicana. Com sol e calor e chuvada forte, à mistura.

Mas, cuidado. Cuidado com o «Mau»...



Uma voz, uma presença pouco assíduas na pantilha da R. T. P.: Mariema. Canta e representa bem. É vedeta aplaudida e triunfante

silusão...) e comparecendo a almoços que se sobrepõem, mas que é preciso noticiar (oh as vedetas, os magnates poderosos e os «fans» das vedetas...) Mas há pior ainda: para mal dos pecados do pobre agoniado repórter, a ementa desses é sempre a mesma. Trata-se, claro, de uma especialidade da terra! Entretanto, no jornal, vai a azáfama trepidante de todos os dias. O chefe de Redacção dá ordens e mais ordens (e o pobre do repórter lá vai, de almoço em almoço, mais morto do que vivo), enquanto um estimado leitor o bombardeia com alvitre e protestos, ditando campanhas, reparos destruidores, pois está tudo que é

uma vergonha, a cidade só tem erros, falhas e problemas e o jornal tem de pôr tudo nos eixos. E o sr. Queixinhas (é assim que ele é identificado) vai falando, criticando, protestando...

E claro que, salpicando

E o repórter lá anda, esfalfado, agoniado, qual bola de «ping-pong», correndo e telefonando. E o coquetel para lançamento de uma nova obra, onde aparece, a fina flor da intelectualidade; é a visita do poderoso magnate da estranja, são as homenagens ao artista que parte, ao artista que chega, ao artista que devia partir mas já não vai, ao artista que não devia ir mas vai...



O QUE VIMOS E OUVIMOS...

NOITE DE TEATRO

A dama vai para o sul
o homem vai para o norte

pouca sorte
pouca sorte
pouca sorte
u u! u u!

pouca sorte de quem não
vai para lado nenhum
só pra ver que tradução
da na pinha a cada um
o homem vai para o norte
a dama vai para o sul
e na discreta Albion
onde falo eu, falo tu
só para dizer «how do you do»
kê komo kem di: «lá bom!»
nesta peça tudo é forte
em falar farto e fufu
vai para o sul? vai pro norte?
vai pro norte? vai pro sul?
e o que é que vai fazer?
vai ver alguém, vai desver?
Não quer beber, nem comer?
Nem dançar nem al fazer?
tudo enquanto há um mal de morte
nos campos de John Bull
em que um homem vai pro norte
e uma dama vai para o sul
u u! u u!
pouca sorte
pouca sorte
vão para lá
vão para cá

pois vão, pois vão, vá quem vá
fico eu, que sou mais forte
para ver o festival
desta mentira a florir
a arte de se tingir
de basto intelectual
pra quê?, se ao fim cheira mal
como o que é, sem fingir?
Na peça há um tipo que tem
quatro contos — quase nada! —
calça bem e veste bem
tem valentíssima espada.
Ora quem com «massa» pouca
tanta coisa tenha assim
sei eu. Onde vens, «pilim»?
(Melhor é calar a boca...)
Há uma mulher a dias
e outra mulher ao balcão
e um «barman» parlapatão
e um velho jeremias
e um chófer de camião
todos com a comichão
de vesgas filosofias.
Entretanto
entre comboios — uu! uu! —
na escuridão — bom recorte! —
uma dama vai pro sul
um homem vai para o norte
e afinal — pouca sorte
pouca sorte pouca sorte —
chegam comboios — uu! uu! —
ele que vai para o norte
e ela que vai para o sul
(de Londres? da Patagónia?)
cruzam-se mas não em Grew:
cruzam-se em Santa Apolónia...

M. C.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa —
451 m — 665 kc/s — As 16:
Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?
17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, programa de Maria Emília Canele de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 2.º episódio da folhetim «Música no Coração»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Albert Rainsner e a sua Harmonia; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro «O Casamento da Condessa de Amieiras», de J. de Dinis, adaptado por Leopoldo Araújo; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Simão Bocanegra» (Verdi); 18: Música do século XX — Obras de Karol Szymanowski; 19: Horizonte Semanário de Letras e artes; 19 e 30: Folclore português — Canções populares; 19 e 45: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Coro Gulbenkian, sob a direcção de Pierre Salzmann; 20 e

45: Esboços em ré maior K 251 (Mozart); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em fá maior op 99 (Brahms); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano; 23 e 30: «Catalúli Carmina» — cantata (Carl Orff); 0 e 10: «Dicleiano ou o profetiza» — Suite (Henry Purcell); 0 e 24: Sonata em sol menor; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: D'apressa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talsmã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Danças de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 57: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G6-G6 (continuação); 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor do Miramar — 383,6 m — 782 kc/s As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbailac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,7 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: A orquestra de F. Poucel; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 50: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Valsas de sempre; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 2: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

QUEM SABE, SABE

POIS É. Quem sabe, sabe. E o leitor sabe bastante, com certeza. O quê?! Bem... Pequenas e grandes coisas, factos importantes, ou pormenores miúdos da vida dos artistas, da gente da TV, do nosso mundo do espectáculo. «Quem sabe, sabe» é, afinal, um passatempo. Simples e inofensivo: faremos umas perguntas e o leitor responderá. Se quiser, é claro. Depois, depois veremos quantos acertaram. Enfim, é uma distração: simples e inofensiva. E «quem sabe, sabe».

TELENOTÍCIAS

Brevemente a R. T. P. apresentará um programa de variedades subordinado ao tema do Outono, com António Calvário, Mara Abrantes, Gina Maria, Artur Garcia, Domingos Marques, Paulo Jorge e Helena Rocha acompanhados pela orquestra de Tavares Belo. Actuam também o Ballet Gulbenkian, Norberto Barroca e Laura Soveral.

Estiveram nos estúdios a gravar um programa de Fados (e guitarradas) os artistas Saudade dos Santos e Tristão da Silva.

Com apresentação de Artur Agostinho o realizador Adriano Nazareth dirigiu um programa de variedades com Luís Aguilé, Maria Valejo, Ballet Star Dancer's Milá Talaya, Grupo 5 e a acordeonista Eugénia Lima.

O programa conta ainda com a participação especial de Florbela Queirós e Ivone Silva.



AMANHÃ — As 14 e 40: C'la Preparatório da TV; 19: Telejornal; 19 e 10: Eurovisão — Jogos Olímpicos do México; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20 e 55: Parada da Indústria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22 e 05: Variedades — «Riso e Ritmo»; 23 e 10: Eurovisão — Jogos Olímpicos do México; 0 e 40: Telejornal, Meditação e Fecho



TELERELAMPAGO—TEL. 831223

ASSISTENCIA PERMANENTE AO DOMICILIO DE

TV

Diário de Lisboa

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

No Tribunal Plenário Criminal do Porto iniciou-se, esta tarde, o julgamento do sr. Nuno Pereira Rebocho, de 22 anos, solteiro, sem profissão conhecida (preso), da sra. D. Dúlia Pereira Maia, de 20 anos, casada, estudante, (presa), ambos residentes no Lugar de Santo Isidro, Santa Cruz do Bispo (Matosinhos); sr. Mário António Pedroso da Mota, 22 anos, solteiro, profissional de seguros, da Rua de Cedofeita, 117 (preso); D. Elvira Magnífica Guimarães Correia Fintoura, de 22 anos, casada, empregada de escritório, da Rua Elias Garcia 215, em Gaia; José Ribeiro Lamego, 23 anos, solteiro, mecânico de telefones, da Rua Padre Reis Cabral 1033;

Condenado por conduzir sem carta

No 2.º Juízo Criminal e em tribunal colectivo, foi julgado o Agostinho da Silva Pinto, de 31 anos, casado, cobrador, do lugar de Espinhosa, S. Pedro de Avioso (Maia). O réu, sem ter carta de condução, e sem qualquer autorização, apropriou-se de uma camioneta de passageiros que estava estacionada junto do mercado de Matosinhos, e que pertence à empresa onde o mesmo trabalhava. Foi condenado a um passeio até Peralta, voltando ao lugar onde a tinha retirado.

Foi condenado em 18 meses de prisão, 67 dias de multa a 30 escudos por dia; mil escudos, também de multa; dois mil de imposto de justiça e 1500 escudos de indemnização.

Votou vencido na sentença o sr. dr. juiz Vasco Tinoco, um dos assessores do Tribunal, por entender que a gravidade do crime do réu impunha um castigo mais severo.

Espectáculos para esta noite no Porto

TEATROS
CIRCO MEXICANO — As 21 e 30, na Av. Fernão de Magalhães (12 anos).
CINEMAS
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Momento a momento» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Os gloriosos malucos das máquinas voadoras» (12 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Vida Moderna» (12 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Diango» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «A estrada de Corinto» (17 anos).
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «O visconde não perdoo» (17 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «As férias grandes» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «O enigma alucinante» e «O templo do elefante» (12 anos).
ESTÚDIOS — As 21 e 30: «Todas as noites, das nove» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Missão inquietante» (17 anos).
JULIO DINIZ — As 21 e 30: «A Princesa» (17 anos).
ODEON — As 21 e 30: «Carga branca para Hong-Kong» (12 anos).
CINE-GAIA — As 21 e 30: «O Diabo» (17 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS
COLISEU — As 5 e 30: «Os gloriosos malucos das máquinas voadoras» (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30: «Diango» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30: «Vida Moderna» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30: «A estrada de Corinto» (17 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «O visconde não perdoo» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «As férias grandes» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15: «Rosto de violência» e «Oportunista» (12 anos).
S. JOÃO — As 15 e 30: «Momento a momento» (17 anos).
ESTÚDIO — As 15 e 30: «Todas as noites, das nove» (17 anos).

Romeu José Rodrigues, 22 anos, solteiro, empregado de escritório, da Rua de Santo António 171-4; Fernando Rosa Guimarães, de 27 anos, solteiro, contabilista, da Rua 24 de Agosto, 24 (preso); Manuel José Oliveira Silva, de 26 anos, empregado comercial, da Rua de S. Bento, 412-2; em Lisboa, e António João Mendes dos Santos, de 20 anos, solteiro, estudante, da Rua João das Regras, 17-3.

Segundo a acusação, os réus eram membros activos do chamado Partido Comunista Português e, pelo menos alguns deles, frequentaram cursos de doutrinação marxista-leninista; tiveram reuniões com funcionários do Partido em Portugal, Espanha e França; distribuíram panfletos clandestinos; angariaram fundos para as despesas do Partido e exerceram outras actividades subversivas. Ao sr. Nuno Rebocho e à sra. D. Dúlia Maia foram apreendidos engenhos explosivos, conhecidos por «cocktails Molotov» que, segundo a acusação, foram fabricados por eles próprios, destinando-os a ser utilizados com fins violentos.

Ao julgamento preside o desembargador sr. dr. Morais Campilho, tendo como vogais os srs. dres. Fernando Pinto Gomes e Fernando Rodrigues.

São defensores dos réus os srs. dres. Armando Castro, José Domingues dos Santos, Araújo Correia, Araújo Barros e Carlos Cal Brandão.

I Exposição Internacional de Máquinas-Ferramentas

É inaugurada, depois de amanhã, às 18 horas, no Palácio de Cristal, a I Exposição Internacional de Máquinas-Ferramentas que está a despertar o maior interesse nesta cidade, nomeadamente no meio industrial.

Dentro da agenda organizada para os estudos dos problemas respeitantes à indústria decorrerão, na sede da Associação Industrial, nos dias 21, 25 e 26, às 21 horas, colóquios nos quais serão tratados assuntos do maior interesse para o desenvolvimento deste sector industrial.

Queda de motorizada

Foi internado no Hospital de Santo António, o sr. António de Almeida Martins, de 44 anos, casado, estavador, domiciliado em Lavadores, Caniço (Gaia), por na Avenida da Boavista, ter caído da bicicleta motorizada que tripulava. Sofreu várias fracturas pelo corpo.

Farmácias de serviço esta noite (7.º turno)

ALIANÇA, Rua da Conceição, 2 (Tel. 2-4203) * BONFIM, R. do Bonfim, 73 (Tel. 5-2444) * CARDONA DOS SANTOS, Rua D. Manuel II, 90 (Tel. 2-7188) * CORREIA, Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel. 6-2869) * COSME, Rua Costa Cabral, 584 (Tel. 4-1511) * FERREIRA, Pr. Afonso V, 55-B (Tel. 68-1975) * FERREIRA DE CARVALHO, Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640) * GOMES FERREIRA, Rua Faria de Guimarães, 449 (Tel. 41907) * HENRIQUES, Pr. do Botafcho, 64-64-A, (Tel. 2-5173) * LUSO FRANCESA, R. Sá da Bandeira, 140 (Tel. 2-6134) * MORENO, L. S. Domingos, 44 (Tel. 2-3545) * PORTO, Pr. da República, 22 (Tel. 2-0294) * PRELADA, Rua C. de Francos, 316 (Tel. 6-4312) * S. DINIZ, Rua de S. Diniz, 478 (Tel. 4-2281) * CAMPOS, R. P. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68 0113).

Cinco feridos no choque de duas camionetas

No cruzamento do Lugar do Areal, em S. João de Ver (Vila da Feira), uma camioneta de carga conduzida pelo sr. António Serrano embateu no outro camião.

Na «caixa» do primeiro veículo seguiam os operários srs. Julio da Costa, de 49 anos, casado; Manuel Ventura Pereira, de 16 anos, solteiro; José Marques, de 63 anos, casado; Julio Henrique Marques, de 20 anos, solteiro e Joaquim Coelho Pinheiro, de 48 anos, casado, todos residentes, bem como o condutor no Lugar do Souto, daquele concelho.

Do embate espectacular resultaram ferimentos nos cinco homens que viajavam na «caixa» do pesado veículo. Transportados ao Hospital de Santo António, no Porto, receberam tratamento, nenhum necessitando, porém de internamento.

Agentes de viagem no Norte

Encontra-se nesta cidade um grupo de directores de agências de viagens do Brasil que, a convite dos T.A.P., estão de visita ao nosso País.

Esta manhã, estiveram de visita a uma cave de vinho do Porto em Gaia, onde almoçaram.

Luta anticancerosa

Na próxima segunda-feira, às 15 e 15, será conferida, no Governo Civil do Porto, posse à comissão de senhoras que vai encarregar-se do pedido a favor da luta anticancerosa, que decorrerá nos dias 1 e 2 de Novembro próximo.

Hermínia Silva no «festival»

A popular fadista Hermínia Silva apresentará-se no domingo, no Teatro Vaie Formoso integrada no programa do festival que, como de costume, se inicia às 10 horas.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

BILIAR — Campeonato regional de 3.ª categoria (três tabelas) — Jogos a partir das 21 horas, no Leões Biliardistas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato metropolitano da 1.ª Divisão (1.ª «onda» da segunda eliminatória): Zona Norte: Carvalhos-Académico e Acad. de Espinho-F. C. Porto. Jogos no ringue dos primeiros às 22 horas.

NECROLOGIA FALECIMENTOS

Ten.-cor. Gustavo Adolfo de Gouveia

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, 17 — Na sua residência, neste concelho, faleceu o sr. tenente-coronel Gustavo Adolfo de Gouveia, que amanhã, completaria 77 anos.

O extinto foi presidente da Câmara Municipal local e serviu como oficial nos comandos distritais da P. S. P. e G. N. R. do Porto, e foi combatente na 1.ª grande guerra.

Era pai do sr. dr. António Paulo Passos de Gouveia, cônsul da Portugal no Brasil e do sr. Luís de Gouveia, agente técnico de Engenharia da Direcção de Viação de Coimbra.

À VOLTA DO CONCURSO «MISS OBJECTIVA»

(Continua na página central)

escola. Era o dia do aniversário do meu pai, que também foi professor primário.

«DE CALÇAS NÃO ENTRA», disse o porteiro na nova Assembleia Nacional Legislativa de São Paulo, um gigantesco



«MISS» SERGIPE

edifício forrado a grade de alumínio pelo exterior e de cristal da Boémia no interior. Augusto Cabrita estava a filmar.

A impossibilidade corta-lhe o «aracord». É que no filme Maria Luísa veste calças, e a visita a São Paulo decorre num mesmo dia.

Marti, «Miss Objectiva» de São Paulo, recorre à autoridade máxima. Mas na hora do almoço... tudo se som.

O AUTOR DA «GAONERA» tem descendência em São Paulo. Silvino Gaona, o presidente da Associação dos Reporteres Fotográficos e Cinematográficos é seu neto. Lembra-se de mil e uma fotografias que sua avó lhe mostrava quando pequeno. E tudo porque Augusto Cabrita, a propósito do apelido, definiu a «gaonera» com toda a «afição».

Sempre encontramos em

Silvino Gaona o homem capaz de todos os entusiasmos serenos, passe o paradoxo. Quando o anima um sonho, ele caminha passo a passo em terreno firme, vencendo todos os contratempos que surgiam, porque eles não são mais do que etapas de uma caminhada.

Há dois anos, encontrámo-lo no meio dos trabalhos do congresso levando a cabo um projecto apaixonante: construir em São Paulo um bairro residencial para repórteres fotográficos e jornalistas.

O sonho ganhou forma agora, nas plantas aprovadas, no terreno concedido, na ajuda da caixa económica e na cooperativa que uns e outros fundaram, dentro do princípio de todas as cooperativas: «A União faz a Força».

Para o ano, devem ser entregues as primeiras casas. Nós acreditamos. Eles são unidos, entusiastas, tenazes.

«MISS» SERGIPE É LEONÍSIA

Ela tem 18 anos e chama-se Leonisia Fonseca Mota. Frequenta o 3.º ano do Curso Científico porque vai formar-se em Medicina. Estuda simultaneamente Francês, Inglês e Dactilografia.

É entusiasta de Jorge Amado, Adelaide Carraro, Vinícius de Moraes e Eça de Queiroz.

Na música ligeira dá preferência a Elis Regina, Wilson Simonal, Jahir Rodrigues e Chico Buarque de Holanda.

Leonisia está entusiasmada em representar no Concurso de Miss Objectiva este pequeno Estado do Brasil. E explica:

«Sergipe é um Estado pequeno em comparação com outros de território mais amplo. Mas é muito rico no seu solo. Sergipe é a capital do petróleo brasileiro (22 000 barris por dia). Tem jazigos até ao mar. Vão agora ser explorados o Potássio e o Sal-gema. Os seus laranjais podem abastecer outros Estados do Brasil.

Leonisia vem acompanhada por sua mãe, sr.ª D. Cecília Fonseca Mota que se orgulha de ter ascendência portuguesa na sua família.

Ela fala com o maior entusiasmo do Estado que ambas representam entre as delegações — o Estado de Sergipe, entre o de Alagoas e da Bahia, na costa atlântica.

A SARDINHA CONGELADA DEU BONS RESULTADOS NO FABRICO DE CONSERVAS

• OS INDUSTRIAIS ALGARVIOS PRETENDEM NOVAS IMPORTAÇÕES

OLHAO, 17 — Despertou geral interesse nos meios piscatórios e conserveiros de todo o País a notícia que o «Diário de Lisboa» publicou em primeira mão, segundo a qual tinha sido desbarregada em Portimão sardinha congelada, que se destinava às fábricas de conservas daquela cidade algarvia, Olhão, Vila Real de Santo António e, ainda, de Setúbal, para onde seguiu metade da carga, ou sejam, cerca de 130 toneladas.

Os nossos vizinhos espanhóis têm barcos de 40 toneladas prontos para nos abastecerem, dia a dia, da preciosa matéria-prima da qual depende não só a indústria de conservas, como o numeroso pessoal que nela se emprega. Havendo pedido grave, dada a ausência da sardinha na costa algarvia.

Os industriais de Olhão, J. Gangalo e Martins & Pereira confessam-se satisfeitos com os resultados obtidos e, tal como outros industriais, desejam fazer novas aquisições logo que a autorização superior o permita.

A ideia partiu dos dois industriais de Portimão, srs. José Ramos e Reinaldo da Assunção. Mas o problema persiste, até porque o próximo Inverno, sem biqueirão, promete criar uma situação alfinativa não só à indústria como ao respectivo pessoal. Para solução imediata só se vê um caminho: a importação de mais sardinha congelada.

A QUEM PERTENCE?

O menino Artur Esteves, de 12 anos, achou hoje, na Avenida 5 de Outubro, em frente da Avenida Elias Garcia, várias fracções de jogo para a lotaria de amanhã, que entregará a quem provar pertencer-lhe, na Rua Damasceno Monteiro, n.º 53, 5.º, Esq.

DE COIMBRA

Convocação de alunos

No prazo de sete dias, a contar de ontem, devem comparecer na secretaria da Universidade, a fim de regularizarem a sua situação escolar, os alunos a seguir indicados:

Faculdade de Medicina —

riber

MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR ROUPA



- Capacidade 5,5 kg
- 10-12-14 programas
- Duplo reservatório para detergente
- Tambor em aço inoxidável
- Cubo esmaltado
- Modelos com e sem rodas

Use



Com RIBER lave a roupa que quiser

SABOL

Rua de D. Estefânia, 98A - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

António Augusto Pinho dos Santos, Carlos César Ribeiro Lopes Soares, Esmeraldo Sousa Franca, Jamil Salim Cury, José Américo Ferreira de Oliveira, José Carlos de Oliveira, José Luís Collares Junior, José Romildo de Jesus, Jiares Henrique Blauth, Luís António da Rocha Assunção, Luís Barbosa da Silveira, Marco António do Carmo Rodrigues, Maria Helena Mangialardo, Maria Emília Gomes Henriques, Maria Julia Baptista Machado, Maria de Lurdes de Carvalho, Maria do Rosário de Albuquerque Rocha Gonçalves, Maximiliano Guerreiro Batalha, Wanderley de Paulo e Zeninho Goldoni; *Curso de Parto* — Maria Isabel Valente da Silva.

Abertura das aulas no Seminário Maior

Realiza-se no domingo, às 21 e 30, no Salão de S. Tomás de Aquino, a sessão solene de abertura do novo ano lectivo do Seminário Maior.

Presidirá o bispo de Coimbra, sr. D. Fr. Francisco Rendeiro. Mons. dr. João Evangelista Ribeiro, professor de Doutrina Social da Igreja, profere a oração de sapiência que versará o tema «Aceleração e recusa da Doutrina Social da Igreja».

Farmácias de serviço

S. Sebastião — Rua António Jardim (Tel. 28902).
S. Ilar — Rua Ferreira Borges (Tel. 22923).
Universal — Praça 8 de Maio (Tel. 23744).
Adriana — Praça da República (Tel. 23609).

Colóquio Nacional sobre Assuntos Municipais

A Comissão Executiva do Colóquio N. sobre Assuntos Municipais, comunicou já a todos os inscritos de que o referido Colóquio foi adiado para os dias 24 a 27 de Abril do próximo ano, a fim de proporcionar mais tempo para a apresentação de teses e comunicações e evitar que coincida com a visita a Coimbra do chanceler da República Federal Alemã que se realiza no próximo domingo.

O limite de prazo para o envio das teses e comunicações foi prorrogado até ao dia 31 de Dezembro próximo.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Gu Viciente — As 21 e 30:
«Fantasia» (12 anos).
Avenida — As 21 e 30:
«Os corruptos» (17 anos).
Tivoli — As 21 e 30:
«Os implacáveis» (17 anos).
Sousa Bastos — As 21 e 30:
«Um homem e uma mulher» (17 anos).

«Dia Mundial das Missões»

Realiza-se depois de amanhã, nas ruas desta cidade, um peditório para as Missões que prossegue no domingo «Dia Mundial das Missões», em todas as igrejas, quando da celebração das missas.

A direcção diocesana da Obra das Missões dirigiu um apelo à população de Coimbra no sentido de concorrer para esse peditório.

POR ESCLARECER O PROBLEMA DOS NOVOS EDIFÍCIOS PARA O CICLO PREPARATÓRIO

Na reunião da Câmara Municipal, a que presidiu o sr. eng.º Araújo Vieira, estando presentes o vice-presidente e toda a vereação, a sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar referiu-se aos graves problemas da paralisação do assunto referente aos edifícios para o Ciclo Preparatório. Então, o sr. eng.º Azevedo Sobral disse que, encontrando-se ausente da cidade, alguém lhe perguntou, em modos de afirmação, se se perdiam as quatro escolas previstas e se, com essa perda, a cidade não vinha a perder também a posição que, naturalmente, lhe estava reservada. Disse ainda que o caso lhe causou apreensões mas que se lembrava de que vieram até nós os técnicos incumbidos de lhe darem forma, e ouviu que a escolha do local para a primeira era assunto urgente porquanto se tornava necessário ter o projecto preparado em princípios de Agosto. A escolha do terreno, as condições de aquisição e tudo o mais lhe pareciam estar assentes ou, pelo menos, com pequenos pormenores a estudar. A verdade, porém, é que nada mais se soube sobre o assunto, a não ser da existência de dificuldades quanto à distribuição de população escolar do ciclo preparatório.

Referindo-se ao «Diário de Lisboa», o sr. eng.º Azevedo Sobral afirmou que desconhecia alguns dos pormenores por nós citados mas que lhe parecia não corresponderem exactamente ao que se passa. Disse ainda que outros pormenores poderão provocar confusão e contribuir para um maior retardamento da solução.

Leu, então, algumas passagens da nota publicada pelo «Diário de Lisboa», acrescentando que lhe parecia que o que se relatava não era exactamente o que se passava, tendo, por isso, pedido esclarecimentos ao presidente.

Reafirmada a inculpadabilidade da Câmara na paralisação da obra, ficou o sr. eng.º Azevedo Sobral encarregado de contactar com a junta respectiva no sentido de se apurar o motivo da «paragem» e a melhor solução para o assunto.

CITADA NUMA REUNIÃO DA CÂMARA MUNICIPAL UMA NOTA PUBLICADA NO «DIÁRIO DE LISBOA»

A propósito da recente visita a esta cidade de técnicos do departamento oficial responsável pelas construções para o novo Instituto Industrial, o sr. eng.º Azevedo Sobral fez considerações sobre o assunto, referiu-se às más instalações do Instituto e pediu esclarecimentos sobre o novo edifício, tendo o presidente do Município respondido que o projecto se encontra no Ministério das Obras Públicas aguardando andamento. O sr. eng.º Azevedo Sobral abordou ainda o problema da urbanização do Ingote, propondo que se diga à Direcção dos Serviços de

Urbanização que a Câmara aceita qualquer sugestão de alteração dos Serviços Especializados que sobre o assunto se irão debruçar, tendo sido deliberado aceitar as sugestões que forem apresentadas.

O sr. presidente informou ainda a Câmara Municipal de que se iniciaram as obras no aeródromo de Cernache, salientando o valor da referida obra, tendo lido também um telegrama do sr. Presidente do Conselho.

Cumpramos dizer que a nota publicada no «Diário de Lisboa» sobre a construção dos edifícios destinados ao Ciclo Preparatório se baseia em informações fidedignas. Caso contrário, não teria sido publicada.

Pelos vistos, o sr. eng.º Azevedo Sobral não estava a par do acontecido. Mas isso não lhe confere o direito de afirmar quando se refere à nossa nota e citando pormenores «alguns dos quais me parece não corresponderem exactamente ao que se passa e outros que poderão provocar confusão e contribuir para um maior retardamento da solução, pelo que conviria esclarecer».

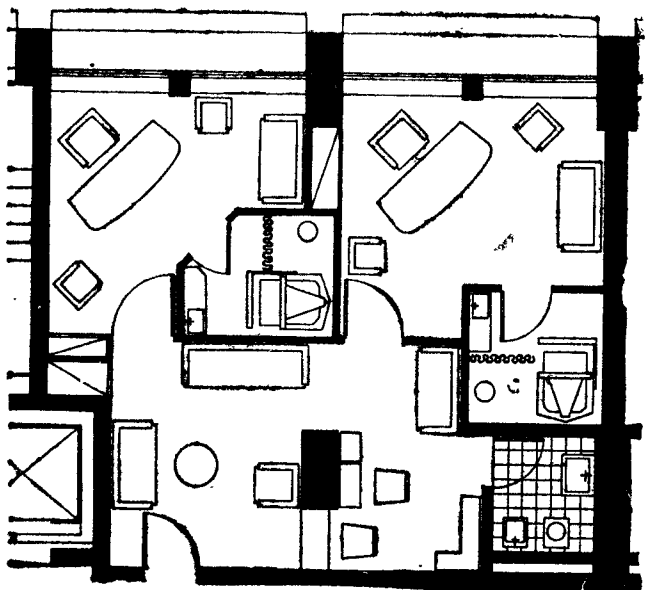
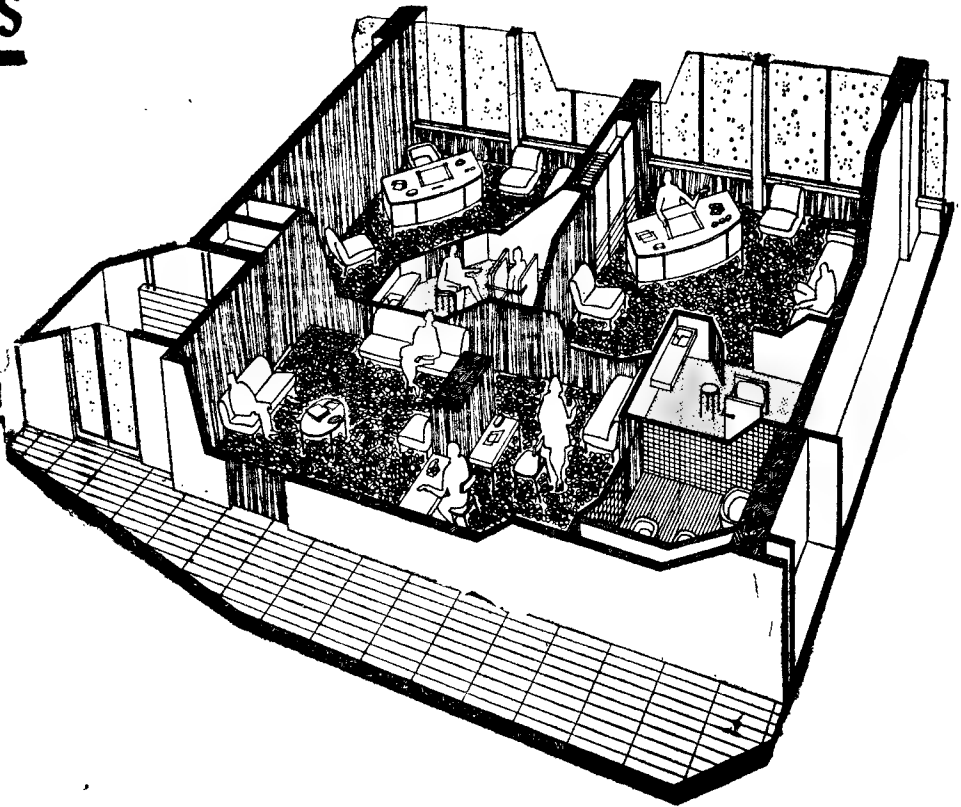
Não sabemos o que a seguir se passou nem qual foi o esclarecimento que teve o sr. eng.º Azevedo Sobral, mas parece que «posta em evidência a questão de que a Câmara nada tem a ver com a paralisação de tal obra», e ficando o sr. eng.º Azevedo Sobral encarregado de contactar com a Junta para saber o que se passa, pode concluir-se que algo de invulgar acontece e isso será o que já referimos.

PROPRIEDADE HORIZONTAL NOS



edifícios AVIZ

A MELHOR APLICAÇÃO DE CAPITAL!



ESCALA 1:100

Exemplo de um CONSULTÓRIO PARA 2 MÉDICOS,

de 670.000\$00

Tecnical

R. Rodrigues Sampaio, 146-3º D.
Telefone 53 51 14/15 - LISBOA

MEXICO 68 A HORA OLÍMPICA

ATLETAS DO QUÊNIA INQUILINOS DO «PODIUM»...

CIDADE DO MÉXICO, 17 — (France Press) — Foi a sexta e última tentativa que uma prova de autêntico «suspense» que o soviético Janis Lusis conquistou o título olímpico do lançamento do dardo, com um arremesso de 90,10 m que ficou a pouco menos de dois metros do seu próprio «record» do mundo: 91,98 m. Lusis que tem 29 anos, venceu assim o finlandês Jorma Kinnunen e o húngaro Gergely Kulcsar.

Com efeito, foi Kinnunen o primeiro a colocar-se á cabeça, com 86,30 m, sendo em breve ultrapassado por Lusis com 86,34 m.

Mas á quarta tentativa o húngaro Kulcsar instalou-se na dianteira com 87,06 m e pensou-se que o título iria para este atleta, que já ganhara a medalha de prata dos Jogos de Tóquio, ao passo que Lusis só obtivera a de bronze. A quinta tentativa não modificou as posições, mas, quando da última, primeiro Lusis, com 90,10 m (novo «record» olímpico) e depois Kinnunen, com 88,58, relegaram o húngaro para o terceiro lugar.

O êxito do russo Janis Lusis era esperado por todos os especialistas que sabiam ser ele o melhor lançador de dardo presente, embora em Tóquio tivesse que se contentar com a medalha de bronze devido a um ferimento que o privava do pleno uso de todas as suas faculdades.

BESSON: UM CERTO SORRISO

A francesa Colette Besson, graças a um extraordinário poder de recuperação, ultrapassou as adversárias directas (a britânica Lillian Board e a americana Jarvis Scott) para ganhar uma medalha de ouro inesperada, na final dos 400 metros.

A inglesa entrou á cabeça na linha oposta, mas a negra americana pôs-se a seu lado na linha recta. Neste momento, a britânica, que corria para a «corda», deu tudo por tudo e colocou-se em primeira posição. Porém, quando a 20 metros da meta todos a julgavam vencedora, surgiu fulgurante a francesa. O seu tempo de 52 s. iguala o «record» olímpico da australiana Betty Cuthbert e ultrapassa em 2/10 o máximo europeu que pertencia a Ann Paker.

O negro americano Tommie Smith conquistou a medalha de ouro dos 200 metros com 19 s. 8/10, tempo inferior em 3/10 ao já de si extraordinário «record» olímpico que o mesmo Tommie Smith estabeleceu na meia-final (com John Carlos) e apenas inferior em 1/10 ao máximo mundial estabelecido em Setembro por este último, marca ainda não homologada oficialmente, pois Carlos utilizou sapatos não regulamentares.

A SURPRESA (MAIS UMA) VEIO DO QUÊNIA

Biwott tomou logo a dianteira, nos 3000 m obstáculos onde é em breve alcançado pelo seu compatriota Kogo. Os dois quenianos correm «ajustadamente», em ritmo regular mas pouco rápido. Ao fim do primeiro quilómetro são seguidos por Roelants, Villain, Mihail, O'Brien e Morozov. Pouco depois, com geral surpresa, Biwott recua e passa para quinta posição. Roelants arranca bruscamente e só Kogo consegue manter-se na sua peugada. Todavia, o belga não consegue aguentar muito tempo e a velocidade diminui, o que permite ao americano Young aproximar-se dos dois dianteiros. Pouco depois dos 2 km, Roelants fraqueja e é ultrapassado por O'Brien que persegue Kogo e Young. Os três homens entram juntos na última volta. A trezentos metros da meta continuam lado-a-lado. A 50 metros, quando

Kogo consegue começar a destacar-se, surge de repente como um bôlide o seu compatriota Biwott, que ultrapassa todos e conquista o título, de forma surpreendente.

A alemã ocidental Ingrid Becker, graças às suas excelentes marcas no salto em comprimento e, sobretudo, nos 200 metros, ganhou o pentatlo feminino com um total de 5098 pontos. Todavia, ficou

A VELA PORTUGUESA

ACAPULCO, 17 — (A. N. I.) — Os velejadores portugueses José Manuel Quina e António Vasco de Melo e Meneses classificaram-se, por coincidência, em 15.º lugar, respectivamente, nas classes de «Star» e de «Dragões» (terceiro dia), e ambos com o mesmo número de pontos — 21.

distante do máximo olímpico de Irina Press, estabelecido em Tóquio com 5246 pontos.

APÓS 8 HORAS DE PROVA TRÊS SALTADORES DE VARA ULTRAPASSARAM 5,40 M!

Pelo seu lado, a austríaca Liesl Prokop melhorou o seu «record» nacional em mais de 200 pontos e conseguiu a medalha de prata com 4966 pontos. Obteve este resultado graças a haver-se ultrapassado no salto em comprimento e nos 200 metros, especialidades em que é mais fraca. Pelo seu lado, uma bela prova dos 200 metros permitiu á húngara Toth Kovacs ganhar a medalha de bronze com um total de 4959 pontos.

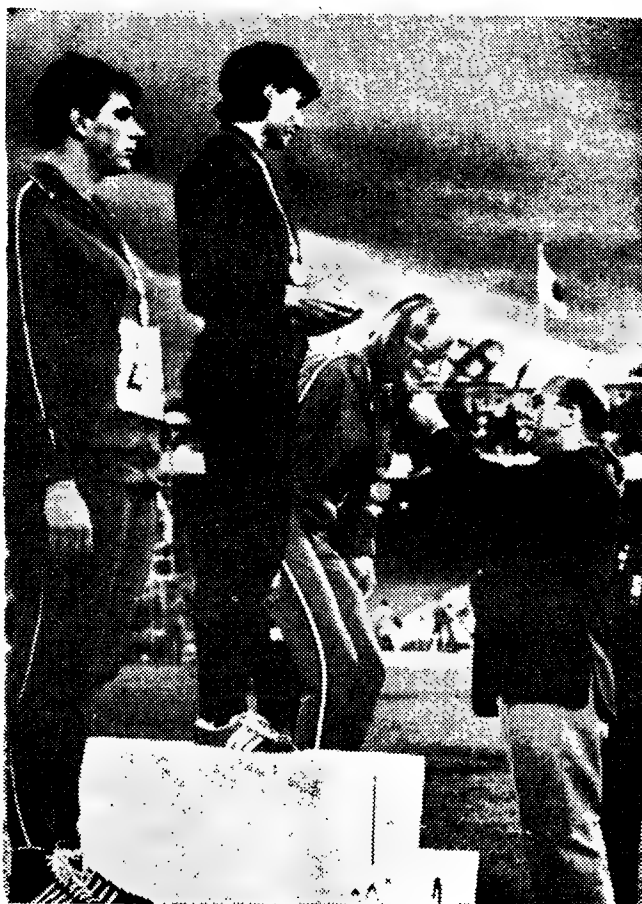
No triplo salto assistiu-se a



AS MEDALHAS

CIDADE DO MÉXICO, 17 — (R.) — Após o quarto dia dos Jogos Olímpicos do México era a seguinte a distribuição de medalhas:

	OURO	PRATA	BRONZE
Estados Unidos	6	2	4
União Soviética	3	1	4
Quênia	2	2	0
Roménia	2	1	0
Hungria	1	2	3
Reino Unido	1	2	1
Alemanha Ocidental	1	2	0
Japão	1	1	1
Austrália	1	1	0
Pérsia	1	1	0
Polónia	1	0	3
França	1	0	1
Holanda	1	0	0
Alemanha Oriental	0	1	1
Austria	0	1	1
Etiópia	0	1	0
Finlândia	0	1	0
Jamaica	0	1	0
México	0	1	0
Suécia	0	1	0
Checoslováquia	0	0	1
Tunísia	0	0	1
Itália	0	0	1



Eva Jenko (Austria), recebe a medalha de bronze pelo seu terceiro lugar no lançamento do dardo. A esquerda, a romena Mihaila Penes (medalha de prata) e, no ponto mais alto do «podium», a húngara Angela Nemeth, que obteve a medalha de ouro com um arremesso de 60,36 metros.

luta renhida, que culminou com a exclusão do finlandês Pertti Pusi, o qual, no entanto, passa habitualmente, os 17 metros. Pelo seu lado, o italiano Giuseppe Gentile, saltou 17,10 m, mais 7 cm. do que fizera antes o polaco Joseph Schmidt (que defende aqui o seu título conquistado em Tóquio e terá, assim, que contar com o italiano na final). A marca de Gentile é novo «record» mundial.

Com os 200 metros homens e os 400 metros femininos, o salto á vara terá sido a terceira prova mais emocionante do dia. Pela primeira vez na história do atletismo, três concorrentes saltaram 5,40 m. Curiosamente e como sucedeu em Tóquio há quatro anos, o grande favorito, o campeão do Mundo Bob Seagren (5,41 m) teve como últimos adversários para as três medalhas, dois alemães (um de Leste, Wolfgang Nordwig, e um do oeste, Olaus Chiprowski). Em Tóquio, o americano Fred Hansen triunfara sobre os dois alemães Reingardt e Lehnert.

As 19 e 19 locais, quando a noite desce sobre o Estádio, nenhum dos 60 000 espectadores abandonava o seu lugar. A luz dos projectores, o americano e os dois alemães prosseguem o seu duelo, que dura desde o meio-dia. A barra está a 5,45 m. Pelo número de ensaios, Seagren está á frente de Chiprowski e de Nordwig, se

nenhum deles passar a fazer a esta ordem. E foi o que aconteceu, pois, ao fim de quase oito horas de luta, estavam os três demasiado cansados para conseguir tal proeza.

IMBRÓGLIO NA ESCRIMA

O floretista romeno Ion Drimba conquistou a medalha de ouro. Foi o seu combate com o francês Daniel Revenu (que também contava três vitórias e uma derrota) que permitiu á Drimba ganhar a medalha. Ion Drimba venceu Daniel Revenu, por 5-4, após um combate empolgante.

Para os lugares secundários foi decisivo um combate de desempate entre o francês Daniel Revenu e o húngaro Jenő Kamuti. Parece que houve certa confusão no ginásio da Cidade Desportiva: com efeito, foram anunciados os resultados que atribuíram a medalha de prata ao húngaro Kamuti e a de bronze ao francês Revenu. Os dois adversários tinham ido mudar de roupa ao vestiário, o «podium» estava instalado na pista e ia começar a cerimónia protocolar, quando o júri chamou ambos para um combate, a fim de os desempatar. Consta que foi uma má interpretação dos regulamentos que originou esta confusão. A delegação húngara protestou junto do júri, mas Kamuti teve que tornar a vestir-se para disputar o combate de desempate contra Revenu, de onde resultou Kamuti ganhar a medalha de prata e Revenu a de bronze.

A POLÍCIA

ACUDIU AO ÁRBITRO

BRUXELAS, 17 — (A.N.I.) — A Bélgica venceu a Jugoslávia por 3-0, com 1-0 ao intervalo, num encontro recheado de incidentes e em que a Polícia entrou no relvado para restabelecer a ordem.

A partir da marcação do primeiro golo belga, o jogo endureceu e o árbitro, o checoslovaco Krnavek, expulsou dois jogadores jugoslavos e um belga: Trivic, Djajic e Heylens.

O terceiro golo deu lugar a um tremendo «sururu», com os jogadores jugoslavos a contestarem a sua validade e a rodearem o árbitro com tais modos que a Polícia entrou em campo e obrigou os futebolistas a retomarem as suas posições. E então recomeçou o jogo, que terminou sem mais incidentes.

NOTAS À MARGEM

A ÁFRICA E O DESPORTO

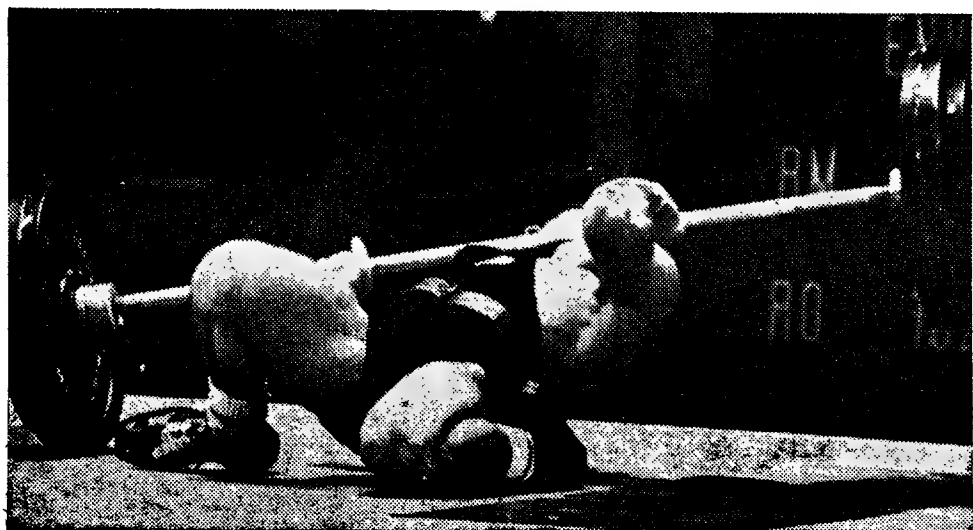
Aconteça o que acontecer até ao último dia das competições, a nota dominante deste Jogos Olímpicos que estão a disputar-se no México será sempre a da confirmação africana. Confirmação — e não revelação — sabia-se que, mais tarde ou mais cedo, eles aí estariam, os africanos, no primeiro plano do desporto mundial. Por enquanto, essa presença, verifica-se nas actividades que essencialmente assentam nas qualidades congénitas (a resistência ou a velocidade) ficando para mais tarde as outras disciplinas do atletismo, as que exigem uma técnica aprimorada, como é o caso dos lançamentos. Lá chegarão.

...Lá chegarão, também, a posições de realce em outras modalidades desportivas, em que ora ainda esboçam os primeiros passos. Os negros americanos permitem-nos antever o que serão os ne-

gros africanos quando o desporto estiver nos hábitos e na educação da sua juventude. No basquetebol, no boxe, no atletismo, são negros os mais famosos e categorizados atletas dos Estados Unidos.

Por outro lado, não duvidemos de que acontecerá no futebol, em tempos que não estão já muito distantes, o mesmo que está a verificar-se na competição olímpica de atletismo. São negros os dois melhores futebolistas do mundo — Pelé, brasileiro, e Eusébio, africano português — e outros, muitos outros, figuram entre os mais afamados praticantes.

Estamos na «hora negra» do desporto. Os africanos, ou os que deles herdaram a cor e as qualidades racionais, vão desempenhar um papel de progressiva evidência no panorama desportivo mundial. Depois do «jazz», o desporto. — M. Z.



O bulgaro Miladene Kontchev, com extraordinário esforço, conseguirá elevar 140 quilos, no decorrer da competição de halterofilismo

«O primeiro golo acabou connosco»

Sir Matt Busby, há muito o treinador do Manchester United parecia muito desanimado. Afirmou: ganhou a melhor equipa e foi o primeiro golo que acabou connosco. Os meus rapazes mostraram uma certa apreensão e nunca tiveram talento para romper a defensiva bem organizada dos argentinos. Devo reconhecer o valor da equipa que venceu.

Os Estudantes de La Plata partirão agora para a Itália onde durante três dias, deverão disputar um jogo amigável com o Inter de Milão.

Para a Argentina

(Estudantes de La Plata)

outra taça intercontinental

Certo, justo, incontestável a conquista pelos argentinos do «Estudantes de La Plata» do título mundial de clubes que ontem à noite conquistaram ao empatar por um golo em Old Trafford, o reduto do poderoso Manchester United, que aguardava o jogo da 2.ª «mão» para rectificar o desaire (0-1) sofrido em Buenos Aires.

Inegavelmente que no jogo de ontem, os ingleses dominaram mais insistentemente (no segundo tempo esse domínio foi fatal) mas a supremacia territorial do Manchester faltou sempre imaginação, talento para improvisar, génio criador para gerar o «abrir clareiras» na organização defensiva dos sul-americanos, ardilosos no contra-ataque e coreáceos na retaguarda, sujeitando os ingleses num autêntico «anel de ferro» de que eles não conseguiram libertar-se.

Erguendo uma «autêntica muralha» na protecção ao guarda-redes Poletti, os argentinos souberam também espalhar-se por toda a dimensão do rectângulo e de tal modo que não foram poucas as vezes em que os defensores ingleses acusaram visível perturbação. Mais afoitos, os sul-americanos executaram o plano que mais

lhes convinha enquanto o Manchester não se furtou a respeitar a ortodoxia do seu futebol, sem a centelha de repentismo, que provoca a surpresa e permite desferir o «golpe mortal».

Sob a direcção do jugoslavo Koustantin Zecevic as equipas apresentaram:

MANCHESTER UNITED — Stepney; Dunne, Foulkes, Sadler e Brennan; Crerand e Bobby Charlton; Morgan, Kidd, Law e Best.

ESTUDIANTES DE LA PLATA — Poletti; Malbernat, Suarez, Medina e Madero; Pachame, Nestor Togerdi e Bilardo; Rebaldo, Congliaro e Veron.

Veron e Morgan, aos 5 e 89 minutos marcaram respectivamente pelo «Estudantes de La Plata» e pelo Manchester United.



Os jogadores da selecção nacional no estágio em Carcavelos

TÉNIS DE MESA

Disputou-se ontem à noite a 3.ª eliminatória da taça «Diário d'Isboia» em ténis de mesa na categoria de infantis, tendo sido eliminadas as equipas do Combatentes-B, Estrela da Amadora, Sporting-A e Centro Católico-B. E, Amadora-Benfica-A, 0-3; Intendente - Combatentes - B, 3-1; Armadorense-A-C, Católico, 3-0; Sporting-B-C, Católico-A, 1-3; Casa Pia-Amadorense-B, 3-1; Sporting-A-R, Apolo, 2-3; S. L. Aguias-A, Amadora, 3-0.

MARÍTIMO, 2 — ATLÉTICO, 1

MARÍTIMO EM MARÉ ALTA...

Muito bem Marítimo, frente a uma equipa que tem sido uma das sensações da presente temporada, a turma do Funchal pôde produzir uma exibição convincente sujeitando o antagonista a acentuado domínio territorial e alcançando um significativo e saboroso triunfo.

Obtendo um tento logo nos minutos iniciais, aos 8 minutos por Noémio que viria a obter novo golo um minuto antes do intervalo, só na fase derradeira do encontro os madeirenses consentiram alguns lances perigosos perto da sua baliza num dos quais resultou o golo dos metropolitanos aos 85 minutos num pontapé forte de Raimundo, disparado no entanto de longe e que ajudado pelo vento bateu o guarda-linha contrário.

Sob o ponto de vista espectacular o jogo foi agra-

dado, de seguir pelo «empenho dos dois conjuntos e sobretudo pela actuação dos locais, velozes, incisivos e sobretudo a jogar com entendimento e ligação o que impôs ao Atlético a necessidade de jogar no seu meio campo para deter as arremetidas dos contrários. Por isso Botelho foi figura destacada nos alcantarenses, tal como Tito. Nos locais, todos aplicados e lucidos no desenvolvimento das jogadas. Noémio alcançou plano de realce tal como Angelo e Lomelino.

MARÍTIMO — Grisalena; António João, Lomelino, Eugénio e Andrade; Emanuel e Nunes; Bernardino, Angelo, Noémio e Belarmino.

ATLÉTICO — Botelho; Valdemar, João Carlos, Candeias e Murragas; Fernando Mendes e Pinhal; Fagundes, Simões Tito e Seminário.

KARTING

Cerca de 60 concorrentes nas «Três Horas de Camarate»

Dentro das provas de maiores tradições no «Karting» português, as «3 Horas Internacionais de Lisboa» ou, mais vulgarmente, «3 Horas de Camarate» constituem a competição máxima da modalidade. Integrada no Campeonato Nacional, a prova desfruta assim da afluência «obrigatória» dos nossos melhores especialistas, que com os afinados conjuntos procuram a melhor classificação naquela competição.

Espera-se contar no próximo sábado com a presença de equipas vindas de vários pontos do País, especialmente de Setúbal, Porto Coimbra e Viseu, que com as de Lisboa atingirão um total que não andará longe das três dezenas, cerca, portanto, de 60 corredores, já que cada equipa é formada por dois elementos.

O programa da prova inclui treinos livres das 11 às 11 e 30, seguidos de verificações técnicas. O começo dos treinos oficiais está fixado

para o meio-dia, dando-se início às «3 Horas de Camarate» pelas 14 horas.

O NOSSO PALPITE

Riopele-Tirsense	2
Leça-Penafiel	1
Fafe-Oriental	1
Lamas-Luso	1
Sesimbra-Portimonense	1
Farense-Salgueiros	2
C. Branco-Tramagal	2
U. Coimbra-Beira-Mar	2
Vianense-Boavista	2
Vizela-Valecabrense	X
Sintrense-Torriense	2
A. S. A.-Ferroviário	1
Quelimane-Textáfrica	X

Leia a Revista PALPITE e aumente as probabilidades de ser totalista no Totobola

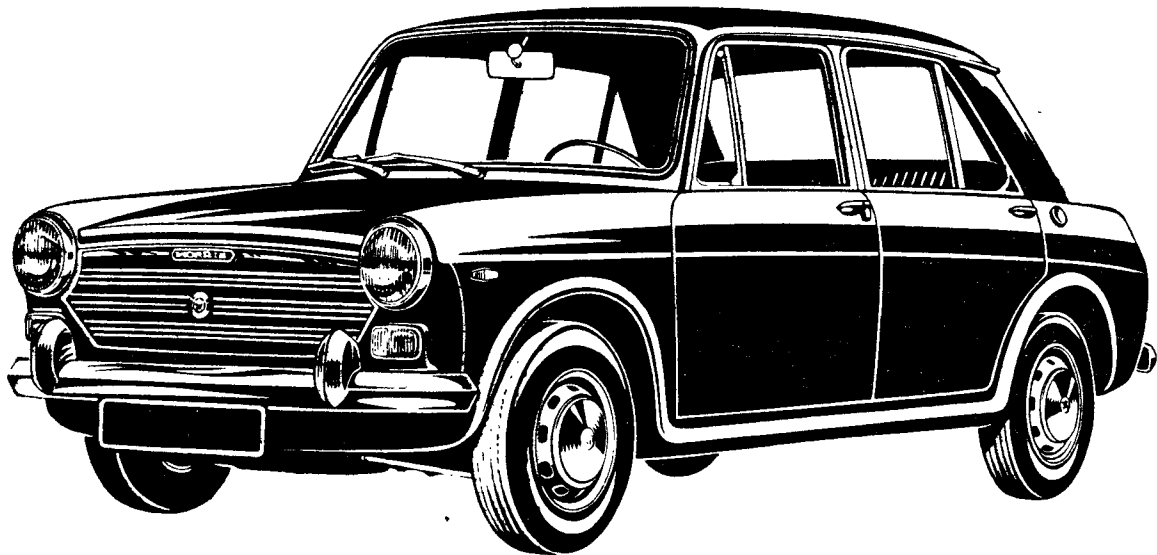


Se está indeciso na compra do seu automóvel experimente a nossa solução do "aluguer recuperável"

Por contrato com a AVIS - Rent a Car, podemos oferecer-lhe, de 15 de Outubro a 15 de Abril, uma redução especial de 25 % num aluguer de um MORRIS 1300, por um período de tempo não superior a 10 dias.

Sem sequer nos procurar ou consultar, poderá, assim, experimentar calmamente o MORRIS 1300 a um preço módico, sem influências de ninguém (a não ser da família) e sem ter que tomar decisões rápidas.

Mas não é tudo. Quando se decidir a comprar o seu MORRIS, apresente a factura da AVIS que lhe será totalmente descontada no preço do carro. Porque fazemos isto? Porque sabemos que o MORRIS 1300 é um carro que o satisfará totalmente e porque temos a certeza da qualidade de qualquer MORRIS — mesmo sujeito a um árduo serviço de aluguer.



MORRIS 1300

A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.
Av. da Liberdade, 11 - Av. 5 de Outubro, 166 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto

BASQUETEBOL — ACTO DE POSSE

OS DIRECTORES É QUE PAGARAM A DÍVIDA DA FEDERAÇÃO...

Nas novas instalações das Federações Desportivas, realizou-se, ontem, à noite, com a presença de numerosos delegados das associações e comissões distritais, o acto de posse dos novos dirigentes federativos, acto a que presidiu o dr. João Moreira, inspector da modalidade em representação do director-geral dos Desportos.

Depois de lido o auto de posse e apostas as assinaturas dos novos dirigentes, usou da palavra o presidente do Congresso, sr. Jaime Franco, que se referiu ao acto que estava a decorrer, fazendo, em seguida, várias considerações sobre o actual momento da modalidade.

Em nome da direcção cessante falou o seu presidente, eng.º Abreu Rocha, que saudou, felicitou e apoiou os empossados. Analisou depois o esforço que foi necessário fazer para manter o basquetebol português dentro de um plano de nível aceitável afirmando: «Procurámos defender soluções válidas que nem sempre foram compreendidas».

Terminou por dizer que a direcção cessante defendeu os interesses da modalidade e não os interesses de uns quantos particulares).

Em nome dos novos dirigentes usou da palavra, o sr. Carvalho Pinto, que se referiu aos problemas de reorganização dos serviços de secretaria, tesouraria e Regulamentos de Provas oficiais. Disse, também, que o basquetebol atravessa um mau período, mas com boa vontade e compreensão das entidades oficiais, poder-se-á elevar o basquetebol nacional.

Afirmou que apesar dos subsídios do «Totobola» e de outras entidades, a posição financeira da Federação é crítica e que foi necessário alguns directores quotizarem-se para liquidar uma dívida à F. I. B. A.

O presidente da Comissão

Central dos Árbitros, sr. José Duro, saudou os novos dirigentes e afirmou que podem contar com o apoio da comissão. Referiu-se ao panorama das arbitragens e à falta de nível cultural da maioria dos árbitros, e, sobretudo, à insuficiência dos quadros.

A terminar, Albano Fernandes, agradeceu o diploma e a medalha de mérito, que lhe fora entregue pelo presidente do congresso e inspector da modalidade e concedida em congresso do passado dia 16 de Setembro.

Encerrou a sessão o dr. João Moreira, em nome do director-geral dos Desportos.

HÓQUEI EM PATINS

CUF: triunfo claro sobre o Paço de Arcos (5-1)

Iniciou-se ontem a 2.ª eliminatória da fase de apuramento do campeonato nacional de hóquei em patins, com a disputa do jogo CUF-Paço de Arcos, que os «cuistas» venceram por 5-1, com 1-1, ao intervalo.

Esta fase prossegue hoje

com os jogos Parede-Campo de Ourique, F. C. Porto-Académico e Carvalhos-Sp. Espinho.

Amanhã nova jornada com o segundo jogo Paço de Arcos-CUF, no ringue da Juventude Salesiana.

El no domingo, encerra-se a 2.ª eliminatória com o encontro Campo de Ourique-Parede.

No encontro de ontem, no Barreiro, sob a arbitragem de Fernando Gomes, alinharam e marcaram:

C. U. F. — Vitor Domingos; José Carlos, Mário Ferreira (1), Leonel (3), J. António (1), Fernandes, Soares e Hernani.

PAÇO DE ARCOS — Louro; Vieira, Soares (1), Coelho, Correia dos Santos e Rafael.

O grupo da Costa do Sol, não apresentando todos os seus titulares, resistiu bem até ao intervalo. Depois, os locais superiorizaram-se, mas o jogo esteve longe de agradar, com muitas quezílias e expulsões. Neste aspecto o jogo terminou com a equipa da C. U. F., com quatro elementos e o de Paço de Arcos, com três.

O Paço de Arcos apresentou declaração de protesto.



INSTANTÂNEOS

«OS JOGOS» EM CASA...

Ao saber que a Televisão transmitia integralmente os Jogos Olímpicos, o espanhol Manuel Filipe pediu as férias, fechou-se em casa e fez o juramento (olímpico) de que só sairia do seu apartamento quando os mesmos acabassem. Encarregou a mãe das provisões, en-



comendou bebidas e cigarros e não tenciona perder um segundo das transmissões.

Aqui está um «record» difícil de igualar. Encerrado no seu quarto, Manuel Filipe participa, como individual na grande competição.

Se jogar em casa é uma vantagem, este «nuestro hermano» aproveita-a bem. Mais um «praticante» do Desporto sentado, como há muitos por cá...



ÁRBITRO-FRADE

Como as heroínas dos romances de Camilo Castelo Branco que afogavam nos conventos as recordações dos seus amores infelizes, o árbitro italiano António Palumbo, desgostoso com o clima reinante nos campos de futebol, resolveu fazer-se frade.

De nada valeram os rogos de uma delegação de raparigas, que se dirigiram à mãe do ex-juíz de campo, a fim de

as ajudar a demover o filho do seu propósito. Mas nada conseguiram. Desgostoso com os homens, Palumbo «vingou-se» desgostando as mulheres.

TELEGRAMA-EXEMPLO

Os atletas do Benfica enviaram um telegrama a Manuel Oliveira, desejando-lhe felicidades nos Jogos Olímpicos.

Formoso gesto, que consagra os seus autores e terá calado fundo no ânimo de quem o recebeu.

Mesmo sem terem ido ao México, os atletas benfiquistas fizeram jus à «medalha de ouro» do desportivismo.

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

BELO (E BELA) VITÓRIA EM BELFAST

Foi uma «bel...eza» a exibição do Vitória em «Bel...fast». Os sadinos, que estão a especializar-se em torneios internacionais, apresentaram na Irlanda uma «especialidade de Setúbal».

Embora lhe custasse a engolir a oferta, os irlandeses apreciaram o cepipe. Tanto que mandaram repetir...

E o Vitória generoso, fez-lhes a vontade, sem lhes tirar, porém, a vontade de comer mais!

MESMO COM BOA «NOTA» A ACADEMICA PERDEU AS «MOEDAS»

Depois dos Leixões, eliminado sem ter perdido, coube à Académica sair da «Taça das Feiras» apesar de ter igualado o Lyon.

A exibição dos estudantes mereceu boa «nota» mas o recurso à «moeda» foi-lhe fatal.

Quando será «cambiado» o sistema de apuramento em prova tão importante?

Acabe-se com o actual, que tem o toque da moeda falsa...



A BANDA EXPULSA

No intervalo de um dos últimos jogos do New-castle, uma banda de música entrou no relvado para abrilhantar o espectáculo.

Porém, demorou-se tanto que o árbitro, certamente pouco apreciador da boa música, expulsou-a do rectângulo.

Não quis que o concerto da «banda» fizesse concorrência ao seu concerto de apito e mandou-a para a outra banda.



O PROGRAMA DE HOJE

CIDADE DO MEXICO, 17 (A.N.I.) — É o seguinte o programa de hoje nos Jogos Olímpicos do México (as horas indicadas são as de Lisboa):

16 às 17 h. — Esgrima: sabre, individual, eliminação directa.

17 h. — Atletismo: 200 m,

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Regional da 2.ª Divisão: C. N. O. C. A. Oriental, às 20 e 30; Casa Pia-Cova da Piedade, às 21 e 45 e Vencedores de Jornais-C.D.U.L. às 23 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão (2.ª categoria): Técnico-Carnide e Sacavenense-Liberdade, às 21 e 30, nos campos dos primeiros.

HÓQUEI EM PATINS — Jogos correspondentes à 1.ª «mão» da segunda eliminatória do Campeonato Metropolitano da 1.ª Divisão.

TÊNIS DE MESA — Sorteio dos jogos da taça «Diário de Lisboa» para infantis (4.ª eliminatória), às 21 e 30 na A. T. M. L.

senhoras, eliminatórias; disco, senhoras, qualificação; salto em comprimento, homens, qualificação. Ciclismo: 4000 m, perseguição individual; 1000 m, qualificação; 4000 m, perseguição individual, quartos-de-final. Luta livre: eliminatórias. Halterofilismo: «meios-pesados» grupo A. Natação: estafeta 4X100 m, livres, homens, eliminatórias. Remo: meias-finais das várias classes. Voleibol, Polo aquático.

18 h. — Atletismo: 800 m, senhoras, eliminatórias. Pentatlo moderno: corta-mato. Hóquei em campo.

19 h. — Voleibol, Hóquei em campo.

20 h. — Vela, Pugilismo: eliminatórias.

21 e 20 — Atletismo: 50 quilómetros, marcha.

22 h. — Atletismo: 110 m, barreiras, homens, meias-finais; triplo-salto, homens, final; salto em altura, senhoras, final; lançamento do martelo, homens, final e 400 m, homens, segunda eliminatória. Halterofilismo: «meios-pesados», grupo B.

22 e 30 — Futebol, Polo aquático.

23 h. — Atletismo: 200 m, senhoras, meias-finais e 80 m, barreiras, senhoras, eliminatórias. Halterofilismo: «meios-pesados», grupo B. Hóquei em campo.

24 h. — Atletismo: 110 m, barreiras, homens, final e 500 m, homens, final. Luta livre: eliminatórias. Saltos para a água: prancha de 3 metros, senhoras, eliminatórias. Natação: 4X100 m, estilos, senhoras, finais. Voleibol, Polo aquático.

1 hora de 18/10 — Atletismo: 400 m, homens, meias-finais.

2 horas de 18/10 — Pugilismo: eliminatórias. Voleibol, Esgrima: sabre, individuais final.

Andebol de Sete

Em jogos pertencentes aos campeonatos de andebol de sete da A. A. Porto, seniores e juniores, verificaram-se, ontem, os seguintes resultados:

Juniores: F. C. de Gaia, 5-F. C. Porto, 26. Seniores: Vigorosa, 8-F. C. Porto, 22.

Os «azuis brancos» comandam sem derrotas as duas provas.

Cerca de uma centena de inscrições no «rallye» de automóveis antigos

Atingiu o numero de 92 as inscrições no «Rallye» Internacional de Automóveis Antigos, marcado para os próximos dias 19 e 20. Promovido pela Sociedade Estoril-Sol, com organização do Automóvel Club de Portugal, o já famoso «Rallye» das Donas Elviras promete, assim, ultrapassar o êxito obtido em anos anteriores.

Segundo o regulamento, no dia 19 disputam-se as provas de estrada, a primeira das quais constará de um percurso urbano, dando assim ensejo ao espectáculo insólito de automóveis antigos a rodar pelas artérias de Lisboa; e no dia 20, no percurso fronteiriço ao novo Casinó Estoril, decorrerão as provas complementares que, habitualmente, constituem motivo de atracção para o publico.

Para os melhores classificados dos 16 grupos em que serão divididos os concorrentes, consoante os anos de fabrico dos automóveis, foram instituídas numerosas e valiosas taças.



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROISMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, EVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (Av. Padre Manuel de Nóbrega - R. Escola Politécnica), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, V. DO CASTELO, VILA REAL, VISEU



CARTAZ DOS CINEMAS

*Estreia de hoje — SARGENTO RYKER — no Politeama

*** SÃO LUIZ**
Tel. 32 71 72
As 15.15, 18.15 e 21.30
O primeiro grande filme de amor da nova época!
2.ª SEMANA
Adultos — Coloriaco
INTERLÚDIO DE AMOR
Oskar Werner e Barbara Ferris

*** ROMA**
Tel. 727778
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
Inauguração da temporada
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com Doris Day, Terry Thomas e Robert Morse
METROCOLOR

*** MUNDIAL**
Tel. 53 87 43
As 15. 18.30 e 21.30 (12 anos)
Julie Andrews e James Fox num filme de sensação
MILLIE, RAPARIGA MODERNA
SÓ A NOITE:
O Conjunto «Belle Époque»

*** RESTELO**
Tel. 61 03 75
As 21.30 (Adultos)
OS 7 ANDARES DA VIDA
c/ Ugo Tognazzi, Tina Lise e Franca Belloja

*** IMPERIAL**
As 15 e às 21 h. (Adultos)
4 DAMAS PARA UM AS O HEROI DE LAS VEGAS

*** ESTÚDIO**
Tel. 553134
2. SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um filme de Francis Coppola, com Elizabeth Hartman, Geraldine Page e Peter Kastner
A NOITE É PERVERSA
*** EDEN**
Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Dois homens num só Herói
Renegado! Assassino!
BLUE
Terence Stamp, Joanna Petee e Karl Malden.

*** ODEON**
Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e às 21.30
Em 4.ª semana triunfal
o notável filme português
ESTRADA DA VIDA
Que atitude deve tomar uma mulher perante uma infidelidade do marido? Perdoar-lhe ou abandoná-lo?
c/ Paulo Renato e Laura Soveral (Maiores 17 anos)

*** CASINO ESTORIL**
Tel. 26 07 29
As 17 e 21.30 (M. 12 anos)
NÃO SOU DIGNO DE TI
Gianni Morandi, Lama Eforikian, Nino Taranto e Dolores Palumbo.

*** CHIADO TERRASSE**
Tel. 320917
As 15 e às 21 (M. 12 anos)
DESERTO EM CHAMAS
3 CHAPÉUS PARA LISA

*** LIZ**
As 15 e 21 h. (Adultos)
OS OSSOS DO OFÍCIO
A VOLTA DE NICK CARTER

*** ALVALADE**
Tel. 763080
As 15.45 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
O primeiro grande filme de amor da nova época!
COLUMBIACOLOR
INTERLÚDIO DE AMOR
com Oskar Werner e Barbara Ferris

*** SÃO JORGE**
Tel. 54154
As 15.15, 18.15 e 21 e 30 (M. 17 anos)
3.ª SEMANA
O melhor filme do ano — 5 «Oscars» —
NO CALOR DA NOITE
com Rod Steiger e Sidney Poitier

*** MONUMENTAL**
Tel. 555131
As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Super Panavision — 70 m/m
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
Uma prodigiosa realização de Stanley Kubrick

*** ESTUDIO 444**
Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
A obra-prima de François Truffaut
«Palma de Ouro» do Festival de Cannes
OS QUATROCENTOS GOLPES

*** IDEAL**
Tel. 324194
As 21 h. (M. 17 anos)
COM JEITO VAI COW-BOY
HORAS ROUBADAS

*** TIVOLI**
Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 21.30 da noite (M. 17 anos)
Na tela gigante de 70 m/m
BANDOLERO
c/ James Stewart, Dean Martin e Raquel Welch

*** CONDES**
Tel. 322523 e 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com Doris Day e Terry Thomas
Panavision — Metrocolor

*** AVIS**
Tel. 47163
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
Tony Kendall, Brad Harris, Nick Jordan e Gloria Paul no mais espectacular filme de aventuras:
OS 3 SUPER-HOMENS
EASTMANCOLOR

*** EUROPA**
Tel. 66 10 16
As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Colorido — 10.ª SEMANA
Um filme insuspeito de Stanley Kramer — 2 Oscars
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
Sidney Poitier, K. Hepburn Spencer Tracy

*** LIDO**
Tel. 93 75 93 — AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)
Um verdadeiro «tratado» de pancadaria!
Um «western» emocionante!
100.000 DÓLARES POR RINGO

*** POLITEAMA**
Tel. 326305
NOITE DE SENSACIONAL ESTREIA com Lee Marvin
HOJE, às 21.30 (Adultos)
SARGENTO RYKER (COL.) — Ver anúncio especial
Hoje, às 18.30 — Os grandes romances de amor (Adultos)
UMA SEGUNDA VIDA

*** OUTROS ESPECTÁCULOS**
CIRCO
COLISEU — As 16 e às 21 e 30: Grande Companhia Internacional (12 anos)
TEATROS
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos)
VILLARET — As 21 e 23: «Oh, que delícia de coisa» (17 anos)
MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos)
VARIEDADES — As 2 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos).

CINEMAS
ARCO IRIS — As 21: «30 Winchester» (12 anos)
CINEARTE — As 21: «Uma jovem em Paris» (17 anos)
PARIS — As 21: «O Regresso dos 7 Magníficos» (17 anos)
JARDIM — As 21: «Matt Helm, agente muito secreto» (17 anos)
ROYAL — As 21: «Meu amor, meu amor» (17 anos)
OLIMPIA — As 21: «Operação tubarão branco» (17 anos)
SALÃO LISBOA — As 19: «Roma Invencível» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «O Valet de Ouros» (17 anos)
ORIENTE — As 21: «A maldição dos Deuses» (12 anos)
PROMOTORA — As 21: «Viva Maria» (17 anos)
SPORT LISBOA e BENFICA — As 21 e 15: «Só os fracos se rendem» (12 anos).

● Linha de Cascais
OIRAS — OIRAS-CINE — As 21: «Até à eternidade» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As

*** IMPÉRIO**
Tel. 555134
2.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
Panavision — Technicolor
Dois grandes talentos: Jack Lemmon e Walter Matthau em
MAL POR MAL ANTES COM ELAS
(The Odd Couple)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Sombra na cidade» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 15: «Torção e o grande rio» e «1 general e meio» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Hawaii» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Cinco destemidos para Singapura» e «Os bárbaros do século XX» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Major Dundee» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Duas mulheres» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Vingança de Fu Manchu» e «Escape livre» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 30: «O agente secreto F. X. 15» (17 anos)

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

Jacques Dumesnil, que terminou a rodagem do filme «O Boi Clandestino», sob a direcção de Jacques Pierre, vai interpretar, ao lado de Pascale Audret e Annie Sinigaglia, «Les Mal Aimés», adaptado da obra de François Mauriac, com realização de Julien Berthaut.

Maximilian Schell será o principal intérprete da peli-

cula Simón Bolívar», baseada na vida do «libertador» sul-americano, em co-produção italo-espanhola. O actor madrileño Paco Rabal desempenha o papel do general Paéz, principal ajudante de Bolívar na sua campanha de libertação.

A «Comédie des Alpes», que sob a direcção de René

Lesage está a actuar na Casa da Cultura de Grenoble, inscreveu cinco espectáculos no seu programa para a próxima temporada: «Eu, Super-Homem», de Guillaume Kergoulay; «Zoo Story», de Albee; «O Casamento de Figaro», de Beaumarchais; «A Noite dos Assassinos», de José Triana; e «Fim de Festa», de Samuel Beckett.



BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

PARREIRINHA DO RATO
Restaurante — snack-bar
cervejaria
Especialidades de churrasco
de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco)
Telefone 68 59 08
Parque para automóveis

RESTAURANTE XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

ALMOÇO MESA REDONDA — 50\$00
AMANHÃ Bacalhau recheado à transmontana lscas de porco na frigideira à portuguesa
RESTAURANTE MAGIDE
LARGO DA BIBLIOTECA, 20
TELF. 362123 LISBOA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
JANTARES DANÇANTES

QUINTA DE S. VICENTE RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)
Parque privativo para automóveis
(AR CONDICIONADO)

SANCHO RESTAURANTE
T. da Glória, 14 / T. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
— AR CONDICIONADO —

● Em Lisboa — Turno A

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses).

ALCANTARA — Bairro, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) * São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140).
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Lúgua da Pévoa, 5 (689250).
ANJOS — Renascença, R. Damas-ceno Monteiro, 104-A-B (881504).
AREIRO — Roma, Av. de Roma, 95-B (772466) * Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860).
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. República, 74-A (771379).
BAIXA — Renascença, R. Damas-ceno Monteiro, 104-A-B (881504).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurora, 154 (324816) * Oliveira, R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944).
BENFICA — União, Est. Benfca, 992 (700092) * Alegria, Est. Benfca, 180-A-B (780511).
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (827284).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infância, 16, 98-B (688807) * União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B. 75, A-B (Bairro da Liberdade) (683694).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468).
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578).
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971) * Paiva da Costa, R. Lapa, 105 (54414).
GRACA — Ziffer, R. de S. Tomé, 54 (862835) * Central, R. Penha de França, 58 (849245).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) * Douro, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — S. Paulo, R. 2, Lote 823, d. Estrada de Moscaide, Olivaes Sul (310711).
PALHAVA — Conto, Est. Laranjeiras, 202-B (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascim. Costa, 16-A (720703).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3 (771873).
DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zólimo Pedrosa, 11 (381136) * Banha, Est. Chélas, 173 (332241) * Frazão, R. Cruz de St. Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 87 (326476).
SANTO AMARO — Blatifer, R. D. João de Castro, 27 (638824) * Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 175 (660513).
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscaide, 44 (2518520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (212048).
CAXIAS — Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (2432039).
OIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (2430058).
PAREDE — Macau, R. J. Elias Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 260087).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078) A. Costa — Rua Freitas Res 24-C (Tel. 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (935518) * Carmo-

lo, R. Elias Garcia, lote 28 (933393) * Helenica, R. Elias Garcia, J. P. L., loja B (933613).
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) * Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 53 (2940034).
MEM MARTINS — Químia, Est. Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456).
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — Colares, Abreja (299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (234137).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250).
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, 1 (Tel. 271291).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional, 22-B (22441).
BARREIRO — Moderna — R. D. Henriquez Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443).
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, 1 (274365).
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025).
MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (230370).
SESIMBRA — Leão, Av. Sa azar (229471).
SETUBAL — Higiene — R. Frei Agostinho da Cruz — (Tel. 22408) * Portugal — R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211).
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Couceiro, 38 (2218560).

SERVÍCIOS URGENTES

Telefones
AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gascidra, 538821 * Gascidra (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.

Diário de Lisboa

Propriedade da
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: J. Christóvão de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telefones: 32 02 71 2 3,
32 11 54 5 e 34 221
Ed. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 Portugal



O governador de Beja ao assumir as funções prometeu elevar o nível de vida do povo

BEJA, 17 — Assumiu hoje as funções de governador-civil deste distrito o sr. dr. João Luís Vieira da Silva que recebeu cumprimentos de várias individualidades entre as quais os comandantes da P. S. P., G. N. R.; Legião Portuguesa, 3.ª Região Militar, R. L. n.º 3, delegado da M. P., presidentes das Camaras Municipais de Mértola, Ourique, Aljustrel, Barrancos, Castro Verde.

Assistiram também à cerimónia os chefes de vários serviços públicos e o presidente da Federação dos Gre-

mios da Lavoura do Baixo Alentejo. Numa breve alocução, o sr. dr. Vieira da Silva garantiu que vai envidar todos os esforços no sentido de elevar o nível de vida das populações de todo o distrito e contava, para isso, disse, com a colaboração de todos os presidentes dos municípios.

As explosões na Petroquímica foram devidas a fuga de gás

Esta madrugada, as populações da zona de Cabo Ruivo e dos bairros próximos foram alarmadas por dois grandes estrondos que, com intervalos de dez minutos, deram desde logo a impressão de tratar-se de explosões. No entanto, como mais nada de anormal se verificasse, os milhares de pessoas que haviam acordado com as fortes detonações voltaram a recolher-se. De manhã, porém, procuraram inteirar-se do sucedido. Alguns dos nossos leitores que residem na zona telefonaram-nos para saber de pormenores.

Houve, de facto, duas fortes explosões na fábrica da Sociedade Portuguesa de Petroquímica, na Avenida Marechal Gomes da Costa. Daquela estabelecimento fabril informaram-nos que, cerca das 3 e 30 de hoje, devido a uma fuga de gás, dois armários de analisadores rebentaram provocando dois grandes estrondos. As explosões não tiveram quaisquer consequências para o funcionamento normal da fábrica. Os armários de chapa ficaram naturalmente destruídos, mas não houve incêndio e foi o pessoal privativo da fábrica que resolveu as sequências da ocorrência.

ENSINO TÉCNICO DE ÍLHAVO

ÍLHAVO, 17 — Com grande frequência, está já a funcionar a Escola de Ensino Técnico desta vila. O ciclo preparatório conta com três turmas: uma feminina e duas masculinas (104 alunos). O ciclo preparatório do ensino secundário tem seis turmas: duas femininas e quatro masculinas (163 alunos). Finalmente, encontram-se matriculados 63 alunos no curso nocturno do 1.º e 2.º anos de Comércio — e 38 no curso nocturno de Indústria (mesmos anos).



Telef. 22118 FIGUEIRA DA FOZ
SOMARO, L.ª
Praça 8 de Maio, 64

Instituto Superior de Línguas e Administração

**ESCOLA SUPERIOR
DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO**
(reconhecida oficialmente
para fins militares e provimento de cargos públicos)

**FORMAÇÃO DE TÉCNICOS
DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL**
Habilitação mínima: 7.º ano dos Liceus ou equivalente
Aulas das 20 às 24 horas

**ABERTAS AS INSCRIÇÕES
PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO**

Pedidos de folhetos e informações para a
Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telef. 676395 - 673766

**JOQUE NO
CAMPIÃO**

SEXTA-FEIRA 4000 CONTOS



O major Sérgio Bacelar, comandante dos B. V. de Leixões, no uso da palavra

XVIII CONGRESSO DA LIGA DOS BOMBEIROS:

Portugal necessita de mais batalhões de sapadores

Começaram hoje, de manhã, no recinto da Feira das Indústrias, os trabalhos do XVIII Congresso da Liga dos Bombeiros Portugueses, incluído este ano nas comemorações do centenário dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que passa precisamente hoje. A mesa do congresso é composta pelos srs. eng.º Russo Belo, presidente, eng.º Albuquerque Barbosa e José Dias Cara Nova, secretários.

A sessão constou da exposição e crítica de três teses: «Aplicação aos corpos de bombeiros municipais de um decreto-lei», pelo major Gedeão, dos Bombeiros Municipais de Coimbra; «Viaturas de combate e sua utilidade em relação às zonas a que se destinam» pelo comandante Campeão, dos Bombeiros Voluntários de Alentejo; e «Espuma de alta expansão», pelo 2.º comandante Serra e Moura, dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

Estrutura anacrónica do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndio

A exposição destas matérias seguiu-se viva discussão, em que intervieram vários dos 200 participantes no congresso. Das numerosas declarações destacamos aquela em que o sr. major Sérgio Bacelar, comandante dos Bombeiros Voluntários de Leixões, se referiu à estrutura anacrónica do Conselho Nacional dos Serviços de In-

cêndio, que vão corresponder às exigências actuais e onde, disse, «deviam ter assento representantes dos bombeiros».

Uma maior ajuda ao voluntariado e a necessidade de criação de mais corporações de sapadores — (hoje só existem duas, em Lisboa e Porto) foram igualmente focadas com interesse.

Antes de se dar início ao congresso propriamente dito foi descerrada uma fotografia

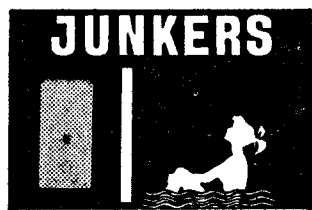
do saudoso bombeiro Francisco Antunes Lopes, antigo vice-presidente da Liga organizadora, que faleceu em Março, último, tendo usado então da palavra o presidente da mesma, António Moura e Silva. Hoje, à tarde, os participantes foram recebidos pelo ministro do Interior e pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate em Moçambique, o soldado do recrutamento provincial 72007966, Cheneb Conias Mocumbi.



**PETROLIS — Sociedade
Leiriense de Combustíveis e Óleos, L.ª**
Av. Combatentes da G. Guerra
Telef. 22177 LEIRIA



ABÍLIO FLORES
R. Heróis da G. Guerra, 104-104-B
Telef. 22008/9 CAL. DA RAINHA

50 MIL CONTOS
1.º PRÉMIO DA
LOTARIA DO NATAL

Bilhetes das duas séries a 5.000\$00
Bilhetes simples a 2.500\$00
Décimos a 250\$00

JÁ À VENDA NA
CASA DA SORTE

A Casa que faz multimilionários

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19,5 na água do mar: 17,º.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 29,º; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 7,º,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado com períodos de muito nublado nas regiões ao sul do sistema Montejunto-Estrela; possibilidade de neblina ou bancos de nevoeiro matinais na orla costeira ocidental ao sul do cabo Mondego.

 Amanhã
Nascer às 7 e 48
Ocorer às 18 e 55



Dia 21 Dia 28 Dia 5 Dia 13

MARES

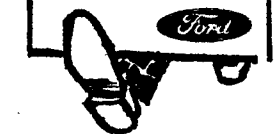
PREIA-MAR: Dia 17 — 0 e 30 (3,2 m); 12 e 52 (3,5 m); Dia 18 — 1 e 30 (3,5 m); 13 e 44 (3,7 m); Dia 19 — 2 e 15 (4,0 m); 15 e 07 (4,2 m).
BAIXA-MAR: Dia 17 — 6 e 21 (1,8 m); 19h. (1,5 m); Dia 18 — 7 e 15 (1,5 m); 19 e 48 (1,3 m); Dia 19 — 7 e 58 (1,3 m); 20 e 27 (1,0 m).


**CARROS
USADOS**

VÁRIAS MARCAS
E MODELOS PRO-
VENIENTES DE
TROCAS

Fac. troca e pagamento

Stand Moderno
Rua João Saraiva,
n.º 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO



CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

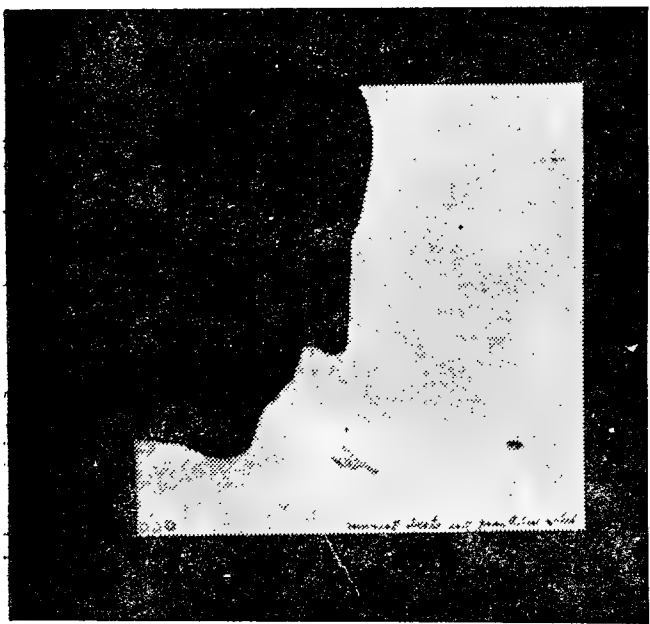
SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

Alberto Ferreira
Alexandre O'Neill
João Gaspar Simões
João Martins Pereira
José-Augusto França
José Vaz Pereira
Rocha de Sousa

N.º 533/17 DE OUTUBRO DE 1968



Marcel Duchamp: auto-retrato

Duchamp & Fontana

Folhetim artístico

de José-Augusto França

COM INTERVALO de poucas semanas morreram recentemente Lucio Fontana e Marcel Duchamp. O primeiro tinha setenta anos, o segundo oitenta. Em ambos, porém, a juventude contava como valor maior.

A juventude de Duchamp fora vivida nos anos ferrentes de 1910, 40 de Fontana nos anos 40 de pós-guerra. Antes de uma guerra e depois de outra se definiram então as criações destes dois homens que marcaram posições-chave na criação estética do Ocidente. Entre um e outro, medeou uma geração que mal compreendeu o primeiro e na qual o segundo não participou. A nova geração, porém, aquela que nos anos 60 se define, viu em ambos mestres de pensamento e de acção.

Mais em Duchamp, sem dúvida, e por razões históricas: As suas propostas de 1912-25, arredadas no tempo, adquiriram hoje um valor polémico de segundo grau em oposição àquela que fere ainda as propostas de Fontana, de 1946-60. O desinteresse simbólico de Duchamp, a distanciação em que se desejou; constituiram elementos de acção indirecta que importa receber e dilucidar, um ensino re-significado pelo tempo. E isso foi inteiramente entendido, nestes últimos anos, sobretudo,

A camaradagem que unira Duchamp aos Surrealistas de 1930, a colaboração que sempre o artista dera às suas manifestações até à programação da exposição de 1959, mantivera em actividade o seu nome — o suficiente para encarnar o mito em que se tornara. Duchamp destruiu o conceito tradicional de arte, dentro do movimento «Dada», opondo à criação a simples manifestação do já criado, ou a sua dispendiosa alteração semântica. A importância de tal acção, no mundo estético de hoje, é óbvia: ela imprimiu-lhe um sentido maior, na categoria metafórica que lhe convém.

Recentemente, por ocasião da grande retrospectiva de Picasso, em Paris, vários jovens artistas afirmaram que o mestre que reconheciam era Duchamp e não Picasso — e, injustamente embora (afinal Picasso precedeu Duchamp, ou possibilitou as suas diligências), é razoável a posição tomada, em virtude das linhas genealógicas com que passaram a coser a própria arte ou anti-arte praticada.

Folhetim não é artigo de vulgarização e em muitos outros lados pode o leitor ficar sabendo o que fez Duchamp — as suas propostas futuristas, surrealistas, «pop» e «op». Eu

(Continua na pág. seguinte)

A pueril querela do romance

por João Gaspar Simões

NAO ESTARÁ o problema básico do romance dos nossos dias em saber-se se o romancista deve ou não contar uma história? E este problema não pressupõe a essência da própria arte do romance em si? Que restará, ao fim e ao cabo, de tal género literário, anulado que seja esse seu elemento?

Se quiséssemos remontar às origens da ficção, verificaríamos ter ela nascido precisamente do desejo ou da necessidade em que o homem se encontrou, desde os mais remotos tempos, em recapitular de memória ou por escrito as condições em que se desenrola a sua própria vida. Digamos, portanto, que antes de existirem histórias — ou «estórias», como se escreveu e devia escrever — contadas ou escritas, já o homem vivia as suas próprias «estórias». A vida de cada homem é uma história, história que só principiou a ser contada quando surgiram as epopeias, género de histórias que não eram histórias de um homem ou de alguns homens, mas histórias de povos, narrações dos seus feitos heróicos, ou seja, da sua existência em comunidades.

Quer dizer: a história antecede a «estória». Antes de se contarem histórias ou «estórias» fizeram-se ou viveram-se histórias que a memória dos homens recolheu em poemas épicos.

Só mais tarde nasceriam as «estórias» propriamente ditas, oralmente contadas primeiro. Isto é: só tempos depois o homem se daria conta de que, a par da história heróica dos povos, havia a história anónima dos homens.

Convém, pois, sublinhar que quando a literatura principiou a contar histórias já o homem vivia na História as suas «estórias». Desta sorte a ficção quase se limitou a consagrar uma forma literária que prece-

dia a própria literatura. Mas isto, que parece evidente, não foi desde logo descoberto pelo homem. As «estórias» orais, património da humanidade, começaram mesmo por ser alegóricas. Só muito lentamente os homens chegaram à compreensão de que, para contarem a história da sua vida, não deviam usar de formas paradigmáticas. Pode dizer-se que a arte da ficção nasceu apenas no século XIV, quando Boccaccio publicou o *Decamerone*. Embora nascida então a arte de contar histórias ou «estórias», ainda levaria tempo antes que surgisse aquilo a que no século XIX se chamou «romance». Com efeito, os primeiros romances — sem falarmos de uma ou outra história

homem é uma história ou uma «estória», visto o homem viver ao mesmo tempo na História e na «estória», no dia em que renunciou, definitivamente, a esse seu particularismo, perderá a sua razão de ser. E é por isso que, no nosso ponto de vista, o romance que nos nossos dias se recusa a admitir a «estória» como elemento fundamental da arte do romance tem o direito a ser tudo quanto quiser menos romance propriamente dito.

Evidentemente que não sustentamos que a maneira de contar histórias deva ser invariável, e que o romance dos nossos dias deva contar as suas histórias como Cervantes contou as dele. Admitimos a le-

lismo, o persistirem alguns escritores de hoje em chamarem «romance» a obras onde não há sombra daquilo que constitui a natureza intrínseca ou funcional do género? Como o leitor ainda se não cansou de ler «estórias» — ao contrário do que insinuam os aduletores da literatura de ficção — e como o escritor dos nossos dias não pode passar sem o editor, único meio de ver as suas obras publicadas, ei-lo que, escrevendo livros onde já nada existe da natureza particular do género a que diz prestar culto, pusilanimemente continua a chamar-lhes «romances». Quanto a nós, cremos estar apenas diante de uma forma de exploração comercial.



STENDHAL



CERVANTES

mais ou menos longa a que, sem propriedade, se deu o nome de romance, como sejam *O Satiricon*, *Dafnis e Cloe* ou *O Asno de Ouro*, pelas da literatura, só apareceu na Idade Média; são os chamados romances de cavalaria. Mas mesmo estes primeiros romances eram mais colecções de «estórias» do que propriamente uma «estória». Há que esperar pelo século XVII para vermos surgir o romance tal como o conhecemos ainda hoje: um espelho (como queria certo autor citado por Stendhal) que passeia ao longo de um caminho, por auto, uma imagem da vida de cada ser humano.

Onde pretendemos chegar? Apenas a esta conclusão: que uma arte literária diferenciada das demais artes literárias pela circunstância particularíssima de ser a única a dar-se conta de que a vida do

gitimidade da «estória» do *D. Quixote*, a legitimidade da «estória» do *Robinson Crusoe*, a legitimidade da «estória» do *Tristram Shandy*, a legitimidade da «estória» do *Lucian Leven* ou a legitimidade da «estória» do *Ulysses*. Entre a maneira de contar de Cervantes, de Defoe, de Sterne, de Stendhal, de James Joyce não há outro ponto de contacto além deste que todos contam em verdade uma «estória». A partir do momento em que o romance deixa de contar «estórias», seja lá como for que as conte, perde a sua natureza de romance. Nem se compreende que assim não seja. Muito pobre tem de ser o vocabulário dos povos para estes não encontrarem no momento preciso em que descobrem um novo género literário o termo necessário ao género descoberto! Não se tratará de uma teimosia, a que não será alheio certo comercia-

Entenda-se bem: não defendemos qualquer paradigma realista do romance. Apenas sustentamos que, para determinada obra gozar das prerrogativas que caracterizam as obras-primas do género — seja o *D. Quixote* seja o *Ulysses* —, se nos afigura indispensável que essa obra conte uma «estória» ou melhor que essa obra admita que a vida humana reflectida na literatura de ficção só é romance enquanto esse género literário representar uma imagem da vida em termos de «estória». Se a representar noutros termos — em termos de visão objectiva, de visão filosófica, de visão ensaística, de visão óptica — termos de que esteja excluída a condição *sine qua non* de tal género literário: sem uma imagem da «estória» dos homens, será tudo quanto quiserem, «romance» não. Pois não é pueril sustentar um ponto de vista diferente?



JOYCE

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS:

A Pueril Querela do Romance, por João Gaspar Simões.

Fogo em Volta... e Resposta a Régio, por Alberto Ferreira.

LETRAS ESTRANGEIRAS:

The Flower Power, por Manuela C. Garção.

CRONICA:

Com Seiscentos Dentistas!, por Alexandre O'Neill.
Elogio do Boato, por João Martins Pereira.

ARTES PLASTICAS:

Duchamp & Fontana, folhetim artístico de José-Augusto França.

O Objecto, por Rocha de Sousa.

CINEMA:

Morte de um Computador, por José Vaz Pereira.

TEATRO:

O Regresso do Grande Living.
Adamov Escreve-se com «M».

JAZZ:

«Simple», Personagens de Hughes, por José Duarte.

Du Champ & Fontana

(Continuação da pág. anterior)

quero apenas lembrar-me da grande sala do museu de Filadélfia onde toda a sua obra se encontra depositada, espaço animado e explosivo, motor de história e de humanismo, vertiginoso impulso e temeroso corte em esquemas mentais e sensitivos do passado. Em Paris, há um ano, um velhinho de perfil agudo, enrugado como um pergaminho, o olhar divertido, presidia à inauguração duma retrospectiva que (enfim!) o tão atrasado Museu de Arte Moderna lhe fazia. Foi a única vez que vi Duchamp — sobrevivente e presente como Mefistófeles, na dança irónica do nosso viver... A Fontana vi várias vezes, e falámos em Paris, onde a sua arte sempre

despertou desconfiança. Uma desconfiança que o indignava. Creio até ter sido o único crítico que lá lhe defendeu a primeira exposição, em 60 ou 61, numa galeria que teimava ingloriamente em impô-lo, na atmosfera ainda então serenamente «pictural» de Paris. Em 59, quando o cetei no colóquio da 1.ª Bienal parisiense para definir uma posição estética dinâmica, lembro-me ainda de um considerável crítico, algo oficioso, que me respondeu, muito irritado, «qu'on avait assez» de tal sugueto. Havíamos todos de ter, dele, muito mais, nos anos seguintes... Os «Concetti Spaziali» de Fontana rompendo a superfície prudente das telas para explorar o espaço posterior, constituem, na sua admirável simplicidade, uma propos-

ta maior, dentro da arte do nosso tempo acuna referida. Golpeando a tela, ou perfurando-a, adquiriu-se operatariamente uma naturalidade que o tempo-desde-Duchamp garantia já. Entre os objectos «ready-made» deste e a cenografia do italiano, passou uma corrente de alta tensão. Uma lógica mental finíssima e uma delirante lógica barroca. Completam-se assim. Os objectos míticos do nosso tempo, que podem ser «signés» Duchamp, vivem necessariamente num espaço complexo e outro, que pode ser criado por Fontana. De qualquer modo, há que entender uma nova categoria espacial — sem o que nada se entenderá do que, em volta de nós, acontece. ...Não será escusado di-

zer que, no estado actual das pesquisas estéticas de certos jovens artistas portugueses (o Noronha da Costa, o Artur Rosa, o José Rodrigues, o Jorge Pinheiro, o Eduardo Nery, a Lurdes Castro, a Ana Vieira), este espaço ao mesmo tempo experimental e simbólico que o Fontana do «Spazialismo» propôs, tem uma importância maior. E que a todos eles necessariamente assombra a presença exigente e irónica dum Duchamp que coisificou a «Imagem».

N. da R. — A escolha das ilustrações do último «Folhetim Artístico», relativas a Obidos, não é da responsabilidade do autor.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Morte de um computador

(Continuação da 8.ª página)

ções. Porque o espaço interior é tão importante como o espaço exterior, a necessidade de comunicações aperfeiçoadas e rápidas e faz-se sentir duma maneira particularmente aguda. Sobretudo num mundo em que os pré-adolescentes vivem já numa envolvimento e num ambiente de adultos. Mas o filme trata do assunto ainda com um es-

pírito de desconfiança no que diz respeito a cérebros electrónicos que mais podem contribuir para uma melhor comunicação: os computadores. E, seguindo esse rumo, não pode deixar de fazer eco dum problema que hoje julgamos ultrapassado: o conflito homem-máquina. A velocidade com que os computadores fornecem chaves para a resolução de problemas complexos e a

versatilidade com que procuram soluções poderá parecer ominosa. Não faltam as grandes palavras sobre a desumanização da cultura. O espectro do desemprego poderá assustar outros tantos. Mas não há dúvida que a humanidade enfrenta crises e dificuldades que, só por si, não poderá resolver. O homem tem que utilizar os instrumentos do seu próprio engenho e con-

tinua a ter de libertar-se dos seus pesadelos, antes de começar a fazer perguntas. «Os nossos netos e os filhos dos nossos netos rir-se-ão — escreve Isaac Asimov — do medo que tínhamos dos computadores». Ora, é este medo que aperfeiçoadas e rápidas faz já do único filme da era do Espaço o primeiro filme do nosso passado.

JOSÉ VAZ PEREIRA

teatro:

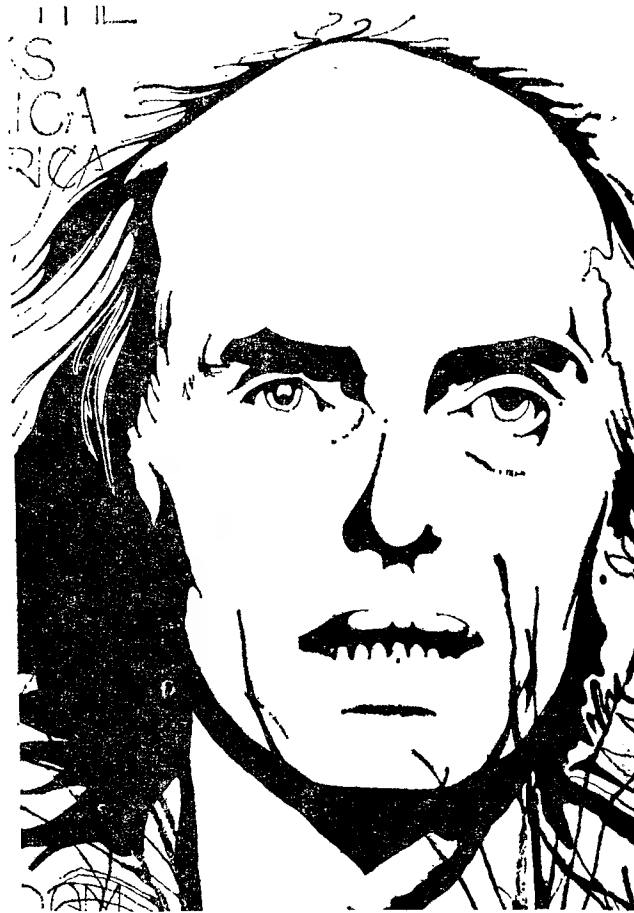
O REGRESSO DO GRANDE «LIVING»

O Living Theatre (ver Suplemento «D L», de 23 de Maio) regressou à pátria americana depois de um exílio itinerante pela Europa e com um «palmarés» de vitórias. Fundado em 1915, por Julian Beck e Judith Malina, celebrizou-se como agrupamento de vanguarda com duas peças

de arrojada concepção: *The Connection*, de Jack Gelber, e *The Brig*, de Kenneth Brown. *Frankenstein* (inspirada no romance de Mary Shelley) foi a mais recente e, porventura, mais sensacional produção do famoso conjunto, e é justamente com essa peça que ele acaba de fazer a sua

reparação na Broadway. Espectáculo de terror, viagem ao inconsciente, fábrika de realidades que se absorvem sucessivamente umas às outras, a peça põe em questão, como já é lendário dizer-se dela, a crueldade do nosso tempo aos diversos níveis da presença humana: no uso do poder, na alienação do sonho, na transposição mítica (e mística) da responsabilidade, na transfiguração erótica e no caos colectivo. Mas independentemente do tema, o que *Frankenstein* põe em causa é a morte do teatro

convencional, o que fica da peça quando espectáculo é uma pujante demonstração de vitalidade e imaginação e a certeza de que, depois de Brecht, de Arthaud e de Ionesco, há novíssimos caminhos para revitalizar o teatro e dar-lhe uma nova expressão. Assim pensa Peter Brooks. Assim pensa Armand Gatti. E com eles todo um imenso público ansioso de renovação, que encontrou no Living Theatre a expressão mais homogênea de uma rebeldia criadora.

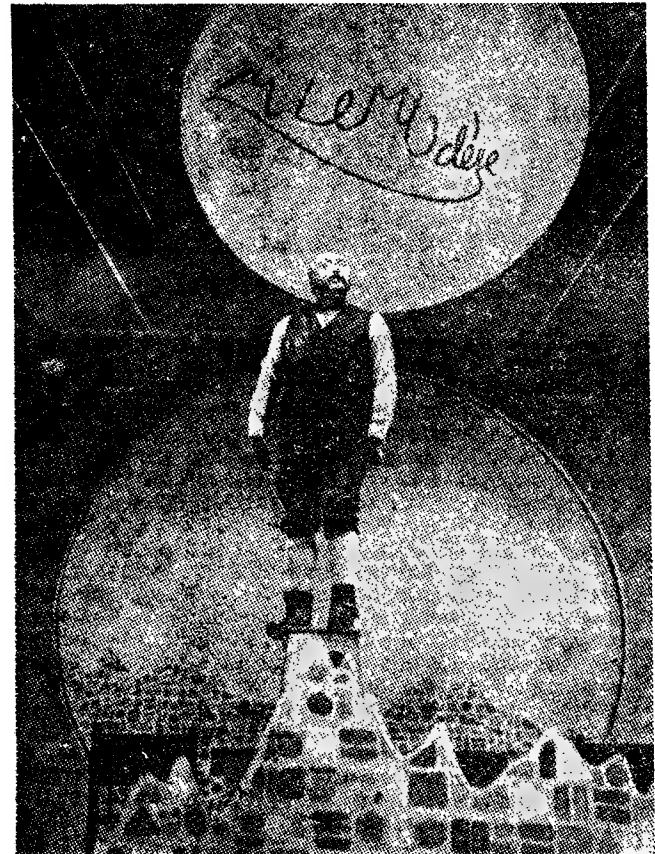


Julian Beck: «O Living Theatre não é apenas uma

típico, portanto, como herói de virtudes. Um «clown», sem se dar conta, final, quando olhado com um mínimo de imaginação. Um cidadão que se pretende respeitável quando integrado num conjunto de valores convencionais. Cabem nele, é certo, todas as tentações, mas todas as tentações são sugeitas à moderação dos sensatos. Então — e é esse um dos «clássicos» trunfos de Adamov — a realidade torna-se ambígua, a acção re-

corre-se de um anacronismo latente e o herói enfrenta do cimo de um pedestal um mundo às gargalhadas.

Adamov que está por detrás desse herói e por detrás do público — bem entendido... — acrescenta com *M. le Moderé* uma nova legenda à de «l'imagination au pouvoir» e, segundo a crítica, acrescenta, com redobrada ferocidade, a sua galeria dos mitos contemporâneos...



JACQUES DEBARY, *M. LE MODERÉ*
«Os heróis pusilânimes não merecem a comisseração do espectáculo» — Adamov

ADAMOV,

ESCREVE-SE COM «M»

«O riso de Adamov é o riso da caricatura, um riso verdadeiramente feroz, um riso que faz mal» — diz Jacques Lemarchand na crítica que escreveu para o «Figaro» a última obra do grande dramaturgo, *M le Moderé*, em estreia no Théâtre des Mathurins, de Paris.

«M» aqui, no título, tem o valor de uma chave para sugestões. «M» de «Mon-sieur». «M» de Moderado. «M» de Maldito. «M» de Miséria... E a peça é o riso aberto contra a moderação, a gargalhada de chicote contra os burocráticos bons-sensos que atrofiam a imaginação e o gosto de viver de muitos e fazem a

lenda de alguns. Os admiradores de outras peças de Adamov como *L'Invasion* e *Parodie* e os profetas que em 1950 anunciaram nele o revolucionário de vanguarda que, como tal, iria ser enaltecido anos depois, todos esses que agora assistiram no Théâtre des Mathurins, aos sonhos e às desditas de *M le Moderé*, foram unânimes em reconhecer que, uma vez mais, Adamov lançava uma carta mais ousada e mais insólita no seu teatro. O pequeno-burguês que ele lança para o palco do ridículo é o convencional instalado nos pecados convencionais de uma classe.

Moderado nos defeitos,

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA

Cursos: BÁSICO, NORMAL, ACELERADO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380

CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

O OBJECTO

por Rocha de Sousa

O objecto, em algumas das suas diferentes propostas de comunicação e naturalmente referido às coordenadas da modernidade portuguesa, está na Quadrante para levantar certas interrogações de fundo, para explicar a continuidade revolucionária possível entre as formas de pura rebeldia contestativa e as formas integradas de uma parte da produção artística actual. Ao nível da estética, a exposição debate mais uma vez, presente e nas suas ramificações de abertura ao futuro. Assim ele nos explica que, uma vez assumido o caminho da extrema «pureza», «os tradicionais «géneros» foram exaustivamente explorados nas suas qualidades matéricas até à sua própria negação pelo que já era uma antipintura e uma antiescultura. Neste espírito, uma nova vontade formativa se desenvolve, desabrochando plenamente em 60, revalorizando a imagem e redescobrimo o objecto «ready-made» («Dadá» visto agora a outra luz...). A pintura e a escultura encontram-se finalmente reunidas no Objecto, em síntese mais ou menos perfeita, no desenvolvimento de um processo que tende cada vez mais a integrar uma experiência arquitectónica.

Neste fragmento da introdução proposta por Francisco Bronze à sua própria coordenação dos elementos reais, encontra-se um dado significativo que refere a revalorização da imagem e portanto um novo esquema de apropriação do real. Alguns tipos de objectos que ilustram essa apropriação estão expostos na Quadrante. A contestação aberta com o movimento «dadá» é ali evocada apenas para balizar do ponto de vista histórico, e dentro da estética, o fenómeno de osmose da pintura e da escultura, já que ele se prolonga ou permanece nos nossos dias com particular vivacidade.

TIPOS DE OBJECTOS NO PROGRAMA DA EXPOSIÇÃO

Para além de um conceito de base que inscreve o próprio quadro numa espécie relativamente vasta de objectos, estabelece-se na Quadrante o encontro da pintura e da escultura (a seguir à destruição das fronteiras radicais entre os géneros), no ponto de síntese num outro objecto de características mais vastas. Nele, com efeito, se podem reconhecer, por vezes, elementos segregados à vida do homem, sublinhados pela ironia ou desmentados pela análise, peças capazes de sustentarem dessa forma a criação não apenas o conceito de objecto no domínio das artes visuais, mas sobretudo a relação dialéctica estabelecida entre imagem e objecto, quer se aplique a uma redescoberta bidimensional da realidade, quer se objective nas três dimensões de espaço dessa mesma realidade. Plural-

mente definido nas suas incidências de ordem plástica, o objecto ali também se explica no campo das suas relações históricas, as de ontem e aquelas que hoje sugerem esperançosamente o futuro. E diz-se, esperançosamente porque, seja como for, a exposição organizada por Francisco Bronze aposta com mal disfarçada confiança nos destinos do objecto em paralelo com a evocada cren-



Rui Mário Gonçalves: um programa crítico

ça de Pierre Restany numa estética popular generalizada.

O PROGRAMA DO CRÍTICO

Esta exposição, que reúne objectos de artistas representativos, é a última de uma série programada pela galeria Quadrante, onde três críticos foram convidados a organizar publicamente o seu ponto de vista acerca de questões artísticas do nosso tempo. Desse modo se pretendeu objectivar as opções da crítica assim empenhada e alargar pelo confronto a visão dos problemas estéticos na actualidade portuguesa. A primeira exposição dos problemas (IMAGEM / NÃO / IMAGEM) foi da responsabilidade do crítico de arte dr. José Augusto França e relacionava, em diferentes planos de espaço e de tempo, portanto de esquema e de modo, a evolução da imagem, do surrealismo aos nossos dias, na pintura portuguesa. Coube ao dr. Rui Mário Gonçalves o desenvolvimento da segunda exposição (NOVO DESENHO) pela qual se coordenavam, para além de uma perspectiva histórica, os dados fundamentais da evolução do desenho como escrita e como técnica de comunicação.

Nesta terceira parte do plano inicialmente anunciado, Francisco Bronze submete a sua exposição às manifestações de carácter objectualista no domínio das artes plásticas, procurando relacionar tempos e atitudes, assim justificando as raízes sociológicas de uma estética do objecto na sua articulação de um novo vocabulário

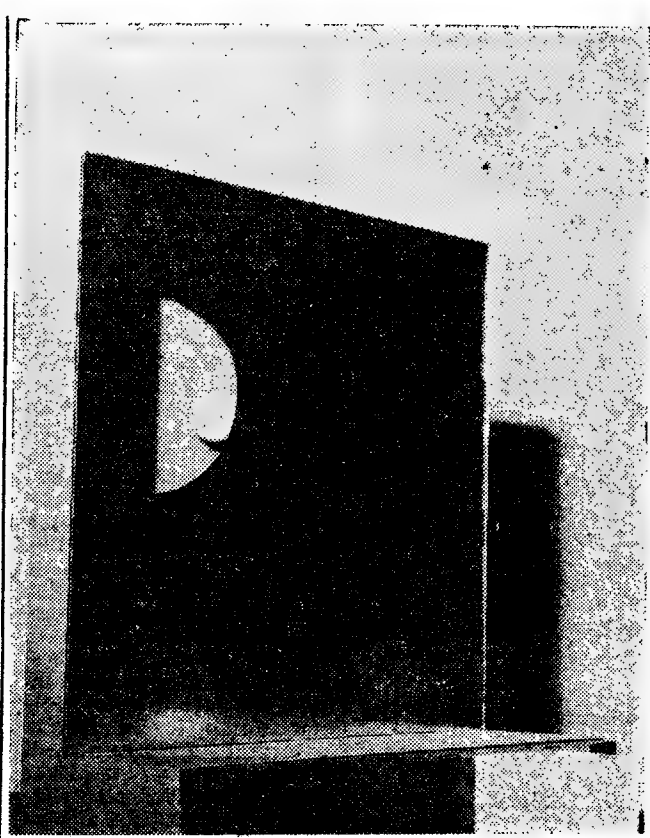
poético, portanto um novo modo de agir. Em muitos casos, os destroços ou formas objectivas da realidade sociológica recuperam-se escultoricamente para o espaço bidimensional do quadro, nele inscrevendo, pela violência dos contrastes ou pela força expressiva das associações, o manifesto da crise quotidiana. Mas a própria ideia do objecto serial, explorado modularmente por processos industriais, vai entroncar-se no retrato irónico das utilidades comuns, abrindo perspectivas vastíssimas à poética objectualista, quer no espaço restrito das suas articulações expressivas, quer no âmbito das suas incidências sociais. É com certeza neste canal que pode igualmente renascer a defesa de uma originalidade constante, a recusa à absorção definitiva do homem pelas cadeias do consumo arbitrário ou a contestação de uma tecnologia mal dirigida.

No domínio da pesquisa orientada a um espaço tridimensional, coordenada de base na experiência referida, deve integrar-se sucessivamente a indagação arquitectónica — e é esse o sentido que reflectem alguns artistas actuais, reunindo em peças de grandes dimensões os dados essenciais de procedimentos plásticos há pouco ainda diferenciados. Para o espaço assim reconquistado, reconciliado com os dados reais de objectos constituídos, outros artistas projectam os elementos consequentes do seu novo diálogo com a realidade. A partir do objecto, conjunto físico por excelência, ligado pelo corpo a uma informação mais concreta,

procura-se reorganizar o mundo das aparências, no jogo ilusório das imagens e em confronto com a própria verdade física do suporte de apoio. O objecto desdobra-se portanto em diferentes sistemas de reelaboração do real, quer se faça reflector de imagens que nele se confundem com as suas próprias estruturas, quer se realize escultoricamente para se metamorfosear pela intervenção do espectador, alterando a ordem de uma realidade na aparência pré-determinada, quer se articule em fases típicas da comunicação visual, permitindo desmontar e analisar o mecanismo das percepções.

REPRESENTAÇÃO PROPOSTA

Situam-se naquele campo, assim desenhado nas suas linhas gerais, os objectos propostos por Noronha da Costa, Ana Vieira, Manuela Almeida, Lourdes de Castro e Eduardo Nery. Naturalmente muito diferentes na sua proposição formal, e do mesmo modo nas consequências que determinam ao nível das imagens, todos eles abordam em linha recta a visão no plano das suas estruturas básicas, accionando e revendo a partir daí os fenómenos que descrevem ao homem a realidade móvel, o mundo ambíguo das imagens, o permanente equívoco das aparências na sua relação fundamental com o domínio do concreto. Noronha da Costa, talvez o artista mais singular deste conjunto, tem procurado com indiscutível coerência estabelecer as bases daquela



Noronha da Costa: uma nova experimentação do real

relação, negando a dualidade ali implícita para afirmar uma continuidade dialéctica entre o real e o que dele nos é aparente. As coisas e as imagens são assim relacionadas, até aqui quase sempre através das transparências e reflexos de um espelho coordenador onde a realidade se desdobra, se reflecte ou se nega. Em certa medida, este realismo que se redefine em termos novos propõe-se em Noronha da Costa segundo objectos tridimensionais, escultóricos, que prolongam em nós a impressão de objectos industriais, de formas correntes de consumo, de utilidades que incómodamente nos escapam. O design proposto é cada vez mais sugestivo neste sentido, realizando no espectador o apelo irrecusável de aproximação e participação, portanto jogando no objecto o fenómeno da reversibilidade do real — para melhor o compreender ou para definitivamente destruir as relações do código instituídas.

Ana Vieira e Lourdes de Castro debatem também este problema, jogando com silhuetas humanas, articulando materiais que possibilitem o movimento do ilusório e a experimentação constante da realidade. No caso de Ana Vieira, e como já tivemos oportunidade de referir noutra local, as silhuetas justapõem-se a uma memória fotográfica de movimentos, de gestos humanos perdidos no instante, ganhando por fim a dimensão de formas abstractas na medida em que de súbito se libertam do elemento corporal que as determinou para realizarem um espaço onde a pintura e a escultura se confundem intimamente. Abordando a produção de Artur Rosa, Eduardo Nery e Manuela Almeida, Francisco Bronze relaciona-os com a «grande corrente construtivista que vem da Abstracção Geométrica».

Mas é preciso aqui destacarmos Eduardo Nery pela precisão que o seu trabalho tem vindo a alcançar e pela clareza posta nos seus esquemas ópticos, por vezes excelentes coordenadores dos dados perceptuais. Artur Rosa está mais ligado a uma experiência arquitectónica e a sua obra, embora coerente do ponto de vista formal, situa-se menos especificamente num problema.

Passando para a primeira parte do capítulo anterior, o caso de Palolo (e até de um Bértholo, embora de outro modo) reflecte uma ligação mais intensa e mais directa com a realidade quotidiana, debaterdo-a ainda dentro do quadro. Ao que parece, Bértholo ter-se-á afastado um pouco desta linha, mas Palolo é dentro da recolha de imagens ilustrativas da sua movimentação urbana que se articula. Contudo, inverte-se a breve trecho para um domínio objectualista, mais directamente pela natureza de coisa que confere à representação do que pelo relevo com frequência já praticado. José Escada, que conserva um espírito de intimidade nas suas formas recortadas, próximo da pintura, desenvolve sobretudo um vocabulário poético mais ligado ao inconsciente.

Os objectos assinados por Cruzeiro Seixas e Charrua situam-se noutra dimensão afirmativa mais ao nível do próprio objecto como tal, como descoberta, como contestação de certos valores, como proposta do arbitrário contra o instituído. Eles são referidos a um tempo em que a urgência aí se colocava, embora o caso de Charrua tenha de ligar-se, como de resto acentua Francisco Bronze, à sobrevivência de uma estética expressionista, «estabelecendo a ponte entre uma subjectividade exasperada e o real objectivo».

UM GRANDE ROMANCE,
NOVO E OUSADO, DE

MORAVIA
d'atenção

A ATENÇÃO assenta numa situação escabrosa e em amores quase proibidos. Mas o mal também existe na vida — o incesto, a prostituição —, sem contudo perturbar muito a ordem aparente do mundo. Que significa então o realismo? Deve o escritor renunciar ao drama, ao romanesco? Moravia, graças ao Diário do seu herói, contenta-se em mergulhá-los no tecido conjuntivo da banalidade quotidiana — insignificante no plano dos factos, muito significativo e audacioso no dos sonhos.

Jacqueline Piatier
(Le Monde)

COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA

Portugalia Editora

AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Fogo em volta... e resposta a Régio

por Alberto Ferreira



ALBERTO FERREIRA

I—*Allegro ma non Troppo*

II, ALGURES, que temos formas a mais e ideias a menos. Ou seja, capacidade imaginativa e mimética que nos permite fingir que pensamos e de tal modo que o próprio autor se consola com a ficção. Pela minha parte sei, claramente, que, algumas vezes, me inebriei com palavras e me esqueci de pensar. O mal

não será perigoso quando a ilusão se consegue desvanecer perante um forte impacto de nossa lucidez, ou seja, figuradamente, quando recorremos ao anjo da luz, Lucifer... O caso torna-se, porém, melindroso, para não dizer terrivelmente patológico, quando a literatice se torna obsessiva e altera a ilusão em alucinação. Para confessar tudo quanto neste momento me habita: receio bem que José Régio, e provavelmente a minha pessoa, esteja a cair precisamente no que também aconteceu a Camilo, a substituição da ideia pela efusão, o estancamento anacrónico, ou pelo menos tedioso, numa zona essencialmente dinâmica e que erradamente se toma por uma estação, que é a zona intermediária entre a experiência empírica e a conceptualização ideativa, a que alguns chamam imagem e eu prefiro animar numa forma flexível e verbal: o imaginar. E então surgem metáforas como *Os Intocáveis* e *Fogos em volta de...* Bem julgo saber que a literatura não respira sem imagens. Mas também me parece poder ser dito, sem temor, que não lhe é alheio o conceito, a categoria, a ideia. Sobretudo na ordem crítica e na interpretação

e análise literária, parece ser praticamente impossível fugir a critérios, a normas metodológicas, a conceitos e a concepções que permitam sair da instabilidade dos juízos instintivos. Como ensinou Kant, na sua *crítica do juízo estético*, agradar ou desagradar não é raiz do juízo e quando neste interfere a emoção, caímos em pleno barbarismo (veja *Critique du Jugement*, Paris, J. Vrin, 1928, p. 58). E creio que ninguém me classificará de neokantiano pelo simples facto ideativo de aprovar este critério.

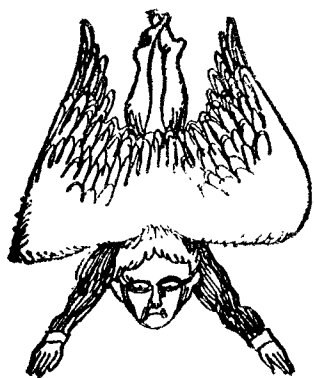
Posto isto, que poderia ser muito mais forte e indigesto, faço uma manobra ou uma diversão, como se queira. Além da pobreza de ideias e das ideias afiadas, me avistar outros maus prenúncios. Olho os céus e colho a impressão de viver por-detrás-do-tempo, ou então, sei lá de atravessar *«The Land behind God's back»*, que, em traslato auxiliado por quem sabe, pode dar, sofrivelmente, *O País-que-está-por-detrás-das-costas-de-Deus...* Com toda a franqueza: não sei nada de polémicas nem de este estafadíssimo modo de discutir. Sinto-me inepto, apesar de considerar que se poderia escrever exce-

lente série de artigos inspirada pela Ironia, enquanto categoria estética. E cuido que me não seria penoso nem difícil, sobretudo, depois de estar pre-cavido por uma leitura atenta de *O Riso*, de Henri Bergson (aconselho a cuidada tradução de Guilherme de Castilho, publicada por Guimarães Editores). O que não quer dizer que desterre do País-que-está-por-detrás-das-costas-de-Deus os salutareos recursos do *cómico*, em que foi mestre, entre outros grandes, o excelente Rabelais... E não me convenço que Molière e Beaumarchais devam ser exilados para a Sibéria. Com a condição de se respeitar a dignidade de cada um, coisa que Camilo nem sempre teve em conta. Precisamos de civilidade, de educação, de boas maneiras, sem deixar, evidentemente, de recorrer à vivacidade que não pode nem deve ser confundida com ditos picantes, zombarias, remoque e chufas... crime de que me acusa Régio e do qual, com toda a franqueza, me não sinto culpado. Creio, que, mais uma vez, o Poeta confunde as coisas. Ou sei, de facto, «miope» como também o meu caro contraditor me chama? Tornemos todos à inofen-

siva diversão de que vos afastei. Dizia eu que quedo na impressão de que estamos (o verbo é adequado) nas costas do Tempo, muito por detrás das costas de Deus. Algures, em Inglaterra, dão-se os derradeiros retoques num transatlântico de uns milhares de toneladas, algures, no espaço, uma magnífica cápsula astronáutica transporta três americanos que observam o planeta e preparam a era da circum-navegação lunar, e nós? Ai vamos. Tejo abaixo, num barco a vapor muito parecido com os que vemos nas fitas americanas, fumando pela chaminé, onde se lêem, em letra vermelha sobre fundo branco, títulos como este: «Camilo, génio intocável! Nem sei que pense! Pior: não sei que diga! Não será possível falar de coisas «nossas» sem filistina disposição? Eu bem imagino que na Alsácia, em qualquer burgo universitário como Estrasburgo, também haverá quem deseje perpetuar um estado de espírito alheio à crítica desassombrada. Filisteus há-os em todo o Mundo. E eu aceito a existência do filisteu desde que me não crucifiquem! Mais: aplaudo o nacionalismo literário desde que o espírito do senhor Chau-

vin se não intrometa com o seu excessivo sentimento patriótico. Nunca fui favorável ao cosmopolitismo, e até o condenei em livros meus. Por favor! Não se confundam as coisas! Acontece, geralmente, que a carência de pensamento e reflexão empurra a inteligência para a despropositada transferência de juízos e para a sua extrapolção. Por exemplo: um escritor exige actualização cultural, logo lhe exclamam que é jacobino. Pede-se introdução de novas técnicas de análise literária ou de outros preceitos metodológicos e logo os rabinos gritam: heresia! Com tal atitude mental será possível chegar a resultados valiosos?

Não, não será possível. E ainda menos se persistir a ameaça de certos espíritos verbais, tais como *dogmatismo*, aplicados a esmo. Porque senhores, não basta dispormos de palavras, cumpre que lhes conheçamos o sentido e significação. Tornarei a este tema, num próximo capítulo que talvez intitule de «Missa Solene...» Tudo isto vem a propósito de outro comentário do autor de «A Salvação do Mundo», aparecido em «A Capital», de 25 de Setembro e que pretende responder (ou agra-



COM SEISCENTOS DENTISTAS! (Outra de Pipote...)

por Alexandre O'Neill

ANTES eu tivesse falado, na minha crónica da semana passada, do Geraldo-Trepador-de-Muralhas, vulgo O Sem Pavor, que do Serrano Deusdado (Joaquim), ferro-velho a desunhar-se em quinas nas feiras de s. pedro e dos santos-que-houver! Antes eu tivera atracado a jangada a uma personagem histórica de verticalidade indiscutível, que batido papo (com evidente simpatia, não acham?) sobre essa afinal grande besta que é o Serrano Deusdado, vulgo, vulgaríssimo Pipote! Aqui dei-xo a tradução para português de mascate da carta a lápis-tinta molhado em saliva (ainda!) que ele me escreveu há uns reles três dias.

«O Sôr Anibal (outra vez o Anibal, em vez do O'Neill...) está a prejudicar-me com aquelas lachas que deu á estampa (em que missal ou almanaque picado pelo bicho teria o malandro catado a expressão?) no «Diário de Lisboa» e faz quase uma semana (brrrr!).

Quem «lhautorizou» (sic) a falar de dentes que não conhece? Vá á Clínica Dentária das Avenidas Novas, pergunte pelo dr. Sousa Rocha e lamba-se com o que ele lhe contar dos meus dentes novos. Onde é que o Sôr Anibal foi descobrir essa de eu deixar apodrecer os dentes por cortar cavilha, quer-se dizer, por ter ca-gaço? Homem de letras, chamam ao senhor! Homem de tretas, chamo-lhe eu, ouviu? E' que já uma senhora outro dia começou a entrar comigo de semana. «Então o Deusdado deixou apodrecer os dentes por tefe-tefe, hã?». E ria-se, a lindinha! Três quinaes que deixei de vender e por sua causa. Virei-lhe as costas e preveni-a: «Não faço mais negócios com a madama! Nem uma perna de cadeira!». Está a ver o Sôr Anibal a bonita situação em que me pôs com a sua mania de andar por aí a inventar histórias? E se tivesse mais juízo na mona, não era melhor? Havia de ser meu

filho... Este que se assina Joaquim Serrano Deusdado».

Juro sobre a memória do Geraldo-Trepador-de-Muralhas, com seiscientos dentistas!, que o que contei a semana passada foi ouvido por mim da booooooca (pft!) de Joaquim Serrano Deusdado. Se ele começou a tratar dos dentes, a culpa não é minha... Mas aqui, em legítimo desforço, lhe rogo uma não menos legítima praga:

— Que a postiga te caia, Pipote, quando estiveres no derriço com a viúva e que ela te ponha uma semana a biberão, enquanto os mecanicos do dr. Sousa Rocha reparam a dentadura do... bebé!

P. S. Para João Abel Manta: Meu caro, enganei-me! A personagem Pipote não merece nem um milímetro do seu engenhoso traço paciente. Desconfio, até, que não tem contorno... Para que nem tudo fique perdido, aqui lhe deixo uma sugestão: «Retrato da Dentadura quando Pipote»...



Dois celebridades: Hughes e Ray «Sugar» Robinson

Rest at pale evening... Atall slim tree... Night come tenderly Black like me.

de «Dream Variation» LANGSTON HUGHES

...O jazz é uma música alegre, porque nasceu dum grande tristeza. Os seus ritmos alegres, nasceram das pulsações dum coração dorido. Desde o princípio do século XVIII, que Congo Square em New-Orleans, era um dos lugares mais tristemente alegres do mundo. Era ali, ao ar livre, naquele largo poeirento, que os escravos executavam as suas danças dominicais

e que todo o dia tocavam nos tambores os ritmos de África.

Criavam uma música feliz e maravilhosamente complicada e dançavam num abandono pleno de alegria, até que o sol ao esconder-se, os reenviava para o bairro dos escravos. Enquanto dançavam, muitos esqueciam a sua condição de escravos. No entanto, a música, apesar da sua alegria, lembrava África, a travessia do Oceano o mercado de escravos, as correntes de ferro, os chicotes, as vidas inteiras de trabalho, sem salário, nem liberdade. Vieram depois,

Jazz e

as canções de trabalho, os gritos das plantações, os espirituais, a origem dos «blues», música de desespero e alegria, de tormentos e de risos. É esta aliança, entre tristeza e risos, que dá ao jazz a sua qualidade verdadeiramente única, que enraíza profundamente os seus ritmos sincopados na alma humana e que o impede sempre de ser uma música frívola ou desprovida de sentido ou simplesmente divertida, pouco importando, que a executem só por prazer.

O jazz é, hoje em dia, o bem comum a todos os homens...

Eram estas as raízes do jazz, na opinião do poeta Langston Hughes, um negro norte-americano, cujos antepassados de tão diversas raças e condições (e sem dar uma importância exagerada à hereditariedade) talvez justifiquem, a diversidade das fontes de inspiração na sua obra. Negro e branco, judeu e indio, escravo e comerciante, político e camponês até traficante de escravos, de tudo houve na sua família. Nasceu em 1902 no Missouri, morreu em 1967, em Nova York, em Maio, nas vésperas das manifestações raciais de maior violência, que abalaram Newark Milwaukee, Detroit.

Dos três, o mais consciente socialmente, Hughes forma com Cullen e McKay o grupo mais importante de poetas negros.

Poeta, historiador, ensaísta, professor, romancista,

var?) as questões por mim postas. O título do comentário prometia conduzir a questão ao seu núcleo originário, ou ao que como tal se pretende. Fogo em volta de Camilo, escreve Régio. Fogo, portanto. Não me parece, porém, que esteja o sítio de Camilo a arder. Porque se assim ocorresse todos estaríamos de parabéns. Fogo vivo, autêntico, é bem o que nos falta. Mas cuido que é lume, e só lume, que grassa há muito, bulindo de mansinho ali, rompendo acolá com as curtas fúrias dos Eolozinhos que gostam de cheiro a queimado. E o lume nem sequer se passeia no agro camiliano, mas sim na cercada «propriedade» de certos sociólogos, historiadores, ensaístas, filósofos, críticos, ou o que quer que se lhes chame, para o caso tanto se me dá. Houve até um polemista, aliás inteligente e dotado de incontestável finura, que insinuou serem quatro desses cercados «proprietários», pouco mais ou menos, cantadores... Nem mais: uma sorte de Calvários com a infeliz tineta de saberem entoar tão-só uma e a mesma canção. De onde se deve concluir que a motivação profunda, o estímulo decisivo, é outro que não o «nosso» Camilo.

Portanto, o que está em causa não é um caso, uma obra, um nome, nem sequer um domínio epistemológico ou um campo de significação. O que me parece estar a ser discutido, sem que se queira ou possa dizer tudo o que se pensa, é uma determinada concepção do fenómeno literário, uma metodologia que orienta algumas formas de heurística, digamos, por junto, toda uma concepção do mundo do homem. Disse: do mundo do homem e não do mundo e do homem, pois segundo julgo, está muito mais em causa o homem do que o mundo. O ideal seria, pois, furtar-nos à fulanização e renunciar a alusões, felizes ou infelizes, cifradas, visto que, de contrário, o leitor, para quem estas coisas são escritas (plateia? Porque não?), não entenderá patafina do que se vai passando aqui, no «Diário de Lisboa», nas páginas d'«A Capital» e nas da «Seara Nova». Dentro desta óptica será, sem dúvida, proveitosa e exemplar a crítica, o diálogo, a controvérsia. E nos dois ensaios, que compus para os dois volumes publicados da grande polémica *Bom-Senso e Bom-Gosto*, há matéria que bonda para vasta discussão de ideias.

O Camilo tem lá lugar modesto, não que eu lhe atribua um modesto lugar na literatura, mas porque o meu projecto de trabalho não comportava a análise tão profunda quanto ele merecia. Voltarei, numa outra parte desta resposta, ao tema (talvez em «toca e fuga...»). E já que o óptimo é inimigo do bom, comecemos pela parte mais intrigante ou espectacular desta caturrice literária. Caturrice, digo eu. E minha. Pois a verdade é que não resisto ao pequeno projecto de proteger algumas áreas marginais, não ameaçadas pelo lume, e que respeitam ao carácter particular desta desavença em que o poeta José Régio me meteu. Desaguisado que corre o risco de se alterar em pretexto literário para dizermos coisas menores um ao outro, que bem poderiam ser conversadas em colóquio público se o português amasse a água. Não o desejará, certamente, o meu caríssimo Poeta, que me dizem ser homem de palavra íntima. Eu, que um dia fui «Édipo» e agora me recolho ao espírito de «Hermes», que tenho menos pudor, que falo como um marinheiro grego, que sou, enfim, mais tagarela, gostaria, muito a sério, de beneficiar de tal

oportunidade. Talvez os fados convenham ao meu lugar geométrico... Então, então, querido Poeta, teremos «batalha» verbal da rija. E entre mortos e feridos talvez escapemos os dois como naquelas histórias de proveito e exemplo... Até lá, que bem poderá ser até nunca mais, contentemo-nos com a hospitalidade de jornais e revistas onde amigos comuns nos felicitam por mais esta jornada sem glória. Também é verdade que ela, a Glória, se esquivava aos soldados, cabos e brigadinhos das letras... Mas isto seria já outra diversão psicológica e moral que ponho cuidadosamente de parte. Rua, pois, com a Glória!

Entremos na «toute petite histoire», parafraseando um amigo nosso comum e que ele me perdoe! Entremos então. As «chufas» que o Amigo me outorga. Que ideia foi essa de me atribuir o que é trivial e pitoresco nas regateiras de Mestre Gil? Não, Grande Régio, não! Creio que ainda não tenho o gosto embotado ao ponto de confundir ironia com comichão. E se assim os fados me castigam, peço-lhe, imploro-lhe, que me ensine, pois continuo a ser simples aprendiz de arte literária.

Não é a primeira vez que, publicamente, reconheço meus erros e dislates. Mas não é só por estas bandas que o reincidente comentário ao meu «fraquinho» *Os Intocáveis*, merece reincidente comentário do aluno resmungão. Antes, porém, de prosseguir, quero dar-me ao prazer de de-

clarar que, se fosse interrogado em literatura por si, talvez apanhasse justamente um dez, embora o bom padre Gradil, me tenha contemplado com nota mais confortável. Mas nesse dia do meu longínquo exame não foi Camilo que

(Continua na 7.ª página)



«Simple», personagens de Hughes

por José Duarte

ta, crítico, dramaturgo, tradutor, viajante incansável, Langston Hughes divulgou a cultura negra norte-americana, da qual foi um dos seus grandes expoentes.

Uma obra cada vez mais densamente social, uma adesão cada vez mais clara a um tipo de ideologia, fizeram de Langston Hughes, um autor, que embora pouco conhecido, é um marco significativo na cultura americana. Como negro e americano, o jazz ocupa na sua obra uma importância notável, é uma presença quase constante, que começa no seu primeiro livro *The Weary Blues* (prémio «Opportunity» 1926).

Mas, é sobre uma personagem célebre na sua obra, uma personagem que muito tem a ver com o jazz, que nos vamos debruçar um pouco.

Langston Hughes, quando da sua colaboração no jornal «New York Post» criou um personagem que alcançou uma popularidade notável entre os leitores negros e até entre os americanos, em geral. Através dum diálogo imaginado, e despretensioso, numa linguagem simples, Hughes e esse personagem discutiam opiniões, problemas, dificuldades da vida dum negro norte-americano.

Era uma maneira cómoda, ingénua, astuta, maliciosamente franca, de auxiliar o negro menos dotado a tomar consciência da sua condição, das suas



Langston Hughes: a verdade em 1.ª mão

responsabilidades. L. Hughes chamou-lhe Jess B. Simple, afinal um jogo de sons, palavras que ouvias soam. Juste be simple. E como «Simple» ficou conhecido, na obra de L. H. que dele afirma:

«...Simple», não é só o retrato dum homem mas é também o retrato de toda uma situação social, dum larga porção de população de Harlem, a maior cidade negra do mundo, com as suas preocupações diárias, os seus problemas, as suas inquietações, expressas simplesmente, sinceramente, em geral com um sorriso e sem outro propósito, que não seja o de matar o tempo, para não ficar só com as suas preocupações, preocupações em relação ao trabalho, às dis-

tracções, aos senhores, às mulheres, à raça, à democracia...»

«Simple» tornou-se para muitos americanos o tipo comum, médio, do negro que podia ser encontrado nas ruas de Harlem.

«Simple», como homem da rua, interessa-se por jazz, o que não é de estranhar, tendo em vista, a origem do jazz. Quer se trate de espirituais, canots religiosos, «blues», cantos profanos ou de jazz, própria mente dito, esta música tem as suas raízes profundamente mergulhadas na alma do povo negro norte-americano.

«...Um homem de pele escura não conhece senão dias escuros...» explica «Simple», «...o «bop» nas-

ceu em dias escuros, razão pela qual «bop» é música exasperada, selvagem, frenética, louca e que não pode ser compreendida senão por quem também conheceu dias escuros. Quem nunca sofreu, não pode tocar «hop» quanto mais apreciá-lo...»

A observação de L. H. «...que «Simple» em tudo misturava o problema racial...» «Simple» limitava-se a constatar muito filosoficamente «...mas esse problema está em todo o lado...»

Para as massas populares negras encerradas nos «ghettos» das grandes cidades, o jazz propõe-se como evasão. O ritmo, os «riffs», repetidos à exaustão, servem como escape a um mundo de frustrações, numa atmosfera sensual, onde a promiscuidade física é por vezes o único elo de ligação. Não era pois surpresa ler «Simple» declarar: «...não gosto de velhos cânticos, nem de hinos, com arranjos musicais. Prefiro «swing» e aleluias ritmadas, cantos do evangelho e tambores...»

Com o advento e expansão da televisão, as pequenas salas de cinema viam-se obrigadas a fechar e «Simple» observava: «...Os velhos cinemas transformam-se em templos, já não se distingue um cinema duma igreja, a mesma fachada, as mesmas luzes; o palco é altar, na bilheteira depositam-se esmolas...»

«Simple» era grande

apreciador de jazz moderno, do «be-bop». Quando ouviu «Dizzy» Gillespie e as suas bizarras onomatopéias «hey-ba-ba-be-bop» ou «hi-de-hia-do-bop-mop», «Simple» explicou: «...«be-bop» é uma música autêntica como aliás toda aquela que é tocada por homens de cor...». Langston Hughes tenta atenuar o radicalismo e afirma: «...o «be-bop» já passou, já teve o seu tempo—hoje tudo é «cool», progressista...»

«Simple» rapidamente, acaba a discussão, afirmando muito à sua maneira: «...o «bop» pode ter passado de moda, mas o seu estilo permanece. Além disso, a palavra «bop» surgiu dos encontros entre a polícia e os negros; uma pancada-bop; duas, três; bop, bop, be-bop; e o ritmo passou da cabeça dos ne-

gros, para os trompetes, saxofones, pianos, baterias. Eu próprio tive essa experiência; uma vez tive uma resposta infeliz e... bop, bop, be-bop...»

Langston Hughes suspirando: «a tua explicação deprime-me».

«Simple» rematando: «a mim, é a tua simplicidade de espírito que me deprime».

BIBLIOGRAFIA:

- Simple speaks his mind* (L. Hughes 1950).
- Simple takes a wife* (L. Hughes 1953).
- Simple takes a claim* (L. Hughes 1957).
- The best of Simple* (L. Hughes 1961).
- Langston Hughes* (F. Dodd 1964).

COLECCAO

POETAS DE HOJE

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

ILHA DO DESTERRO

Sobre a obra poética de Alexandre Pinheiro Torres afirmou Jorge de Sena que «patenteia grandes dotes de inquietação lírica e de visão profunda, que uma expressão rica, muito ductil e volúvel, por vezes cinge com relevante vigor».

Portugália Editora
Av. Liberdade, 13, 3.º

the flower
power



the flower
power



the flower
power

JE VEUX REGARDER DIEU EN FACE — LE PHÉNOMÈNE HIPPIE

por
Michel Lancelot
ed. Albin Michel
Paris 1968

EM 1968 a genealogia dos «hippies» está devidamente determinada e as suas razões de comportamento foram e têm sido sobejamente analisadas pelos sociólogos para que se admitam ainda as falsas interpretações magazinescas postas em circulação por interesses do baixo comércio. Produtos de uma sociedade de consumo, são eles os jovens activistas do protesto contra essa mesma sociedade mas sofrem, por isso mesmo, da contra-propaganda que lhes deturpa a imagem essencial e das confusões que convenientemente foram postas a circular acerca da sua verdade.

Assim a juventude corrompida dos blousons noirs franceses, a dos mod e rockers britânicos ou a dos hooligans eslavos são modelos de oportunismo atirados contra a geração do Flower Power com o objectivo de desorientar e criar um conceito superficial e antagónico. Elvis Presley é posto em pé de igualdade com Bob Dylan, Susan Sontag e os escritores de São Francisco caem no index dos marginais. O «cocktail» do desprestígio passa a ser

servido em doses abundantes na baixa imprensa e nas avengas dos eruditos sensatos.

O FUMO E A ESSÊNCIA

Sucede porém que da confusão nasce o lucro, como muito bem sabem os

sensacionalista para que compense a escassez da informação com uma linha orientada de esclarecimento. Lancelot, por exemplo, estabelece uma definição social do «hippie» numa descendência imediata dos beatniks (o que não é de

ma o partido dos esotéricos revestindo o movimento de um sentido de religiosidade que de maneira alguma o pode situar no momento histórico em que se processa. Timothy Leary é «uma facção posterior» e à margem «hippie», Mandala e o sonho psicadélico não justificam o sentido contestório dessa juventude.

AS VOZES DIVERGENTES

É inegável que a tentação do Oriente e das filosofias imobilistas preenche uma parte considerável da filosofia existencial «hippie». Mas mesmo nos adeptos do «yoga» essa tendência raramente se sobrepõe ao movimento vivo e à expressão directa de acção. Os cartazes, a música simpática dos Beatles, as canções fortemente radicadas na vida actual, de um Bob Dylan, de uma Joan Baez ou de um Donovan mostram bem que a letargia não é o denominador comum da atitude «hippie». De resto há uma certa diferença entre um jornal new left como o Berkeley Barb e o esotérico Orache, entre o It (International Times) de Londres e o Ramparts de Nova York, embora qualquer deles se ocupem da questão e tenham grandes zonas de audiência nessa juventude. Tal como há fatalmente diferenças consideráveis entre as análises que Norman Mailer publicou sobre o problema (e de que Lancelot não faz menção) e a mística exaltação que é, ao cabo e ao resto, este Je Veux Regarder Dieu En Face.

DAYBREAK

por Joan Baez
ed. Dial Press, Inc.
Nova Iorque, 1968

FILHA DE um alto funcionário da UNESCO folk singer de primeira garndeza, Joan Baez representa actualmente a imagem do campus americano, a voz dos be in e dos sit in que

são, no meio universitário dos Estados Unidos, veementes expressões de confiança e de solidariedade. Como Bob Dylan, como Miriam Makeba, ela tem na idade da discoteca um lugar à parte e de cotação universal. Como em qualquer destes ídolos, o seu prestígio assenta numa consciência cívica exigente e numa sólida formação intelectual.

«Daybreak», um sucesso literário que a Dial Press, de Nova Iorque, acaba de lançar, é a prova pública dessa profundidade interior. Ao escrever a sua «autobiografia precoce», Joan Baez deu uma nova dimensão à sua voz. Os anos de infância que ali estão analisados numa prosa directa e repassada de um lirismo sadio, a experiência estudantil, o amor e a indignação, os retratos dos heróis contemporâneos (do próprio Bob Dylan, entre outros) tudo isso traz a estas memórias um sabor de circunstância que prende

pela simplicidade da confissão e pela alegria de viver que se desprende de cada página.

Os leitores devotados de Ian Fleming e os turbulentos fanáticos de Elvis Presley repudiariam certamente o tom tranqüilo e primaveril do livro de Joan Baez. E houve críticos, como Richard Goldstein, do «The New York Times», que se empenharam em destacar as ingenuidades ou a falta de ofício literário que «Daybreak» evidencia num ou noutro ponto. Isso, que aconteceu com os relatos vívidos que ficaram na História como documentos, não destrói de modo algum o valor das memórias de Joan Baez. Permite-lhe, pelo contrário, em muitos casos, transmitir com ternura inesperada ou com fulgor confessional, o clima sentimental de uma experiência que se está a rever directamente sobre o papel e que é tão rica, embora tão breve ainda, de acção e de sonho.



As deturpações calculadas: o Esquire dedicou um número à «sociologia» do Campus americano...

«trustmen», dos mercados de juventude. E, assim, a imagem superficial do «hippie» devidamente mercantilizada transformou-se numa vitória comercial das mesmas sociedades de consumo. O hippie way of life foi então devidamente explorado pelos ditadores de Carnaby Street e de indústria do gira-disco...

Apesar disso a face verdadeira do movimento subsiste. O Human Be In de Janeiro de 1967 que reuniu 40 000 jovens no Parque de Golden Gate, os recitais de Liverpool, o Underground Cinema, a escola de Andy Warhol — centenas, enfim, de manifestações superiores consolidaram e continuam a definir o espírito do Flower Power. Michel Lancelot no seu estudo Je Veux Regarder Dieu En Face — le Phénomène Hippie aponta uma longa série de acontecimentos significativos na evolução desta juventude. Mas se esse Prólogo Cronológico é insuficientemente esclarecedor, o espírito da obra é por demais

todo inexacto) mas não se refere ao fenómeno hippster, que, esse sim, foi o que mais directamente o inspirou. As raízes intelectuais do movimento são também contornadas confusamente numa amálgama apressada de conceitos e o LSB toma o papel do «grande revelador» quando, na verdade, ele ocupa uma posição secundária (e actualmente renegada em muitos casos) na ética «hippie». Jornalista do Combat e de l'Aurore, Lancelot toma em relação ao proble-



JOAN BAEZ:
a flor e o cântico

LÍNGUA ITALIANA

AINDA ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

PARA OS NOVOS CURSOS PARA PRINCIPIANTES, A CARGO DE PROFESSORES ITALIANOS, COMEÇADOS EM 14 DE OUTUBRO

CURSO TRIENAL DE LÍNGUA, CURSO DE CONVERSACÃO, CURSO DE CULTURA (LITERATURA, ARTE, MÚSICA) A COMEÇAR EM NOVEMBRO. MANIFESTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS—EXPOSIÇÕES DE ARTE.

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA
RUA DO SALITRE, 146 — TEL. 68 41 72

INSCRIÇÕES: DAS 10 ÀS 13 e DAS 16 ÀS 20 HORAS

Aos melhores alunos do Instituto serão concedidas bolsas de estudo para frequentar cursos de Verão em Itália. A taxa de frequência são 300\$00 para todo o ano.

José Gomes Ferreira

50 ANOS DE POESIA

1918
1968

acaba de sair
POESIA-III
(3.ª edição)

Obras de
José Gomes Ferreira
A MEMÓRIA DAS PALAVRAS
IMITAÇÃO DOS DIAS
POESIA-I
POESIA-II
POESIA-III
AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JOÃO SEM MEDO

novos livros que o autor prepara
POESIA-IV
TEMPO ESCANDINAVO (contos)
O IRREAL QUOTIDIANO

brevemente reedição de
O MUNDO DOS OUTROS
(histórias e vagabundagens)

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

José Gomes Ferreira não é mais poeta como era por José Fernando Pessoa por não se dar o espectáculo de si mesmo dividido em dois como José Régio. Mas esta é a sua real família ou a sua família real. Nem imitação, nem paratexto aqui se incluem. Se não fosse filho de si mesmo, não se poderia falar dele.

Resposta de Alberto Ferreira

(Continuação da 5.ª página)

me saíu nos pontos, mas Camões, José Régio e Fernando Pessoa... Ai de mim! Não vou insistir na intocabilidade do juízo próprio nem na vulnerabilidade do alheio, mas nas glosas de alguns motes que se foram perdendo nas névoas do outeiro. Supunha eu, em Húsório supor, que se desaterrara da maldadada República das Letras a necessidade psicológica (e talvez moral) de gozar a crua alegria de ganhar o jogo, mesmo que este se trave à beira do suplicio, ou seja, no duro exercício de escrever. Não assim, como eu julgara, não assim como parece ressaltar da réplica (sê-lo-á?) de Régio. Permita-me dizer isto, nesta agradável liberdade da escola liberta de medos e de puxões de orelhas. Trata-se, creia, de um dito inocente e que, ao cabo, inteligentemente interpretado, (ou indulgentemente), lhe é favorável. Pois que maior elogio para um escritor, com a sua idade cronológica, que insinuar que ele, o Escritor, mergulha as fundas raízes do seu espírito na adolescência! Deixo isto claramente expresso no fito de proteger esta nossa conversa das trabuzanadas dos nossos costumes polémicos. Demasiado se transformaram as discussões literárias em enfadonhas e cruéis batalhas de «morte». Ah!, e eu bem no sei, a palavra pode dividir os homens até ao corte de relações. É a primeira vez que me meto numa alhada destas e bem arrependido estou pois me não falta trabalho! Crente, todavia, que nem sempre a palavra divide mas também une, aqui me tem, encorajado por uma expressão feliz de Camilo, a propósito do que se diz e escreve, «porque lá está o claro entendimento de quem lê para as distinguir...» às palavras.

Antes de comentar algumas discordâncias, afigura-se-me medida adequada à situação, sublinhar certas concordâncias de juízo. E há, bem vistas as coisas, alguns pontos em que o juízo do Mestre é perfilhado por este seu humilde admirador. O nor-

mal nas pessoas que assistem a estas controvérsias é ignorar as zonas de acordo e cavar no fofo da discórdia (a palavra é forte, arredonde-se...). Concorde consigo em que a minha conversa parece «fraquinha» (não lhe chamemos resposta). Refiro-me à réplica Os Intocáveis. Não se interrogou porquê, Mestre? Afigura-se-lhe que o seu comentário continha substância, ou «forcinhas», para muito mais? Quando cometi aquela «fraqueza», limitei-me a seguir o entono, a toada, o tom, o mote, do seu artiguinho. Não vi, sinceramente, não vi (já se vê que a minha «cegueira» não é para desprezar, o Mestre já me avisou) mas não conseguia preitar grande coisa no seu comentário. E o que lá foi dito de importante comentei-o eu de aquele modo sem importância. Acha, Mestre, que a partir de tal matéria poderia eu elaborar uma teoria, construir um sistema, fundar um movimento, descobrir uma lei? O que mais importava no meu estudo sobre o Romantismo Português não foi comentado. Sei, agora, pelo seu segundo comentário, que manifesto «aturadíssimo labor», etc. Cumprir repetir, mil vezes, que esse «aturadíssimo labor» foi partilhado, e com que talento! por Maria José Marinho. Diz ainda, no seu segundo comentário, que «o que é preciso é discutir os juízos, as interpretações, as teses — por que estes estão muito longe de ser intocáveis». No que abundo. E não faltam por lá teses, hipóteses, juízos (e se me quiser conceder esse favor, novas categorias e critérios de valoração...) que urge discutir. Tornarei a este assunto. Mas continuemos no aturado recenseamento dos acordos, fazendo notar que não procuro evanescentes aproximações subjectivas nas quais convergimos os dois, pode crer... Concorde consigo em que Camilo é «desigual e irregular», concordo em que ostenta «excessos e faltas de bom-gosto» mas sem o gosto sublinhado... No limite, o bom senso roça a mediocridade tal como a falta de bom-gosto toca o mau gos-

to. Releia-se Descartes, que sobre estas coisas simples, deixou ideias claras e distintas... Se me exige o passo busca-lo-ei na tradução que dele fiz (gemendo!) para a nossa amada língua. Concorde ainda em que o seu realismo (quando por aí anda, previno eu, cuido que com fortíssimas razões), é admiravelmente expresso (mais do que expresso propondo eu em crer) em tantas e tantas páginas magistrais. Coloco aqui algumas reservas quanto à «espontaneidade» do processo criativo pois me parece que é minimizar a capacidade intelectual de um artista que ambos admiramos e desejamos seja julgado plenamente. Problema que nos levaria horas e horas a contar... Porém, peccadilhos de hermenêutica simplificada quem os não comete? E eu serei grande pecador no capítulo. Mas não há intocáveis, pois não Mestre? Que me corrijam, eis o que peço. Prossiga-se no exame das analogias de juízo. Também concedo em que o estilo dele «talvez», «talvez (seja) o mais rico e variado de toda a literatura portuguesa». Aceito, sobretudo, o carácter dubitativo da proposição. Aceito a sua escrupulosa dúvida, para não dizer cepticismo, claramente explicitada no emprego prudente do «talvez». Com efeito, não será rico e variado o estilo de Régio? Não o será também o de Aquilino, o de Pascoais e o de Fernando Pessoa, o de Eça de Queiroz, o de Garrett? E o de Virgílio Ferreira, e o de José Cardoso Pires? Valerá a pena fazer o totobola dos estilos dos grandes escritores, ou de pautar na mão, classificar os escritores nos jogos olímpicos do estilo? Espero, mesmo neste pormenor, que o caro amigo, ainda que me não aprove quanto à forma, me conceda o merecido beneplácito quanto ao conteúdo. E por agora encerro o inventário das concordâncias.

No tocante às suas qualidades de psicólogo (para empregar o seu próprio vocábulo) não me atrevo eu, «insensível» e «preconceituoso classificador do moderno dogmatismo» (ci-

to de memória), a contestá-las. Juro-lhe (ainda se usará disto, fora dos formulários ressequidos das instituições?), mas juro! que ignorei, até às provas de composição vindas da Comissão de Censura, a intervenção «dos meus amigos» e, que o saiba, só um veio «à ligeira...» Por minha banda, não acredito que Augusto da Costa Dias se tenha disposto a gastar as suas preciosas horas de insónia (que as tem como o bom do Camilo!) por mera amizade individual, embora, como Cicero, ambos muito prezemos a dita amizade. «Reforço», sugere o Mestre. E porquê?! Imagina-nos numa espécie de caça às bruxas, ou julga-nos sucessores de lusitanos cruzados? Francamente, francamente, não me del conta de que Alcácer-Quibir estava à vista. Há muito que escuto o crepitar do lume, mas não me lembra de ouvir a barulheira das quebradas lanças... Sinto-me tentado a aproveitar de outro modo o seu expressivo verso «sei que não vou por aí». Mas seria explorar efeitos fáceis de uma metáfora rica de sentido e significação. Não o faço, pois seria feia acção. Terminando, por hoje, lhe declaro, respondendo à sua inadequada alusão, que nem escolhi a «excelente caricatura de Pomar», nem é meu o «risonho rótulo por baixo». São coisas de jornalismo que nem eu nem o meu excelente amigo (ao que supponho) teremos de nos ocupar. Mais uma palavrinha: bem sei, ou ao menos cuido saber, que, adoptando o registo sério, ou talvez melhor, não-irónico, não existem intocáveis para si nem para ninguém com o mínimo equilíbrio mental. Inútil, portanto, se me afigura o seu veemente protesto. Claro, claríssimo, que em tal registo de comunicação e nesse irradiar da sensibilidade privada de ironia, só, de facto, «analfabetos, cegos, loucos, surdo-mudos e não sei que mais...» Não o somos, pois não? Terei assim o olímpico gosto de fechar esta carta com mais uma concordância!

ALBERTO FERREIRA

impossível
passar
despercebido...



...descobrem-no sempre! Mesmo que você se esconda entre a multidão das grandes cidades, descubram-no sempre... Infelizmente! É que a qualidade e o requinte da sua elegância, denunciam-no. Natural! Você veste o melhor: tecidos PAULO DE OLIVEIRA... e assim é impossível passar despercebido! (Repara também que os tecidos PAULO DE OLIVEIRA em PURA LA VIRGEN/WOOLMARK, são feitos com as mais finas lãs austríacas; são muito resistentes e mantêm-se sempre impecáveis). A propósito: já consultou, no seu fornecedor, a última revista PAULO DE OLIVEIRA, sobre a moda masculina, para o Outono/Inverno?



confie na WOOLMARK

TECIDOS PAULO DE OLIVEIRA

a Qualidade que marca a Moda

A «Paixão» de Almeida Faria

neira a literatura portuguesa, dado que se trata de uma obra a muitos títulos difícil de traduzir, quer pelas originalidades do estilo, quer pela construção narrativa, tão pessoal e tão subtil.

Almeida Faria, que com o seu primeiro romance, *Rumor Branco* (1962), obteve o «Prémio da Revelação» da S.P.E., passa agora além-fronteiras e é mais um dos nossos autores a contribuir para a internacionalização da literatura portuguesa. A largueza de inventiva, a segurança de construção e a probidade do tratamento dos temas — tudo, em suma, o que a Crítica tem posto em destaque em relação a Almeida Faria — foram em boa hora reconhecidas pelos editores alemães de *A Paixão* que, com acerto, seleccionaram

um escritor português verdadeiramente representativo.

Uma voz única: António Gedeão

«Ali está um poeta novo e diferente», escreveu Jorge de Sena na extensa e rigorosa análise que faz da obra de António Gedeão (*Poesias Completas*, Portuguesa Editora, 1968). E realmente o reconhecimento comum de ser esta uma das vozes mais profundas e mais pessoais da poesia portuguesa contemporânea reassume flagrante evidência quando, como agora, relemos, comparamos e meditamos os quatro admiráveis livros — *Movimento Perpetuo*, *Teatro do Mundo*, *Máquina de Fogo* e

Linhas de Fogo — que se reúnem neste volume.

A excepcional importância



cia de António Gedeão na literatura portuguesa contemporânea tem sido — felizmente — reconhecida; o processo da sua criação

poética, a renovação de tradições que ela implica e o exacto saber oficial com que a realiza, é Jorge de Sena quem, até ao mais pequeno pormenor vem demonstrar; mas a pureza de imagens, o fulgor da invenção e o tom dos versos de António Gedeão isso é que, acima de tudo, se desliza na leitura dos poemas deste livro. Extraor-

dinário momento, este que a nossa poesia apresenta quando nela se eleva uma voz tão pessoal e tão inteligentemente despretensiosa. E rara felicidade, também, a de um poeta encontrar um estudioso que, como Jorge de Sena, desmonta, associa e «explica» um acto tão sábio e tão trabalhado como o de criar, com pureza, Poesia.



A PAIXÃO, o notável romance que impôs Almeida Faria nas letras nacionais, acaba de ser publicado na Alemanha. O facto em si mesmo é realmente significativo e honra sobrema-

Morte de um computador

por José Vaz Pereira

«No meu campo especial da radioastronomia, estamos em condições de encerrar as possibilidades de receber sinais de regiões do Universo que distam da Terra perto de seis, sete ou oito milhões de anos-luz.» Sir Bernard Lovell.

Os factos de 2001: *Odisseia no Espaço* são também de 1968. Prevê-se já que, num futuro próximo, um computador possa «dialogar» com um ser humano; está dentro das previsões da NASA que, antes do Natal de 1969, Apolo 11 aproximando-se da Lua, liberte um módulo com autonomia operacional, capaz de colo-

car cosmonautas naquele satélite. Considera-se já uma certeza que os computadores, longe de se fixarem numa maquinaria complexa de botões, tubos e circuitos e de ocuparem zonas apreciáveis de espaço, se reduzam ao tamanho duma caixa de charutos e deixem de ser utilizados apenas por grandes firmas industriais e serviços públicos para se individualizarem como os transistores portáteis dos nossos dias. Zond-5 provou a infinita precisão atingida pelos instrumentos de controle remoto.

O filme exibido com tanto êxito e polémica em to-

do o Mundo resultou da colaboração íntima entre Stanley Kubrick, cineasta americano de vanguarda e Arthur Clarke, especialista britânico em comunicações espaciais e autor de ficção científica. Mas Kubrick dispôs sobretudo do mais vasto complexo técnico-artístico já realizado na história do cinema; socorreu-se da opinião de verdadeiras autoridades em assuntos de cosmonáutica; revolucionou, depois dum período de investigação e experiências exaustivas, os cerrados limites laboratoriais em que parecia encerrada a produção fílmica; definiu-nos novas noções de tem-

po e de espaço e construiu uma imensa relojoaria de precisão, tão perfeita e tão equilibrada, que torna plausíveis os mais ambiciosos sonhos do homem. 2001: *Odisseia no Espaço* é, nesse aspecto e antes de mais nada, uma tremenda e excitante vitória.

Assim, enfrentamos um filme de perto de 2 horas e 15 minutos em que o diálogo se limita a ocupar uma escassa meia hora. Por isso mesmo e com alguma miopia, certa crítica acusou Kubrick e Clarke de não respeitarem elementos clássicos como a intriga e o recorte psicológico. Como se estivessem em jogo as mesmas realidades que motivam e explicam os outros filmes! E, contudo 2001: *Odisseia no Espaço* consegue uma envolvente fluidez apesar do tempo mínimo dedicado ao diálogo.

A obra de Kubrick torna obsoleta uma vasta filmografia de ficção científica que não lograra ultrapassar as fronteiras duma antecipação mais ou menos folhetinesca nem duma literatura populista de divulgação. Ainda que o prólogo da película fizesse recuar um documento tipo «Enciclopédia pela Imagem», cedo reconhecemos que em 2001: *Odisseia no Espaço* a própria improvisação vem revestida dum rigor que quase a atraiçoa. Mas, a esse rigor, Kubrick junta a procura sistemática de novos efeitos, a utilização vem revestida dum realismo impressionante, o emprego de espelhos (como na psicadélica viagem a Júpiter), a solarização de negativos. Tudo isso contri-



Nave espacial 2001

laje de simplicidade assustadora que parece marcar as várias etapas do homem, personificar o desconhecido ou a atracção do desconhecido, ter, no meio do seu mistério, uma omnipresença que desafia o tempo.

E a laje acaba por reaparecer no salão Luis XVI em que o cosmonauta se identifica com diversas e perturbadoras fases da sua vida: no «outro» homem que ele vê encontra-se a si próprio, o tempo e o espaço têm novas dimensões, a realidade um carácter incontrolável e ambíguo e a passagem dos anos não preside qualquer cronologia razoável. O homem volta sempre ao princípio e mesmo que a sua caminhada seja reveladora, o caminhar que termina a jornada não é o mesmo que a inicia.

Do Espaço volta-se à terra e o homem surge de novo, a despontar para a vida sem que saibamos se a criança do Cosmos representa mais sabedoria do que a trajetória falível dos seus predecessores.

A laje poderá simbolizar dezenas de hipóteses, desde Deus até à procura duma identidade. Esta amplitude, tal como o *rosebud* de Orson Welles, em vez de se tornar hermética, fornece uma infinita abertura a diversas interpretações.

2001: *Odisseia no Espaço* entra em linha de conta com uma das grandes revoluções dos nossos dias: a revolução das comunica-

(Continua na 2.ª página)

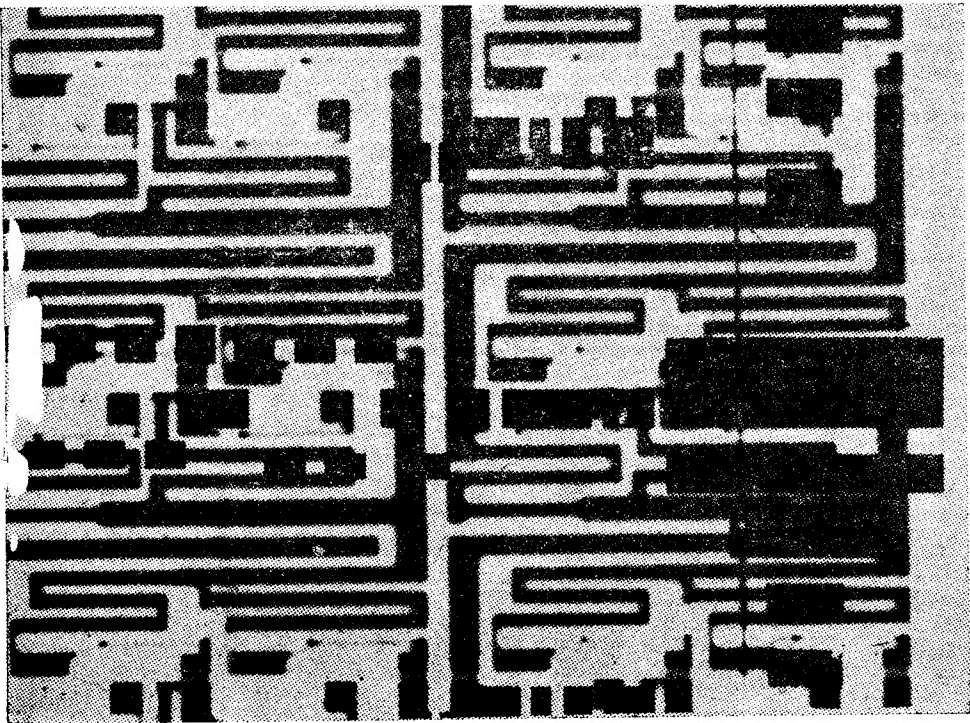


Diagrama de microcomputador Olivetti

Elogio do boato

por João Martins Pereira

As teorias da comunicação, os estudos sobre tratamento da informação — tão na moda actualmente — desprezam, como coisas sérias que pretendem ser, um importante elemento de informação: o boato. Parece-nos injusto. Será o boato sinónimo de informação falsa? Não. De outro modo, como se explicariam aquelas notícias que dizem: «Confirmar-se os boatos de que...»? Se nos socorrermos do que aprendemos no liceu quanto à classificação das costelas (verdadeiras, falsas e flutuantes, se a memória não falha) e dividirmos as informações por idênticas categorias, o boato não figurará, portanto, entre as falsas, mas sim, com todo o rigor, entre as flutuantes. O boato flutua, não se sabe bem onde nem quando nasce, onde nem quando morre. A não ser, é claro, sempre que diga respeito a factos que permitam, posteriormente, verificar-lhe a exactidão. Isso é de resto secundário. Até porque, entretanto, ele já caiu no esquecimento. O boato vale por si mesmo, actua no preciso momento em que é comunicado. Suscita, conforme o seu conteúdo (ou

mensagem) e as características do meio receptor — indivíduo isolado fumando distraidamente à beira de um passeio, mesmo sentado a ler um jornal à mesa de um café, mesmo ao telefone, grupo reduzido em qualquer das duas primeiras situações ou noutras imagináveis, etc. (1) — a total adesão, a dúvida, a gargalhada, a discussão. Nenhuma destas atitudes, diga-se desde já, tem algo que ver com a sua verosimilhança, como esta com a realidade a que diz respeito. Ai reside, precisamente, toda a riqueza da relação «boatífica» (termo que nos valerá o ódio dos puristas, mas que julgamos mais adequado do que «boateiro», melhor no papel de substantivo, ou do que um hipotético e anónimo «boatál», igualmente pouco ortodoxo): qualquer boato, por mais inverosímil, tem as mesmas probabilidades de vir ou não a ser confirmado, do mesmo modo que será facilmente aceite em certos meios e momentos, e ridicularizado noutros. A referência relação, que se traduz na prática pela que se estabelece entre o emissor e o receptor do boato, faz

lembrar as situações de que trata a teoria dos jogos (ou, em linguagem mais corrente mas não menos moderna, seria uma relação «estratégica»). Assim, o receptor poderá reagir mentalmente desta maneira: Se dou a entender que acreditei, ele vai pensar que sou um anjinho, mas, por outro lado, se ponho em dúvida, ele...; e o emissor destoa: «Ele parece ter acreditado, mas por certo está a fingir, pois é capaz de saber coisas que não quer dizer, e se assim for...», e por aí adiante. Acresce a esta ambiguidade o facto de não ser fácil identificar um boato como tal. É sabido que certas expressões introdutórias — «garanti-ram-me que», «foi-me contado por um amigo íntimo do tipo», «queres ouvir esta que é autêntica, posso-te jurar a pés juntos», e tantas outras — não deixam lugar a dúvidas, mas nem sempre isso acontece. Com efeito, obra de imaginação quantas vezes próxima da obra de arte, no que não tem paralelo com outro qualquer veículo da informação, o boato toma com frequência formas a tal ponto sofisticadas que, ser-

vido por um bom intérprete, se torna irreconhecível. O boato é, na realidade, mais do que comunicado, interpretado, como o é a letra de uma canção, e, como esta, terá mais ou menos sucesso segundo o talento empregado para o exprimir.

Obra de imaginação. Não será afinal uma prova, ou uma confissão, de que é necessariamente falso, no plano da informação? De nenhum modo: imaginação não é sinónimo de fantasia. A custa de imaginação, que não só de técnica, consegue o caricaturista mostrar-nos a realidade, com meia dúzia de traços, assim como nos pode dar, noutros momentos, figuras arrancadas por inteiro à fantasia. E, já que falamos de imaginação, porque não reconhecer em tantos boatos que por aí se ouvem o dedo de um surrealismo qui n'ose pas dire son nom?

Para quem, depois do que fica dito, insista em não

considerar apaixonante a problemática do boato e em não conferir a este o lugar e a dignidade que merece, um último apontamento sobre o que poderíamos chamar a função social do boato. Não vamos, decerto, negar que, em torno de um boato, qualquer de nós já participou em discussões entusiásticas, que puseram em jogo toda a inteligência e discernimento de que fomos (ou não) dotados — não será isto uma função educativa, ao manter desbertas as nossas faculdades intelectuais? Nem vamos esquecer os largos momentos de ócio que teremos passado a tentar desmontar todo um mecanismo que nos foi sugerido por um ingénuo boato, na ânsia de descobrir algo que antes desconhecíamos — evidente função cultural e ocupação de *loisirs*... Sem falar no interesse cívico da confrontação de ideias, de posições distintas em relação a problemas que,

sem boato, não nos fariam deter um instante.

É óbvio que, retomando a classificação proposta de início, a informação flutuante (o boato) perde fatalmente terreno em meios onde triunfa a árdua informação verdadeira. Talvez esta tenha outros encantos e outras virtudes, mas não nos permitindo a imaginação ir tão longe, quantas noites de angústia já nos poupou, quantas alegrias — mesmo que efémeras — nos proporcionou esse desconhecido, o boato.

(1) Notar que o boato é um veículo de informação essencialmente utilizado no diálogo ou na conversa entre poucas pessoas. Não é corrente, por exemplo, ser transmitido por um orador perante vasto auditório, embora haja circunstâncias propícias a isso, e não deixem de ser aproveitadas. O boato tem qualquer coisa de afectivo, de íntimo. Na maior parte dos casos não é dito, é cochichado ou ciciado.

